

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

WILSON CARVALHO NIZ

SKINNER E SAUSSURE:
POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E A LINGUÍSTICA
MODERNA

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

WILSON CARVALHO NIZ

SKINNER E SAUSSURE:
POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E A LINGUÍSTICA
MODERNA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para Graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni

SÃO PAULO

2014

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço a duas pessoas especiais, Natália Lopes Canzian, minha namorada, que sempre está comigo e me apoia para tudo e Willians Carvalho, meu irmão gêmeo, a quem sou eternamente grato por ser quem é, meu melhor amigo e companheiro para tudo.

A minha orientadora Mônica Helena Tieppo que além de ser a pessoa mais legal do mundo, acreditou em mim desde o começo, dando apoio total a esse trabalho, deixando-me a vontade e acalmando meus ânimos quando estava preocupado como andamento do trabalho.

Também agradeço ao Glauco Canzian, Vanessa Carvalho, por toda ajuda que me ofereceram. Ao Denigés (Jazz) que me deu as primeiras orientações extra-oficiais neste trabalho me indicando a especialistas da área. Agradeço a Denise Rubano por ter me apoiado ainda no início e indicar as referências mais importantes desse trabalho.

Agradeço e dedico este trabalho aos meus pais, Genuita Carvalho e João Alves Damasceno Niz, por tudo que fizeram e ainda fazem por mim e por meus irmãos.

Área de conhecimento: 7.07.01.01-6 História, teorias e sistemas em Psicologia

Título: *Skinner e Saussure: Possíveis Diálogos entre a Análise do Comportamento e a Linguística Moderna.*

Ano: 2014

Orientando: Wilson Carvalho Niz

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni

RESUMO

Nesta pesquisa pretendeu-se promover um diálogo entre a metodologia e teoria científica de Burrhus F. Skinner relacionados ao comportamento verbal com a de Ferdinand de Saussure divulgada na obra *Curso de Linguística Geral*. Para tanto, a pesquisa compreendeu duas etapas metodológicas: a primeira, consistiu na coleta dos dados, representada pelos procedimentos de seleção das obras e a leitura sistemática dos textos auxiliada por um quadro de registro que destacou e classificou trechos relevantes dos autores segundo os propósitos da pesquisa. A segunda etapa metodológica tratou-se da análise dos dados, organizando-se os trechos que favoreciam pontos nos quais foram possíveis aproximações e distanciamentos entre os autores. Tanto a metodologia como a redação dos capítulos da pesquisa foram sustentados por quatro categorias fundamentais (objeto de estudo; método científico; unidades de análise; e concepção de sistema) as quais explicitam a teoria e a epistemologia criada e adotada pelos dois autores resultando na apresentação de argumentos que destacam as possibilidades de aproximações e distanciamentos entre Skinner e Saussure.

Palavras-chave: Saussure. Linguística Sincrônica. Skinner. Comportamento Verbal.

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 O QUE JUSTIFICARIA O ESTUDO	13
2 MÉTODO	17
2.1 SELEÇÃO DOS AUTORES E DAS OBRAS	17
2.1.1. OBRAS SOBRE A LINGUÍSTICA (SAUSSURE)	17
2.1.2 OBRAS DO BEHAVIORISMO RADICAL (SKINNER):	18
2.2 COLETA DE DADOS E ORGANIZAÇÃO DOS TRECHOS SELECIONADOS	19
2.3 CLASSIFICAÇÃO E COMPARAÇÃO.	20
2.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.	22
3 RESULTADOS:	24
PRIMEIRA PARTE: SAUSSURE	24
3.1 PRÓLOGO (SAUSSURE)	24
3.1.1 TAREFA E MATÉRIA DO LINGUISTA SEGUNDO SAUSSURE.	24
3.1.2 A LINGUÍSTICA	25
3.2 OBJETO DE ESTUDO	28
3.2.1 LINGUAGEM: A PROBLEMÁTICA NO OBJETO DA LINGUÍSTICA.	28
3.2.2 DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO. A LÍNGUA.	29
3.2.3 O OBJETO DETERMINA O MÉTODO.	32
4. QUESTÕES DO ACESSO À LÍNGUA.	34
3. 2. 4 DELIMITAÇÃO DO QUE É INTERNO E EXTERNO NA LÍNGUA.	39
3.3 MÉTODO	41
3.3.1 QUESTÕES DA EVOLUÇÃO DA LÍNGUA QUE SE IMPÕEM AO MÉTODO.	41
a. Imutabilidade	41
b. Mutabilidade	43
3. 3. 2 DICOTOMIA METODOLÓGICA:	44
3. 4. UNIDADES DE ANÁLISE	51
3.4.1.A TEORIA DO SIGNO	51
a. A definição do signo linguístico (entidade concreta da Linguística).	51
b. Os princípios primordiais do Signo Linguístico	52
3.4.2 O PROBLEMA DA DELIMITAÇÃO DAS UNIDADES CONCRETAS.	55
3. 4. 3. O QUE SE DESDOBRA EM RELAÇÃO AO PROBLEMA DA UNIDADE LINGUÍSTICA.	58
a. O que define a Identidade sincrônica?	58
b. E a questão da realidade sincrônica?	59
c. O Valor sincrônico.	60
3.4.4 DEFINIÇÃO DA UNIDADE CONCRETA DA LINGUÍSTICA SINCRÔNICA	63
3.5 LÍNGUA COMO SISTEMA	67

3.5.1. LINGUÍSTICA IDIOSSINCÔNICA: O ESTUDO DO SISTEMA DA LÍNGUA	67
3.5.2. FUNCIONAMENTO DO SISTEMA.	69
a. Relações Sintagmas e as Relações Associativas.	70
b. Arbitrário relativo e Arbitrário absoluto	74
SEGUNDA PARTE: SKINNER	76
3.6 PRÓLOGO (SKINNER)	76
3.6.1. CRÍTICA ÀS FORMULAÇÕES TRADICIONAIS	76
3.6.2. TAREFA E A MATÉRIA DA ANÁLISE FUNCIONAL DO COMPORTAMENTO VERBAL	78
3.6.3 UMA PROPOSTA BASEADA NA CIÊNCIA NATURAL	79
3.7 OBJETO DE ESTUDO	82
3.7.1 COMO SKINNER ENCARA SEU OBJETO DE ESTUDO.	82
3.7.2. O OBJETO DE ESTUDO DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	85
3.8 MÉTODO	91
3.8.1 A FILOSOFIA DA NATUREZA E ANÁLISE CIENTÍFICA DO COMPORTAMENTO	91
3.8.2. AS VARIÁVEIS DAS QUAIS O COMPORTAMENTO É FUNÇÃO	92
3.8.3 A ANÁLISE CIENTÍFICA DO COMPORTAMENTO VERBAL	95
3.9. UNIDADES DE ANÁLISE	100
3.9.1. A DELIMITAÇÃO DA UNIDADE DE ANÁLISE	100
3.9.2. AS UNIDADES DE ANÁLISE DE SKINNER: OS OPERANTES VERBAIS.	102
a. O Mando.	102
b. Operantes verbais controlados por estímulos verbais com reforços condicionados generalizados.	104
c. Intraverbal	107
d. O Tato	109
e. O Autoclítico.	112
3.10 MECANISMOS QUE FAZEM O COMPORTAMENTO VERBAL COMO SISTEMA	114
3.10.1 INTRODUÇÃO	114
3.10.2 O PAPEL DO OPERANTE VERBAL NA SUGESTÃO DE SISTEMA NO COMPORTAMENTO VERBAL	115
a. Os operantes em sua versão ampliada ou estendida.	115
b. O autoclítico	122
4 DISCUSSÃO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DAS TEORIAS	127
4.1 CONTEXTO ACADÊMICO E CIENTÍFICO E CONCEPÇÕES INICIAIS	127
4.1.1 CRÍTICA AOS ESTUDOS TRADICIONAIS E SUAS FORMULAÇÕES INOVADORAS.	127
4.1.2 AS TAREFAS E MATERIAIS DOS AUTORES.	128
4.2 OBJETO DE ESTUDO E MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO.	129
4.2.1 CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DO OBJETO DE ESTUDO.	129
4.2.2 IMPLICAÇÕES DO OBJETO PARA O MÉTODO.	132

4. 2. 3. OS MÉTODOS.	134
4. 3 UNIDADES DE ANÁLISE E O SISTEMA DA LÍNGUA/COMPORTAMENTO VERBAL	135
4.3.1 DELIMITAÇÕES DAS UNIDADES	135
4. 3. 2 SISTEMA DA LÍNGUA OU CARACTERÍSTICAS DOS OPERANTES VERBAIS?	138
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143

1 INTRODUÇÃO

A comunicação, a fala, as línguas ou qualquer uma das diversas manifestações da linguagem ocupa, desde muito tempo, lugar prioritário na atenção dos homens. Isso pode ser observado em mitos, lendas, cantos que indicam este interesse antigo e misterioso que a linguagem carrega (PETTER, 2002). Apesar dos notáveis avanços práticos, metodológicos e epistemológicos conquistados nesta área de investigação, até os dias de hoje, o estudo da linguagem não se esgota em explicações e teorias existentes.

De fato, para qualquer área de estudo, seja científica ou filosófica, frequentemente há na comunidade científica uma discordância de qual é de fato seu objeto de estudo ou qual a metodologia que mais responde às expectativas do propósito investigativo mais geral.

Na história do estudo da linguagem não foi diferente. O consenso metodológico e a definição do objeto de estudo nunca foram consolidados desde os primeiros interesses dos homens pela linguagem e até agora garantiram calorosas discussões.

Apesar de muitos linguistas não duvidarem de que o objeto de investigação do estudo da linguagem seja a *língua*, ainda não podemos dizer que exista uma homogeneidade nos pontos de vistas de todos aqueles que se propuseram a esse estudo, pois a própria definição de *língua* é diferente de autor para autor.

Os primeiros estudos da linguagem, os quais deixaram registros de tempos antigos, foram motivados por interesses religiosos. Seus propósitos seriam preservar a imutabilidade dos textos sagrados (reunidos no *Veda*) e, para tanto, alguns gramáticos hindus estudaram sua língua sistematicamente produzindo modelos de análise que foram descobertos no final do século XVIII pelo Ocidente cujo achado influenciou tanto o objeto quanto a metodologia dos primeiros estudos científicos da linguagem (PETTER, 2002).

Contudo, segundo Émile Benveniste (1963) a linguística ocidental tem sua origem no legado da filosofia grega em que as preocupações com as condições originais

das línguas ganhavam interesse principal, ou seja, as questões importantes giravam em torno da dúvida de se as línguas seriam naturais ou construídas socialmente. Estas teorias, portanto, não visavam o funcionamento da língua em si mesma, isto é, não consideravam ainda que haveria qualquer tipo de estrutura intrínseca à língua. Desta forma, somente produziam especulações filosóficas que, para Benveniste, caracterizam a primeira fase da história do estudo da linguagem.

Consoante com o autor pode-se afirmar que a fase posterior, ou seja, a segunda etapa histórica do estudo da linguagem, tem uma lógica parecida, pois norteia-se nos aspectos variáveis e particulares da língua; nesta fase, havia uma preocupação histórica e empírica sobre as línguas. Tais estudos baseavam-se no desenvolvimento evolutivo das línguas restringindo-se ao nível do vocabulário e suas lentas modificações; assim, assemelhavam-se ao estudo biológico dos seres vivos que atravessam gerações em vagarosas mutações (BENVENISTE, 1963).

A *Linguística Histórica* surge com a publicação em 1819 do livro de Frans Bopp que apresenta um sistema de conjugação do sânscrito comparado ao grego, ao latim, ao persa e ao germânico. Após o trabalho deste linguista, o destaque das semelhanças entre as línguas de diferentes lugares evidenciaram uma relação de *parentesco* que se originou de uma língua em comum, o indo-europeu, constituindo dessa forma a família linguística indo-européia (PETTER, 2004).

Esse método de comparação propunha-se como uma ciência histórica, observando a história da língua a partir das modificações observadas e, por isso, Benveniste (1963) afirma que com tal método deixaram de se questionar sobre dúvidas importantes tais como: “Qual é a realidade da língua?”, “A língua embora mudando, permanece a mesma?” ou então “Como funciona a relação entre som e sentido?”.

Entendendo a história do estudo da linguagem por este ponto de vista, vemos que a afirmação de Benveniste (1963) enfatiza que até a segunda fase histórica do estudo da linguagem a *língua* não havia sido estudada em seus níveis fundamentais e é a partir da definição de Ferdinand de Saussure que o desenvolvimento da linguística dá o próximo passo essencial.

Os linguistas, depois da publicação do livro póstumo de Saussure em 1916, consideraram sua contribuição fundamental para um novo método de estudo da linguagem que iria influenciar até mesmo o método histórico da linguística.

Saussure define a *lingua* como um sistema autônomo de signos, pois a analisa em seus elementos formais e não mistura com pressupostos teóricos e históricos. Com efeito, seu trabalho visava à descrição da realidade intrínseca imutável da língua abandonando todas as observações particulares que só evidenciavam modificações superficiais, obscurecendo o funcionamento das línguas (BENVENISTE, 1963).

A inovação do pensamento saussuriano apresenta-se na metodologia proposta pelo linguista e foi com este ponto de vista que toda a história da Linguística se modificou. Porém, apesar do grande impacto proporcionado pela publicação das ideias de Saussure, os linguistas não cessaram suas teorias, muitos estudiosos propuseram métodos diferentes da Linguística moderna saussuriana e é um deles que será foco desta pesquisa.

Burrhus Frederic Skinner propôs outra abordagem para o estudo da linguagem. Em seu livro *O Comportamento Verbal* (1957), longe de desconsiderar a complexidade do assunto, ele diz que com seu método:

Seria loucura subestimar a dificuldade deste assunto, mas progressos recentes, obtidos pela análise do comportamento, permitem-nos abordá-lo com certo otimismo. Novas técnicas experimentais e novas formulações revelam um novo nível de ordem e de precisão. Os processos e as relações básicas que dão ao comportamento verbal suas características especiais são agora bastante bem compreendidos. Muito do trabalho experimental responsável por tal progresso foi realizado com outras espécies, mas os resultados revelaram-se surpreendentemente livres de restrições quanto às espécies. (SKINNER, 1957, p. 17).

Logo após, algumas propostas para o estudo da linguagem são mencionadas por Skinner como deficientes em demonstrar avanços significativos com explicações ou métodos científicos relevantes para o assunto:

A ciência do comportamento não encontrou este campo desocupado. Sistemas altamente elaborados de termos para descrever o comportamento verbal já foram desenvolvidos. O vocabulário leigo é abundante. A retórica clássica, a gramática, a lógica, a metodologia científica, a linguística, a crítica literária, a patologia da fala, a semântica e muitas disciplinas contribuíram com termos técnicos e princípios. De maneira geral, porém, o assunto aqui considerado ainda não foi claramente identificado, nem métodos apropriados para seu estudo foram ainda projetados (SKINNER, 1957, p. 18).

As críticas aos métodos tradicionais não param por aí, Skinner aponta algumas falhas dos estudos tradicionais da linguagem e destaca-se a crítica à Linguística Histórica:

A linguística, por exemplo, registrou e analisou os sons da fala e práticas semânticas e sintáticas, mas comparações de línguas diferentes e o traçado das mudanças históricas assumiram precedência sobre o estudo do falante individual (SKINNER, 1957, p. 18).

Para Skinner o que falta ao estudo da linguagem seria um método mais adequado que não promovesse explicações teleológicas, ou seja, descrições que apelem para conceitos remetidos a aspectos sem dimensões físicas.

O que está faltando é um tratamento causal ou funcional satisfatório. Ao lado de outras disciplinas relacionadas com o comportamento verbal, a psicologia já arrolou fatos e às vezes ordenou-os numa ordem conveniente, mas nessa massa de material ela não conseguiu ainda demonstrar as relações significativas que constituem o núcleo de uma descrição científica (SKINNER, 1957, p. 20).

É no que foi dito que se baseia o problema desta pesquisa, pois, o que se pretende não é uma análise absoluta sobre os métodos de investigação da linguagem ou comportamento verbal dos autores selecionados, mas o que norteará a pesquisa será uma comparação relativa da análise funcional do comportamento verbal de Skinner com a metodologia linguística sincrônica de Saussure.

Ou seja, a questão é, em termos relativos a um linguista essencial (Saussure), quais seriam as aproximações e distanciamentos teóricos e metodológicos que é possível observar da produção epistemológica da Análise do Comportamento elaborada principalmente por Skinner para o estudo da linguagem?

Fazer uma investigação do método de Skinner no estudo da linguagem relacionando aos trabalhos de Saussure tem grande relevância, pois seus resultados são bem vindos para as duas áreas de pesquisa (Linguística e Psicologia) que terão uma análise destes dois importantes autores no ponto de vista relativo e não independentes um do outro.

O psicólogo que quer entender o comportamento verbal, não pode ler “apenas” Skinner sem uma base de qual campo de estudo é aquela a que o behaviorista radical contrapõe-se. Ao passo que o linguista que não conhece o trabalho realizado por

Skinner poderá lê-lo a partir de uma relação feita com uma importantíssima figura da linguística moderna muito conhecida.

Por isso, com a expectativa de contribuir ao estudo da linguagem, a pesquisa pretende comparar a metodologia linguística do suíço, e expoente nesta área, Ferdinand de Saussure com a metodologia da análise funcional do comportamento verbal de Burrhus Frederic Skinner.

O texto a ser investigado, o *Curso de Linguística Geral (1916)*, ostenta complexidade considerável, pois, conforme Culler (1979), Saussure divulga nesta obra estudos sobre “a linguagem humana que é um fenômeno extremamente complexo e heterogêneo (p.13)”. Destaca-se também a crucial contribuição para a autonomia da Linguística atribuída a Saussure pois, com efeito, foram os trabalhos de Saussure - e de Bloomfield - que, ao delimitarem um objeto próprio para a Linguística e concederem-lhe um método específico, libertaram-na das amarras das outras ciências (BENVENISTE, 1963).

Ler o *Curso de Linguística Geral (1916)* e compará-lo ao *O Comportamento Verbal* de Skinner poderia levantar algumas resistências à elaboração desta pesquisa. Porém, vale salientar que os objetivos desta pesquisa são divorciados de quaisquer inclinações que visem anular os evidentes avanços de Saussure para o estudo da linguagem. Na verdade, o que se espera é basicamente o contrário destas inclinações, isto é, aqui, a procura seria identificar se avanços ao estudo foi o que Skinner conseguiu com seu método e teorias particulares.

Em consonância ao que foi dito, pode-se citar Skinner, quando propôs uma ciência para o estudo do comportamento humano, fazendo algumas considerações do caráter “cumulativo” da ciência:

Como apontou George Sarton, a ciência é única ao mostrar um progresso acumulativo. Newton explicava suas importantes descobertas dizendo que estava de pé sobre os ombros de gigantes. Todos os cientistas, gigantes ou não, capacitam aqueles que os seguem a começar um pouco mais além (SKINNER, 1953, p. 11).

Tentar olhar “sobre os ombros de gigantes” resume a expectativa de propor uma comparação do trabalho linguístico saussureano com a perspectiva do behaviorismo radical.

Propostas semelhantes já foram feitas e uma afirmação muito relevante pode ser destacada a esta pesquisa. Pereira (2000) cita algumas palavras de Skinner retiradas do livro *Verbal Behavior (1957)*, quando afirma “que sua análise é funcional e nisto difere da abordagem clássica dos linguistas, mas não pretende substituí-la. Ele considera seu trabalho necessário e complementar ao dos linguistas” (PEREIRA, 2000, p. 16).

Ao comentar que a “Linguística tem relações bastante estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestados como lhe fornecem dados (SAUSSURE, 1916, p. 14)”, Saussure promove uma abertura para que outras ciências também possam contribuir nas investigações sobre a linguagem. Dentre estas ciências, destaca-se a Psicologia que, de fato, parece intensamente relacionada ao estudo linguístico, pois, ainda conforme Saussure, “na realidade, tudo é psicológico na língua, inclusive suas manifestações materiais e mecânicas (SAUSSURE, 1916, p. 14)”.

1.1 O que justificaria o estudo

Qualquer tipo de aproximação das teorias de Skinner e Saussure, a primeira vista, mostra-se inusitada, ou mesmo despropositada para alguns. A tentativa de comparação da obra de Saussure sob pressupostos teóricos e metodológicos de Skinner, pode até ser vista como ultraje, mas, é seguindo contra estas pré-concepções que esta pesquisa se lança. Portanto, torna-se necessário apresentar justificativas que sustentem a importância desta pesquisa.

Desse modo, salientamos aqui o que se tem a ganhar ao estimular um estudo que focaliza a aproximação das teorias de Saussure, de um lado, e de Skinner, por outro lado. Considerando que os dois autores são oriundos de campos distintos do conhecimento humano, mas com objetos de análise semelhantes, recorreremos ao texto da professora Terezinha Bittencourt que, ao fazer a apresentação da obra *Bloomfield e Skinner: língua e comportamento verbal (2004)*, nos diz que

[...] é imprescindível, pois, que pesquisas interdisciplinares sejam levadas a cabo, a fim de que, cada vez mais, o arcabouço teórico e metodológico das diferentes áreas do conhecimento seja conhecido e seus resultados divulgados. (BITTENCOURT *In* PASSOS, 2004, p. 14).

Como já citado, no campo da Psicologia, ligações e relações ao nome e trabalho de Saussure não são novidade, visto as notáveis relações levantadas por Jacques Lacan entre a Psicanálise e Linguística estrutural saussuriana com objetivo de tornar o objeto de investigação psicanalítica (o inconsciente) capaz de ter um viés propriamente científico. Todavia, no caso de estudos relacionados ao Behaviorismo Radical e algum expoente da linguística moderna há escassez de publicações científicas e, quando a procura foca relações entre Saussure e Skinner, os resultados são quase inexistentes - pelo menos no que foi visto quando realizada uma busca sistemática nos principais *sites* especializados em artigos científicos e periódicos como: scielo, capes, google acadêmico, e pepsic.

Entretanto, como dizem, “a ausência de provas não é prova da ausência”, mas modificando-o um pouco: não é pelo fato da escassez significativa de estudos sobre o problema abordado que uma recusa na pesquisa seja justificada alegando-se a impossibilidade de investigação. Sobre esta afirmação, só podemos encontrar, senão, a primeira grande justificativa desta pesquisa, a notável carência de estudos sobre a questão.

As duas áreas de conhecimento nas quais os autores estão circunscritos (respectivamente, a Linguística e a Psicologia) levantam resistências quanto a uma aproximação do trabalho dos autores, pois, como estavam - Saussure e Skinner - sob abordagens metodológicas distintas, foram criadas concepções particulares e aparentemente incomunicáveis, tornando qualquer aproximação aparentemente sem sentido. A título de exemplo: a concepção “mentalista” de alguns conceitos básicos da teoria de Saussure como é o caso de *significante* e *significado* é distante da concepção de Skinner que rejeita explicações baseadas em conceitos que não tem dimensões físicas e inobserváveis ditas como psicológicas. Com o que foi dito, levanta-se a indagação: o que motivaria uma pesquisa tentar uma relação entre duas teorias evidentemente discordantes em seus pressupostos metodológicos e teóricos? Esta questão é semelhante

à levantada por Maria Eliza Mazzilli Pereira, cujo trabalho científico investigou uma aproximação entre Skinner e Bakhtin. Vejamos como ela argumenta:

No caso de que aqui estamos tratando, coloca-se, então, a questão: em que a perspectiva de uma disciplina poderia contribuir para o enriquecimento da outra? De nosso ponto de vista específico - o da psicologia, e, de forma mais restrita, da psicologia de Skinner - o que a aproximação com as ciências da linguagem - representadas por um de seus pensadores - poderia produzir no sentido de ampliar a compreensão do objeto de estudo? (PEREIRA, 2000, p. 17)

A resposta à questão levantada por Pereira já está implícita na própria pergunta e pode ajudar, também, para a resposta à indagação levantada nesta pesquisa: estudar um objeto sob mais de uma abordagem teórica só tem a enriquecer o entendimento sobre aquele objeto específico; ou seja, a contribuição epistemológica que a pesquisa pode oferecer ao relacionar o conhecimento produzido pelas duas áreas distintas (Linguística e Psicologia) pode ser bastante produtiva. Conforme Pereira (2000):

A aproximação entre essas áreas de conhecimento poderia ser profícua para o estudo da linguagem. Se, por um lado, a delimitação de objetos de estudo específicos para diferentes disciplinas, diferentes áreas do conhecimento, é importante para garantir que um dado fenômeno seja estudado em profundidade, segundo um olhar específico que caracteriza o interesse de uma disciplinas [por outro lado, a abordagem do fenômeno por diferentes disciplinas] garante que ele seja tratado segundo diferentes óticas e, assim, compreendido de forma mais completa. (p. 16, colchete acrescentado)

Além disso, a partir do pressuposto de que os dois autores são geralmente lidos por grupos de estudantes alheios aos seus campos de conhecimento, ou seja, adeptos de teorias com concepções distantes e diretamente desconhecidos entre si, pode-se supor, que abrirá ao leitor interessado em Saussure - o qual geralmente não conhece o trabalho de Skinner - a possibilidade de se beneficiar com uma leitura pertinente sobre o criador do Behaviorismo Radical, e, na situação inversa, temos reciprocidade do resultado positivo, pois, o interessado pelo trabalho de Skinner poderá conhecer e se aproximar de uma análise que lhe faça sentido da obra de Saussure.

Outra justificativa se liga à contribuição da pesquisa para um destaque acadêmico do Behaviorismo Radical no estudo da linguagem, pois os estudos do comportamento verbal, propostos por Skinner, não são devidamente compreendidos no campo do estudo linguístico. Propondo uma aproximação entre Skinner e Saussure, pressupõe-se auxiliar o Behaviorismo Radical a ganhar mais importância no campo do estudo da linguagem.

Esta recorrente constatação que considera irrelevante o Behaviorismo Radical no estudo da linguagem merece mais atenção, assim como merece consideração o fato de a grande maioria de pesquisadores behavioristas desconsiderarem o estudo dos linguistas clássicos. A esta realidade cabe dizer que tais distanciamentos prejudicam o avanço do conhecimento acerca do estudo da linguagem impedindo a criação de tecnologias pertinentes a diversos fins, por isso, consoante a Miranda e Cirino (2008):

Ainda, pode-se indicar que esse diálogo [se refere a aproximação de um linguista (Bloomfield) e um behaviorista (Skinner)] permite uma melhor elucidação do que seja a análise estrutural da linguística para o público analítico-comportamental e, por fim, talvez criar condições para uma elaboração mais sofisticada da relação análise funcional x topográfica das respostas verbais, criando condições para que não sejam mais vistas como antagônicas, mas como práticas complementares para a compreensão das relações entre linguagem, língua e ação verbal (MIRANDA; CIRINO, 2008, p. 375; colchetes acrescentados)

Com isso, inclui-se a ajuda na produção de conhecimentos para o estudo da linguagem como uma nova concepção de ciência proporcionada pelo Behaviorismo Radical, tendo em vista que os dois autores tinham, sobretudo, o objetivo em comum de elevar seus respectivos campos de estudo a uma construção científica de fato.

2 MÉTODO

A questão formulada para este estudo pode ser resumida da seguinte forma: quais seriam as aproximações e distanciamentos teóricos e metodológicos que é possível descrever a partir da produção epistemológica da Análise do Comportamento elaborada principalmente por Skinner para o estudo da linguagem, em relação a um linguista essencial (Saussure).

Os procedimentos adotados para esta pesquisa foram organizados em etapas: (1) *seleção dos autores e das obras*; (2) *coleta de dados e organização dos trechos selecionados*; (3) *análise e comparação*; (4) *descrição dos resultados obtidos*.

2.1 Seleção dos autores e das obras

As obras selecionadas foram as que contemplam o objetivo da pesquisa, isto é, promover uma análise que destaque aproximações e distanciamentos entre os autores no que se refere à concepção sobre a língua (Ferdinand de Saussure) e sobre comportamento verbal (Burrhus F. Skinner).

2.1.1. Obras sobre a Linguística (Saussure)

O *Curso de Linguística Geral* (1916) apresenta uma fonte muito rica sobre as concepções sobre a linguagem propostas por Ferdinand de Saussure, pois, trata-se do mais significativo trabalho do autor¹. Tal obra o coloca como um dos fundadores da linguística moderna, por isso, é imprescindível sua leitura para aproximação do trabalho desse grande linguista.

A obra *Curso de Linguística Geral* (1916) foi dividida, por seus editores, em seis partes: Introdução; Apêndice (*Princípios de Fonologia*); Primeira Parte (*Princípios Gerais*); Segunda Parte (*Linguística Sincrônica*); Terceira Parte (*Linguística Diacrônica*); Quarta Parte (*Linguística Geográfica*); e Quinta Parte (*Questões de Linguística Retrospectiva e Conclusão*). Para esta pesquisa, apesar do livro ter sido lido

¹ Apesar do mesmo não tê-lo escrito, já que o livro baseia-se nas anotações dos seus alunos, Charles Bally e Albert Sechehaye, realizadas no Curso de Linguística Geral ministrado por Saussure na Universidade de Genebra durante o período de 1906 - 1911.

em sua íntegra, foi selecionado para o trabalho a leitura desde a Introdução até a *Linguística Sincrônica* (segunda parte).

As partes selecionadas da obra são essenciais para o entendimento da concepção de ciência, objeto e método para o autor. A Introdução do livro descreve o um pouco da história da linguística, objeto de estudo, a matéria e tarefa da linguística. Após, a leitura dos *Princípios Gerais* foi fundamental para entendimento da teoria do signo de Saussure e sobre as disciplinas Sincrônica e Diacrônica. Enfim a segunda parte, na qual é descrita a Linguística Sincrônica, mostra o método de Saussure para o estudo da língua considerada como sistema.

Além do *Curso de Linguística Geral* (1916) de Saussure foram lidos textos auxiliares para a compreensão da linguística atual e os conceitos mais essenciais desse pensador. Os autores auxiliares selecionados são: Culler (1979) , Fiorin (2001) e Pietroforte (2004).

2.1.2 Obras do Behaviorismo Radical (Skinner):

Os textos selecionados para compreender o estudo da linguagem de Skinner não serão principalmente os de sua autoria. Tal medida foi tomada, pois alguns autores contemporâneos fizeram trabalhos que aproximam-se bastante dos objetivos propostos desta pesquisa, portanto, já existe na literatura behaviorista radical um recorte válido e pertinente sobre o método e teoria para o estudo do comportamento verbal de Skinner sendo relacionada a estudos de outros linguistas.

A partir do que foi dito, os textos selecionados como principais na análise da proposta de Skinner foram: (a) *O estudo da linguagem pela psicologia* (2000) de Maria Eliza Pereira no qual faz uma aproximação entre Skinner e o linguista Bakhtin; (b) e a obra *Bloomfield e Skinner - Língua e Comportamento Verbal* (2004) de Maria de Lourdes Passos.

As obras *Ciência e Comportamento Humano* (1953) e *O Comportamento Verbal* (1957), trabalhos fundamentais de Skinner, foram selecionadas para análises secundárias, a fim de esclarecimento de dúvidas ou complemento às informações

coletadas nas obras principais. *Ciência e Comportamento Humano (1953)*, descreve conceitos fundamentais da Análise do Comportamento, enquanto *O Comportamento Verbal (1957)* na sua totalidade trata do tema deste trabalho. Nosso foco atentou principalmente ao capítulo 12, *O Autoclítico*, por relacionar-se com um conceito presente no pensamento de Saussure, isto é, a língua como um sistema.

2.2 Coleta de dados e organização dos trechos selecionados

Após a seleção dos textos, iniciou-se a coleta dos dados. Para tanto, foi planejada uma leitura sistemática a qual foi baseada nos procedimentos de registro que serão apresentados a seguir.

Em primeiro lugar, foi elaborado um quadro com intuito de registrar cada conceito ou proposta dos autores, o que contribuiu muito para a análise e comparação entre eles.

LOCAL		CATEGORIAS	USO	SAUSSURE, F. (1916) Cap. 1 "GENERALIDADES" in <i>Curso de linguística geral</i>		
P.	§			Título para o trecho	Conceitos principais	Produção
117	1	Objeto	V. 1	O <i>objeto</i> da linguística sincrônica	estados da língua; propriedades gerais do signo;	Saussure aponta como objeto da Linguística sincrônica, "estabelecer os princípios fundamentais de todo sistema idiossincrônico, os fatores constitutivos de todos estados da língua" sendo que as propriedades gerais do signo são parte integrante dessa ordem apesar de também provar a necessidade da distinção das linguísticas, como afirma Saussure.

O quadro de registro foi formado por seis colunas, cada uma das quais com uma função específica.

A primeira coluna, *LOCAL*, foi subdividida em duas sub-colunas que apontam a localização original do trecho na obra selecionada com o *número da página* e o *parágrafo* da publicação consultada.

A coluna seguinte, *CATEGORIAS*, foi preenchida com as categorias de análise² que auxiliaram a análise e comparação dos autores.

A coluna onde está indicado USO trata-se de em qual parte o trecho foi encaixado no corpo do texto dos resultados da pesquisa, ou seja, em qual sub-capítulo o trecho seria utilizado na descrição dos resultados.

Na sequência (*Títulos para o trecho*), temos um campo onde destaca-se alguns títulos para os trechos elaborados pelo autor da pesquisa, com o objetivo de resumir a ideia central do parágrafo e, assim, facilitar a análise.

Logo após, nos *Conceitos principais*, alguns conceitos percebidos no trecho tiveram um lugar específico para consultas rápidas posteriores.

Por fim, em *Produção*, um resumo detalhado do que se tratava no trecho, mais comentários sobre o trecho, comparações preliminares entre as concepções dos autores e destaques em conceitos importantes.

Com o que foi dito, a partir do quatro descrito acima, foi possível ler as obras parágrafo-por-parágrafo sistematicamente com um registro preciso e eficiente das concepções mais relevantes aos propósitos da pesquisa.

2.3 Classificação e Comparação.

Após o preenchimento dos quadros de registros os trechos destacados foram classificados, analisados e comparados entre si a fim de salientar epistemologia e metodologia de cada autor.

O processo de classificação foi baseado em algumas categorias que auxiliaram a análise e comparação entre Saussure e Skinner. Tais categorias consistem em conceitos fundamentais que, ao longo da pesquisa, funcionaram como eixos epistemológicos, os quais nortearam os objetivos da pesquisa colocando os autores em campos mais próximos entre si.

² Tais categorias serão explicadas a seguir: 3. *Classificação - Análise - Comparação*.

Consoante a obra de Maria de Lourdes Passos (*Bloomfield e Skinner - Língua e Comportamento Verbal*, 2004) alguns conceitos usados na pesquisa basearam-se em algum eixos epistemológicos mostrados no trabalho da autora. Os conceitos epistemológicos demonstrados por Passos, em sua obra, permitiram o desenvolvimento da pesquisa fornecendo uma base específica e simples para a compreensão do leitor assim como uma ponte de comunicação na comparação entre os autores. Portanto, o procedimento adotado pela autora forneceu uma base sólida para essa pesquisa.

Assim, as categorias principais escolhidas para esta pesquisa foram: *Objeto de estudo*; *Unidades de análise*; *Concepção de ciência*; *Método de estudo científico* e o conceito de "*Sistema*" na língua ou no comportamento verbal.

As categorias escolhidas e delimitadas, em primeiro lugar, foram usadas como instrumentos de classificação dos trechos destacados das obras de cada autor.

Os quadros de registro, devidamente preenchidos nos campos *Local*, *Título*, *Conceitos Principais* e *Produção*, foram lidos novamente desde seu início para utilizar as categorias como classificação epistemológica para cada trecho em destaque no campo *Categorias*.

A classificação resultou em uma espécie de "mapa" das obras selecionadas e isso facilitou muito a etapa de comparação entre os autores. Os quadros de registros completos mostravam com efetividade as concepções particulares que os autores tinham sobre os elementos fundamentais do estudo da língua ou do comportamento verbal.

O procedimento de comparação foi da seguinte maneira: foi feita uma cópia digital dos quadros de registro; estas cópias foram "desmembradas", isto é, deixou-se a ordem que era baseada nas páginas dos livros para agrupar os trechos pelas categorias nas quais foram classificados. Com isso, foi possível observar as concepções dos autores e os conceitos e categorias determinadas para a pesquisa em um mesmo bloco. É possível visualizar esse procedimento conforme o exemplo abaixo:

Local		CATEGORIAS	USO	PEREIRA, M.E. (2000) SKINNER E O COMPORTAMENTO VERBAL - CAP. - SOBRE O COMPORTAMENTO		
P.	§			TÍTULO PARA O TRECHO	CONCEITOS PRINCIPAIS	PRODUÇÃO TEXTUAL
81	2	Ciência	Objeto diretamente observável (conspícuo)	Comportamento; variáveis; análise funcional	Não precisamos do método hipotético-dedutivo, pois nosso objeto é diretamente observável. Isto é, o comportamento e as variáveis das quais ele é função são diretamente observáveis...	
87	1	Ciência (Método)	Base científica	Análise funcional	É possível destacar o método no qual Skinner apoia-se em sua ciência; a análise funcional é um método o qual não se baseia na topografia ou forma da resposta mas como tal operante se comporta mediante a manipulação das variáveis independentes, isto é...	

Para que a etapa de comparação fosse completada foram colocados os blocos de trechos organizados conforme as categorias (conceitos fundamentais) ao lado do bloco de trechos do outro autor também organizados a partir dos mesmos conceitos chave. Tal procedimento foi essencial à visualização das concepções dos autores, ambos em relação a uma categoria de análise.

2.4 Apresentação dos resultados.

Os procedimentos descritos anteriormente foram os alicerces de toda metodologia da pesquisa. Tal processo gerou resultados e a forma de apresentá-los apoia-se na metodologia de Passos (2004) em *Bloomfield e Skinner - Língua e Comportamento Verbal*. Os conceitos utilizados no método e procedimento da pesquisa que possibilitaram a classificação e comparação das concepções dos autores também tornaram-se parâmetros de delimitação da descrição dos resultados.

Partindo desse princípio, os resultados de classificação e comparação das concepções dos autores deu-se em sub-capítulos, isto é, cada categoria formou um capítulo particular o qual tratava sobre um assunto em particular relacionado à teoria e ao método dos dois autores.

Dada a natureza do campo desta pesquisa, isto é, por se tratar de um trabalho realizado no campo da Psicologia, o trabalho de Saussure, presente no *Curso de Linguística Geral*, constitui a primeira parte da apresentação dos resultados obtidos. Essa medida foi escolhida para dar especificidade do trabalho de Saussure, assim como

ajudar na compreensão de parte do trabalho do linguista genebrino sem confundir-se com o material da análise aqui proposta.

Desse modo, com base nas categorias, em primeiro lugar apresentamos o capítulo (1) sobre o *objeto de estudo* da Linguística, logo após (2) o *método* de Saussure é descrito, em seguida (3) *as unidades de análise* e por fim (4) as concepções de *sistema na língua*.

Na segunda parte dos resultados da pesquisa temos a descrição da Análise do Comportamento de Skinner, também a partir das mesmas categorias fundamentais escolhidas para entender Saussure. Isto é, o (1) *objeto de estudo* da Análise do Comportamento foi descrito em primeiro lugar, para passar (2) o *método*, (3) *as unidades de análise* e por fim o que Skinner descreve como (4) *sistema* no comportamento verbal.

Por fim, na Discussão serão apresentadas a análise e a comparação entre os dois autores, destacando dessa maneira as aproximações e distanciamentos entre o pensamento de Saussure e o de Skinner.

3 RESULTADOS:

PRIMEIRA PARTE: SAUSSURE

A língua como sistema.

3.1 *Prólogo (Saussure)*

Antes de apresentar o trabalho linguístico de Saussure descrito em sua obra *Curso de Linguística Geral 1916*, é imperativo apresentar o contexto acadêmico, filosófico e científico, no qual o mestre genebrino estava inserido. Outra condição importantíssima a ser esclarecida são as questões presentes na área de pesquisa da sua época e quais eram as opiniões do autor sobre os principais problemas.

3.1.1 *Tarefa e Matéria do linguista segundo Saussure.*

O campo que pode abranger o estudo da linguagem é muito vasto. Existem estudos sobre o discurso, sobre a literatura, sobre a fala, etc. Ao ser um pouco mais exigentes na especificação, o estudo da Linguística pode apresentar grandiosa diversidade de teorias acerca do objeto, método, e unidades de análise, mas aqui atentaremos ao que Saussure entendia sobre estas questões.

Para Saussure (1916, p. 13) a *Matéria* da Linguística está em todas manifestações da linguagem humana, sejam elas antigas ou novas, ágrafas ou de civilizações com sistema de escrita bem desenvolvido, a matéria da linguística não conhece limites normativos que só consideram a “bela linguagem” e, por muitas vezes, tal material escapa de nossa observação imediata. Deste modo, o linguista deve também pesquisar documentos e textos em sua forma escrita, pois, amiúde, só assim tem acesso a idiomas distantes ou de épocas passadas.

Em relação à tarefa da linguística, Saussure (1916, p. 13-14) destaca as três mais essenciais ao trabalho do linguista, das quais parecem fazer a linguística emprestar e pegar emprestado dados de outras ciências; contudo, deixa claro que apesar disso não devemos confundir o método e o objeto da linguística com os das outras ciências, nem sequer unir e mesclar métodos e teorias, pois tal pretensão só confundiria o propósito.

A título de esclarecimento as tarefas são: (1) descrever e fazer a história de todas as línguas possíveis, ou seja, fazer a história das famílias de línguas e reconstituir o quanto possível as línguas-mães de cada família; (2) “Identificar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história”;(3) “DELIMITAR-se e DEFINIR-se a si própria” (SAUSSURE, 1916, p.13-14).

Por fim, Saussure faz uma delimitação importante dizendo que os limites que separam a Linguística das outras ciências não são tão claros e devem ser necessariamente destacados.

3.1.2 A Linguística

“um saber muito antigo e uma ciência muito jovem”

Mounin, 1972 (p. 25)

No começo do *Curso*³, Saussure faz um breve resumo sobre a história da Linguística, e mostra um pouco de sua proposta teórico-metodológica como algo novo e, no mínimo, distinto dos estudos que vinham sendo realizados até aquele momento.

De toda história da Linguística, Saussure, com seu conhecimento inegável sobre o assunto, destaca apenas três fases decisivas da historiografia linguística até que a "ciência que se constitui em torno dos fatos da língua”(SAUSSURE, 1916, p.7) reconheça seu único, e verdadeiro, *objeto*.

O primeiro período da história da Linguística para Saussure (1916, p. 7) é o da gramática, inaugurada pelos Gregos e baseada na Lógica; por isso, constitui-se como uma ciência normativa. Saussure critica tal ciência por ser privada de uma postura científica que, em sua consideração, não seria desinteressada da própria língua, isto é, não estudava a língua em si e por si. Assim, por tratar-se de um sistema de regras arbitrárias que visavam dizer somente o que estaria “certo” ou o que estaria “errado” não constitui, para Saussure, uma ciência propriamente dita.

³ Chamaremos, daqui em diante, a obra *Curso de Linguística Geral (1916)* apenas de *Curso*, tal qual é comumente denominado nas obras dos comentadores mais conhecidos de Saussure.

Ainda consoante ao autor, em seguida, o segundo período da história constitui-se como a Filologia. Apesar de desde os tempos clássicos, em Alexandria, existir uma escola “filológica”, Saussure (1916, p. 7-8) afirma que seu início se deu a partir de 1777 com o movimento liderado por Friedrich August Wolf. Neste período, afirma Saussure, o *objeto* de estudo não é somente a *língua em si*, mas agrega aspectos históricos em geral como história literária, dos costumes, das instituições, etc. Segundo Saussure (1916, p. 7-8), esta proposta científica, de certa maneira, prepara a Linguística histórica, contudo comete o erro de dar atenção exclusiva à língua escrita negligenciando a língua em sua forma falada e, além disso, “a Antiguidade grega e latina a absorve quase completamente” (SAUSSURE, 1916, p. 8), isto é, o estudo desses idiomas específicos são fatos preponderantes nesta ciência.

O terceiro período o qual Saussure (1916, p. 8) denomina como Linguística histórica, se deu com a descoberta de que as línguas poderiam ser comparadas entre si. Franz Bopp, em sua obra *Sistema de Conjugação do Sânscrito*, estudou relações que aproximam o sânscrito (língua que chegou aos dias de hoje a partir do registro gramático realizado principalmente pelo linguista hindu Panini e colaboradores) de outras línguas tais como o germânico, o grego, o latim, etc. Ainda conforme o autor, Bopp não foi o primeiro a destacar tais afinidades entre estas línguas, pois, isto já havia sido material de estudo de outros linguistas (W. Jones); entretanto, foi Bopp quem compreendeu que as relações que unem estas línguas poderiam ser material de interesse de uma ciência autônoma. Isto é, sua real contribuição de inovação foi “esclarecer uma língua por meio de outra, explicar as formas duma pelas formas de outra” (SAUSSURE, 1916, p. 8).

Esta escola, afirma Saussure (1916, p. 9-10), abre um campo de estudo novo e fecundo, entretanto não constitui uma verdadeira ciência da Linguística, já que não houve tentativas e um real interesse em determinar a natureza do objeto de estudo; tal equívoco proíbe qualquer tentativa de estabelecer um método próprio àquela ciência que luta para emergir. Pode-se perceber que Saussure afirmava com bastante veemência que os objetivos mais importantes para se sistematizar uma ciência consistia, em primeiro lugar, delimitar um objeto de estudo autônomo, ou seja, desvinculado de qualquer outra ciência, e só assim uma ciência tinha lugar garantido ao estudo verdadeiro.

Dessa maneira, Saussure postula que o erro capital daquele ponto de vista da Linguística Comparativa foi jamais questionar quais seriam os resultados conclusivos de tais

comparações e para que fim elas seriam propostas. Isto é, Saussure diz, ainda neste trecho, que a comparação por si só não permite concluir nada.

Alguns fatos ajudaram para que a Linguística se aproximasse mais de sua autonomia construindo uma forma mais coerente com os moldes de uma ciência da natureza, e dentre esses fatos, Saussure destaca um deles em especial.

O estudo do Protoromânico e do Protogermânico deu à comparação lugar que realmente lhe cabe segundo Saussure (1916, p. 11), já que, a partir desse tipo de análise, os linguistas chegavam a conclusões diferentes dos primeiros indo-europeístas. Isso se dava pois os estudos românicos e os germânicos colocavam os pesquisadores em situações diferentes dos indo-europeístas, as condições se apresentavam de maneira muito mais privilegiada nestes estudos por duas razões: (1) os romanistas conheciam o protótipo das línguas românicas (isto é, a língua "mãe") e além disso (2) tinham à sua disposição inúmeros registros em forma de documentos, os quais permitiam a esses estudiosos a observação pormenorizada da evolução dos idiomas, mostrando-lhes cada peça da língua para formar o quebra-cabeça da história evolutiva de tal língua. Então, tais circunstâncias limitavam as hipóteses dos linguistas românicos tornando o estudo com mais conclusões teóricas concretas. No caso dos germanistas eles não tinham acesso direto ao protogermânico, mas estavam em condições semelhantes aos romanistas, pois também tinham o acesso a numerosos documentos que registravam um panorama de um grande pedaço da história daquela língua.

Para Saussure, os maiores méritos daqueles métodos seria “colocar em uma perspectiva histórica todos os resultados da comparação e por ela encadear os fatos em sua ordem natural” (SAUSSURE, 1916, p.12) e, por isso, a língua não foi mais constatada com um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Os estudos dos *Neogramáticos* - como Saussure os denomina - evidenciaram os erros e conclusões insuficientes dos estudos da Filologia e da Gramática comparada

3.2 Objeto de estudo

3.2.1 Linguagem: A problemática no objeto da Linguística.

“A Linguística jamais se preocupou em determinar a natureza do seu objeto de estudo. Ora, sem essa operação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria”

Saussure, 1916 (p. 10)

Como visto acima, fica claro como a definição do objeto de estudo para Saussure é uma questão de suma importância. Para o mestre genebrino, tal definição e delimitação do objeto na ciência linguística trata-se de um primeiro passo imprescindível sem o qual não há como estabelecer um método verdadeiro.

Saussure afirma que a Linguística difere radicalmente de qualquer outra ciência, visto que o objeto com o qual irá trabalhar não apresenta-se de antemão. Saussure mediante a sua experiência no assunto constata que o objeto é determinado a depender do ponto de vista, isto é, dada uma certa palavra podemos considerá-la sob vários pontos de vista os quais delimitarão aspectos diferentes desse objeto; por exemplo, frente a determinada palavra, podemos considerá-la como um som ou como a expressão de uma ideia, etc. Dessa forma, isso nos mostra que à primeira vista a palavra pode parecer mas não consiste um objeto concreto para a ciência linguística.

Disso tudo, a conjectura mais importante de Saussure seria a de que é o ponto de vista que cria o objeto e não o contrário. Mas, ainda segundo Saussure (1916, p. 15-16) qualquer que seja o ponto de vista teremos um invariante, o qual constitui importante característica do objeto, esta realidade perpetua do fenômeno linguístico sob qualquer ponto de vista sempre apresentará duas faces que se correspondem, isto é, sempre haverá uma dualidade no seio do objeto, quando considerado como a linguagem.

Saussure (1916, p. 15) exemplifica um primeiro ponto de vista, que toma o aspecto sonoro de um fato da linguagem. Assim se consideramos as sílabas que se articulam no discurso como impressões acústicas percebidas pelo ouvido humano, temos que considerá-las, em contraposição, como oriundas de sons produzidos pelos órgãos vocais, por isso, do som da articulação vocal corresponde impressão acústica sem a qual uma sílaba, *na* por exemplo, não existiria senão como uma unidade complexa acústico-vocal.

Já no segundo exemplo, o som tomado como uma coisa simples, não podemos o inferir como objeto total da linguagem, pois este também é instrumento do pensamento; portanto o som não existe por si, na verdade, é o som com os conceitos do pensamento que formam uma outra unidade complexa, a fisiológica-mental.

Contudo, o objeto tal qual o delimitamos até agora também apresenta - em outro ponto de vista - um caráter social e um individual.

Por fim, "nosso objeto", a linguagem, estabelece-se como um sistema que ao mesmo tempo parece ser uma instituição atual (estático, isto é sem mudança), mas ao mesmo tempo não deixa de sempre estar em transformação, ou seja, evolui.

Logo, afirma Saussure (1916), Linguagem é ao mesmo tempo: Acústica - Vocal; Fisiológica - Mental; Individual e Social; Estática - Em evolução. Desse modo trata-se de um objeto heteróclito diante do qual o linguista fica em um dilema: ou simplifica tal objeto como um objeto concreto e simples desconsiderando tais dualidades evidentes, ou firma-se com esse objeto mediante a formular um método incorreto.

3.2.2 Definição do objeto de estudo. A língua.

Para Saussure (1916), a solução para o problema de captar de forma integral o objeto da linguística sem confundir essa ciência com outras ciências que reivindicam para si a linguagem como objeto é “colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE 1916, p. 16), pois somente a *língua* encaixa-se no critérios científicos considerados pelo autor como os mais válidos para construção de uma ciência livre do apoio de outras ciências, já que, só a *língua*, em meio a tantas dualidades, é passível a uma definição integral e autônoma.

Eleger a língua como objeto verdadeiro da Linguística demanda uma certa discriminação dessa parte dos outras manifestações da linguagem.

A língua, conforme o autor, trata-se de parte determinada a linguagem da qual é possível estudar conforme um método próprio ao linguista, pois tal fato “é um produto social da faculdade da linguagem ao mesmo tempo que é um conjunto de convenções necessárias adotados pelo corpo social para permitir o exercício desta faculdade nos indivíduos”(SAUSSURE, 1916, p 17). A linguagem, ao contrário da língua, é um objeto

multiforme e heteróclito contendo em si aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos, e além disso, pertencente ao domínio individual e social ao mesmo tempo, o que a faz inclassificável nos fatos humanos, daí torna-se impossível inferir-lhe uma unidade de análise.

Ao desprender a língua da linguagem é preciso defini-la precisamente e justificar quais são os motivos pelos quais Saussure a denomina como objeto de estudo da linguística.

Saussure (1916, p. 17) levanta uma recorrente objeção à língua como objeto, uma vez que trata-se de algo convencional, ao passo que a linguagem seria algo dado pela Natureza, e por isso a língua deveria subordinar-se ao instinto natural e não adiantar-se a ele. Contudo, Saussure contrapõe a esta afirmação dizendo que não existem provas que constatem a função da linguagem como absolutamente natural, isto é, muitos linguistas não acreditam que nosso aparelho vocal tenha sido feito para falar, haja visto as línguas de sinais que sequer passam perto do uso do aparelho fonatório, mas constituem-se como uma língua tão complexa e funcional quanto as outras. Saussure afirma que a língua é uma instituição social, diferente de qualquer outra instituição social e a questão da escolha do aparelho vocal é, pois, secundária ao problema da linguagem.

Porém, ainda não foi esclarecida uma distinção importantíssima a qual separa um conjunto de fatos da linguagem que têm estreita semelhança com a língua. As pessoas falam e é nesse comportamento que percebemos a língua. Então porque a fala também não se constitui como objeto à Linguística? Qual é o lugar da língua e da fala nos fatos da linguagem?

Saussure (1916 p, 19) , no intuito de refletir acerca do objeto com o qual a Linguística deve trabalhar, delimita o lugar da língua nos fatos da linguagem separando-a da fala. Neste momento temos uma das dicotomias mais importantes do trabalho de Saussure: a dualidade Língua (Langue) vs Fala (Parole) trata conceitos essenciais ao entendimento da linguística.

A delimitação dos elementos da linguagem demanda, segundo Saussure (1916), a análise de um "ato individual que permite reconstituir o circuito da fala" (p. 19) e neste ato considera-se, no mínimo, dois participantes para que o circuito seja completo, isto é, um ouvinte e um falante. Saussure aqui destaca os elementos que podem ser considerados essenciais no circuito da fala. Há a questão da dicotomia passivo/ativo: no sentido ativo o circuito começa em sua parte totalmente (1) psíquica (um conceito, isto é, fatos da consciência que se associam a uma determinada imagem acústica correspondente); então

começa um processo (2) fisiológico, ou seja, o cérebro irá transmitir aos órgãos de fonação um impulso correlativo à imagem no intuito de dar início aos últimos passos deste processo representado-se pelas (3) ondas sonoras, processo inteiramente físico. Ora, sentido contrário seria o processo receptivo do circuito da fala sendo representado pelos passos no sentido contrário: (1) processo físico (ondas sonoras), (2) fisiológico (impulsos nervosos) ,e por fim (1) psíquico (associação de um significado a um significante).

Saussure (1916, p. 20) ainda destaca nesse circuito outras dicotomias semelhantes às anteriores, mas que não seriam essenciais ao estudo. Por exemplo podemos dividir o circuito como tal em uma parte exterior (vibrações sonoras indo da boca ao ouvido) e interior (compreendendo todo o resto), ou ainda então a divisão de uma parte psíquica e outra não-psíquica no circuito da fala.

Relacionado à divisão do que é ativo e passivo no circuito da fala, Saussure (1916, p. 21) afirma que ainda é possível dividir o circuito considerando somente a parte psíquica localizada no cérebro. Essa dicotomia é importante, pois nos dá pistas do que será definido como objeto de estudo para Saussure. A divisão é a seguinte: tudo aquilo que é executivo é uma associação que vai do *conceito* a uma certa *imagem acústica*; por outro lado, denominamos receptivo, aquilo que é passivo, isto é, a associação de uma *imagem acústica* a um determinado *conceito*. Tal faculdade de associação e de coordenação é que permite o estudo linguístico considerando um sistema nos fatos da linguagem.

Para entender a língua como sistema, consoante a Saussure (1916), é necessário sair do ato individual e embarcar no fato social, isto é deslocar-se do estado embrionário da língua (circuito da fala) e observar o produto. O que Saussure propõe aqui é senão delimitação do objeto da linguística com um fato social. Segundo o autor, no fato social é possível observar que todos indivíduos de uma comunidade linguística usam aproximadamente os mesmos signos associados aos mesmos conceitos.

Saussure (1916, p. 21) elege como objeto somente a parte receptiva e psíquica da linguagem. É na massa social que encontramos o necessário para o estudo do fato social; não se considera a parte física, posto que um estudo pormenorizado dos sons em si não supõe o conhecimento e discriminação dos signos de línguas estranhas ao nosso conhecimento. O autor afirma que, quando estamos em outra comunidade linguística de nosso conhecimento,

os sons são incompreensíveis, sequer têm divisões pré-estabelecidas, e isso se dá pois estamos alheios ao fato social. Conclui-se que estudar a língua não é estudar a parte física, pois se esse elemento fosse essencial o estudo de línguas distantes e mortas seria impossível.

Contudo, continua Saussure (1916, p. 21), a parte psíquica também não é de relevância integral ao estudo do linguista. Desta parte, aproveita-se somente aquilo que lhe é receptivo e coordenativo⁴. O autor exclui a parte executiva, *fala* (*parole*), da qual o indivíduo é seu senhor e nunca é realizada pela massa social. Assim, nos sobra a parte social, a língua (*langue*) que é desembaraçada do restante constituindo-se como objeto do linguista. "Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua"(SAUSSURE, 1916, p.21), isto é, a partir da prática da fala, com o tempo, é depositado um tesouro linguístico em todos indivíduos de uma mesma comunidade, melhor dizendo, a *língua* (*langue*) está presente num conjunto de cérebros de uma mesma comunidade e nunca totalmente em um membro sozinho.

Dessa maneira, temos o que é o objeto de estudo da linguística para Saussure. A *língua* (*langue*) não se constitui como uma função do indivíduo, pois ele somente a pode registrar passivamente sem qualquer premeditação: além disso, só lhe submete a reflexão no caso de classificação e em outros casos só lhe cabe a aceitação da língua. Por outro lado, a *fala* (*parole*) é um ato individual de vontade e inteligência, que para Saussure, trata-se de algo mais ou menos accidental, não sendo passível de um estudo que vise destacar padrões e princípios.

Logo, a "língua é para nós a linguagem menos a *fala*. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender" (SAUSSURE, 1916, p. 92).

Com a definição acerca do objeto a ser estudado, mediante ao ponto de vista de Saussure, podemos imaginar os métodos que cabem à Linguística.

3.2.3 O objeto determina o método.

Saussure (1916, p. 26) lembra que ao apresentar a verdadeira ciência da língua dentro do conjunto dos estudos da linguagem norteia-se toda linguística. Assim, com a definição do

⁴ No sentido das dicotomias destacadas acima.

que é a língua e lugar que lhe cabe na linguística, nota-se que tal sistematização da ciência tem impacto direto nos outros elementos da linguagem, e de igual modo a fala também encontra seu lugar no estudo da linguagem. Dessa maneira podem existir duas linguísticas, das quais cada uma tem seus objetos definidos que não são necessariamente interrelacionados.

O estudo da linguagem comporta duas partes: (1) uma parte essencial tem por objeto a língua, a qual é social em sua essência e é independente do indivíduo, tratando-se de um estudo unicamente psíquico; por outro lado (2) outra parte que é secundária tem por objetivo a questão individual da linguagem que é, para Saussure, psicofísica tanto a fala quanto a fonação (SAUSSURE, 1916, p. 27).

Apesar dos objetos em certos aspectos serem divergentes, segundo Saussure, o estudo deste dois objetos traz certa reciprocidade. Saussure diz que esse dois objetos estão ligados e se implicam mutuamente, pois a fala torna a língua palpável enquanto que a língua é necessária para tornar a fala inteligível; mas, mesmo assim, Saussure postula que essas ligações não deixam de fazer os dois objetos totalmente distintos.

Se com a definição do objeto da linguística temos uma bifurcação importante (Linguagem < Língua e Fala), agora Saussure nos convence de que existe outra linha divisória que separará a Linguística da Língua da Linguística da Fala. Esta separação é essencial para marcar qual trilha iremos percorrer seguindo Saussure em seu caminho do estudo linguístico. Saussure (1916, p. 28) nos mostra isso ao concluir que frente a dois objetos distintos é impossível supor somente um ponto de vista, mas é necessário dois pontos de vista para estudar tais fenômenos, e com isso o conjunto global incognoscível da linguagem torna-se esclarecido ao vermos que esse campo não é homogêneo a partir dessa diferenciação. Logo, um campo tão heterogêneo quanto o da linguagem exige muitos tipos de estudos; cabe agora selecionar qual deles é fundamental.

Saussure (1916, p. 28) é enfático e claro que o estudo o qual seleciona para si é a Linguística da língua, apesar de admitir a possibilidade de conservar o nome linguística para as duas disciplinas, postula que a verdadeira Linguística é aquela cujo objeto é a língua e não pode ser confundida com outras disciplinas. Encerra o assunto dizendo o estudo proposto no Curso se encarregará da Linguística propriamente dita e se algum estudo da linguística da fala for necessário, o cuidado de não confundir tais disciplinas será absoluto.

4. *Questões do acesso à Língua.*

Embora Saussure postule que o estudo da língua seja exclusivamente voltado a sua forma falada, o autor discute algumas noções sobre o material a considerar para compreender seu objeto, e, desse modo, descreve questões sobre o uso da língua em sua escrita e destaca a necessidade de estudar esse assunto.

Para Saussure (1916, p. 33), a língua é um objeto complexo e portanto, para seu estudo, necessitamos estudá-la também em sua forma escrita. Para iniciar essa discussão, Saussure recapitula o objeto concreto da linguística de fato e as principais tarefas do linguista sendo: a língua como produto social depositado no cérebro de cada sujeito, mas recorda que o produto difere de acordo com cada grupo linguístico (comunidade verbal), pois são as línguas a que temos acesso, então o linguista deve conhecer o maior número delas e fazer com ela uma boa observação e comparação para nesse trabalho extrair o que lhe é universal.

Desse modo, podemos notar que, segundo Saussure, a Tarefa do linguista demanda que use a escrita. A necessidade de estudarmos esse assunto se instala neste momento, pois geralmente o linguista, no percurso em estudar seu objeto de estudo, deve conhecer muitas línguas e é, muitas vezes, a escrita que lhe concede esse acesso. Saussure também comenta que o ideal para o estudo linguístico seria que em todas as épocas deveria ser o que foi feito em Paris e Viena ao registrar amostras fotográficas de todas as línguas.

Apesar desse processo de representação ser estranho ao sistema interno da língua (ver mais à frente), é impossível não recorrer a esse objeto, por isso, Saussure (1916, p. 33) destaca alguns pontos relevantes desse estudo, tais como: a utilidade, os defeitos e os inconvenientes deste material.

Ao compararmos a língua (em sua forma falada) e a escrita, notamos que trata-se de dois sistemas distintos. A *língua* e a *escrita*, são, ambos, sistemas de signos, entretanto, vale deixar claro, a única razão de ser de um é representar o outro, o objeto da linguística não é, pois a mistura dos dois, mas somente a *língua*. Contudo, pelo fato de geralmente a escrita estar intimamente ligada à língua, frequentemente tenta tomar o lugar de nosso objeto real. Para Saussure trata-se de leviano engano, semelhante a um sujeito que tem o propósito de contemplar uma pessoa mas dá atenção exclusiva ao seu retrato e esquece de olhar-lhe no rosto.

Ainda consoante a Saussure (1916, p. 34), língua é totalmente independente da escrita. Saussure afirma que a ilusão de que a língua é determinada pela escrita acompanha-nos em todas as épocas sem alterar-se nas opiniões atuais (1916). O autor acredita que o prestígio da forma escrita nos impede de ver que a língua tem uma tradição oral independente da escrita. Tal ilusão é tão forte que encontramos esse prestígio incorreto até em grandes linguistas como Bopp e Grimm.

Saussure (1916, p. 35) enumera as principais causas desse prestígio injusto: (1) A imagem gráfica é mais fácil de apreender, embora traga dados superficiais por natureza; (2) Os indivíduos parecem mais atentos a imagens visuais, acreditando serem mais nítidas e mais duradouras que as imagens acústicas e por isso escolhem a primeira; (3) A língua literária que vincula-se ao sistema educacional formal; (4) Na discordância entre língua e ortografia a forma escrita toma uma importância a que não tem direito.

Existem somente dois sistemas de escrita, (1) O sistema ideográfico no qual a palavra é representada por um signo único (escrita chinesa); (2) O sistema “fonético” que visa reproduzir a série de sons produzidos na fala, pode ser silábicos ou alfabéticos, isto é, baseia-se nos elementos irreduzíveis da palavra. Saussure ainda comenta que o sistema ideográfico muitas vezes torna-se misto, pois termina por representar sons isolados em sua maioria.

Porém, Saussure (1916, p. 37- 38) retoma a questão do uso da escrita, pois esta lhe traz muitas incoerências com a pronúncia. As causas do desacordo entre a grafia e a pronúncia denunciadas por Saussure são: (1) A evolução incessante da língua em relação à imutabilidade da escrita; assim, a grafia acaba por não representar mais aquilo que deve representar. Saussure oferece o exemplo da palavra *oi* em francês. E com isso conclui que com a escrita acabamos conservando grafias que não têm mais razão de ser. No exemplo a escrita acompanhava a pronúncia até que permanece estacionária promovendo um desacordo grave entre a grafia e a pronúncia. Esse desacordo, portanto, mostra uma informação enganosa ao estudo do linguista que só tem acesso à grafia. (2) Outra causa de desacordo entre grafia e pronúncia seria quando um povo toma emprestado a um outro seu alfabeto; assim esse sistema gráfico não atende adequadamente sua nova função e, com isso, recorre-se a expedientes, por exemplo, duas letras para representar um som (*sed* e *led* = *seed* e *lead*). (3) Uma última causa que Saussure destaca, diz respeito à preocupação etimológica, preponderante na época da Renascença. Saussure lembra que tal preocupação somada a erros,

algumas vezes, acaba impondo grafias, contudo independente se a aplicação seja correta ou não o próprio princípio etimológico é um equívoco. Além disso, existem casos em que até a causa nos escapa e não sabemos explicar porque certa grafia encontra-se na palavra por “representar” certa função, enquanto em outras não aparece mesmo sendo situações muito semelhantes.

Alguns dos resultados desastrosos desse descompasso entre língua e escrita, referem-se à multiplicidade de signos para representar um mesmo som (a pronúncia de *S* no Português pode ser escrita *C*, *Ç*, *SS*...) e inversamente diversos valores são representados pelo mesmo signo (Como o *R* que pode representar os som distintos de "Rasgado" e de "aR"). Ou resultado bizarro, compreende o caso de “grafias indiretas”. Algumas grafias só tem razão de ser para representar algumas indicações como no exemplo dado por Saussure (1916, p. 39): em alemão escreve-se *tt* e *ll* com a finalidade de indicar que a vogal que precede é breve e aberta. O mesmo acontece (dito como uma aberração para Saussure) no inglês: coloca-se o *e* para indicar a prolongação da vogal precedente, tal qual o exemplo da comparação entre *mad* e *made*, em que, no segundo caso, o recurso cria uma segunda sílaba para o olho, embora fonologicamente, só exista uma. Além de tudo isso, podemos também mencionar a ortografia flutuante. Em alguns casos as grafias representam exatamente o mesmo elemento fônico, mas por meio da escrita é impossível saber qual. Isso pode resultar em complicações de análise por não informar direito deixando o linguista à deriva sem saber se está frente a uma mudança de grafia ou mudança fonética.

Com o que foi dito, concorda-se com Saussure (1916), que a escrita muitas vezes tem função de disfarce e não de um traje. Saussure dá exemplo de uma palavra francesa cuja representação gráfica nada tem a ver com a palavra falada, isto é, “nada resta da imagem da língua” (p. 40).

Desse modo, vistos os efeitos desastrosos da forma escrita Saussure (1916, p. 42) destaca que é preciso, no percurso científico do linguista, o uso de meios os quais trocam a *escrita pelo pensamento*. Contudo é necessário lembrar que a troca pode deixar a análise aparentemente mais difícil. Para clarear a questão, Saussure diz que a substituição seria do artificial pelo natural, porém, é impossível fazer essa troca sem um estudo dos sons da língua. O problema dos antigos linguistas é que, separados de suas representações gráficas, tinham somente noções vagas dos sons o que demandava o apoio enganoso da escrita. Saussure

postula que o primeiro passo rumo à verdade seria exatamente estudar os sons da língua por eles mesmos, o que representava desapegar-se da palavra escrita.

O autor ainda afirma que frequentemente o nome *fonética* era dado à “fisiologia dos sons”, porém, de seu ponto de vista, o uso desse termo parecia impróprio, por isso substitui por *Fonologia*, mas, para tanto, tornou-se necessário distinguir o que é Fonologia do que é Fonética, pois ambos estudos seriam totalmente distintos. A *Fonética* a princípio designa o estudo das evoluções dos sons, isto é, trata-se de uma ciência histórica, já que preocupa-se com acontecimentos e transformações longe da perspectiva estática movendo-se no tempo. Já a *Fonologia*, segundo Saussure, está fora do tempo, já que permanece a mesma, isto é, trata-se do mecanismo da articulação que não se modifica com o passar do tempo.

Vale dizer, esses dois estudos não são uma oposição, já que a Fonética é uma parte essencial do estudo da *língua* ao passo que a Fonologia não passa de uma ciência auxiliar referindo-se somente à *fala*. Além disso, Saussure (1916) afirma que explicar os movimentos não nos faz chegar mais perto da língua:

Sem dúvida, não vemos muito bem de que serviriam os movimentos fonatórios se a língua não existisse; eles não a constituem, porém, e explicados todos os movimentos do aparelho vocal necessário para produzir cada impressão acústica, em nada se esclareceu o problema da língua(p. 43).

Dessa forma, o trabalho do linguista pede que lhe seja fornecido um meio pelo qual pode representar os sons articulados. Inúmeros sistemas gráficos foram propostos, mas quais seriam os princípios de uma escrita fonológica? Saussure (1916, p. 43-44), responde dizendo que a regra básica seria representar por um signo cada elemento da cadeia falada, contudo essa exigência não é levada em conta com frequência e, por isso, comete-se alguns equívocos e negligências⁵.

Adotar um alfabeto fonológico em uma ortografia usual não seria, segundo Saussure (1916, p. 43), uma medida desejável, pois traria problemas como obscurecer a informação e atrapalhar o leitor. Saussure descreve dois modos como podemos ler um texto: (1) o primeiro constitui-se pela palavra nova ou desconhecida que é lida letra por letra, o segundo modo (2) diz respeito às palavras usuais e conhecidas as quais lemos com um valor ideográfico. Neste caso, a ortografia tradicional pode reclamar seus direitos, pois existem utilidades em seu uso.

⁵ As negligências aqui são relacionadas ao estudo fonológico das articulações possíveis dentro da cadeia falada compreendendo a implusão e explosão. Contudo, por ser um estudo muito particular e restrito aos linguistas não coube discuti-los.

Para Saussure, essa medida (alfabeto fonológico) seria mais recomendada no ensino de línguas e não devemos generalizar seu emprego, pois o uso é para desembaraçar a escrita de seus mais grosseiros absurdos.

Esse modelo de levar em conta esporadicamente a escrita fonológica encontra causa na afirmação “fora da Ciência, a exatidão fonológica não é muito desejável” (SAUSSURE, 1916, p. 44), pois para o autor é um erro tentar uma substituição da ortografia tradicional pelo alfabeto fonológico. A Fonologia ajuda apenas para precaver algumas características da forma escrita as quais preocupam o linguista, mas eventualmente esse pesquisador deve passar pela escrita para chegar à língua.

Saussure (1916, p. 44), descreve como o estudo linguístico é realizado retomando as tarefas do linguista: conhecer o maior número de línguas possível. Por isso, diante de cada caso (uma língua para se estudar) o linguista deve ter à mão um *sistema fonológico* que lhe ajudará a perceber que toda língua opera com um número determinado de fonemas diferenciados. Esse sistema fonológico seria como um mapa da língua a ser estudada e, por isso, segundo Saussure, esse sistema (oposições de fonemas) é a única realidade importante para o linguista. Logo, os “signos gráficos constituem apenas a imagem cuja exatidão cumpre determinar. A dificuldade de tal determinação varia conforme os idiomas e as circunstâncias” (SAUSSURE, 1916, p. 45).

Saussure (1916, p. 47) aponta que diante da tarefa do linguista (descrever as línguas cientificamente), algumas vezes, o objeto (língua) pertence ao passado e, por isso, os meios pelos quais teríamos que apreender essa língua devem ser indiretos para se estabelecer o sistema fonológico. Saussure, salienta duas possibilidades ou indícios para estudar as línguas: (1) Indícios externos e (2) indícios internos. Estes são classificados em duas rubricas: (a) indícios extraídos da regularidade das evoluções fonéticas e (b) indícios contemporâneos.

O estudo de línguas vivas, contemporâneas, são exploradas por um método mais enxuto o qual Saussure (1916, p. 47) separa por: (a) estabelecer o sistema de sons tal como é reconhecido pela observação direta; (b) observar o sistema de signos que servem para representar - imperfeitamente - os sons. Após isso Saussure critica novamente o método antigo o qual consiste em dizer como se pronuncia cada letra na língua a qual tinham a tarefa

de descrever. No ponto de vista de Saussure, esse método impossibilita apresentar claramente o sistema fonológico de um idioma.

3. 2. 4 Delimitação do que é interno e externo na Língua.

Ao definir a língua como objeto ainda é preciso definir-lhe todas as dimensões. Elegê-la como objeto de estudo pode trazer muitas questões que se não muito bem elaboradas tornarão o estudo confuso e impreciso. É disso que nos ocupamos nesse momento. Como Saussure irá delimitar bem seu objeto de estudo e quais dimensões deste são externos a seu organismo?

Saussure (1916, p. 30) enumera três forças que têm certa influência na língua: (1) os pontos de encontro entre a Linguística e Etnografia (ou seja, a história duma língua ou raça de uma civilização); (2) as ligações entre história, política e a língua, em que se cita a questão de algumas civilizações admitirem mais de um idioma, o que pode ser visto como uma medida do grau avançado desta civilização as quais favorecem línguas especiais, por exemplo, jurídica ou terminologia científica, etc.; e (3) a que relaciona a língua com outras instituições, tais quais a igreja, a escola, etc. que estão intimamente ligadas a certo grau de desenvolvimento literário. Saussure (1916) ainda destaca que o linguista deve considerar a relação recíproca entre língua literária e língua corrente, pois "toda língua literária, produto da cultura, acaba por separar sua esfera de existência da esfera natural, a da língua falada"(p.30).

Estas três forças que são enumeradas por Saussure (1916, p. 30) compreendem alguns aspectos do estudo da língua chamada por ele de *Linguística externa*, pois caracteriza-se como tudo o que se relaciona à extensão geográfica e ao fracionamento dialetal. Apesar disso tudo revelar a distinção entre a linguística externa e a interna, Saussure lembra que o fenômeno geográfico está intimamente relacionado à existência de qualquer língua, porém, na realidade esse fenômeno não afeta o organismo interno do idioma.

Tal afirmação demanda mais explicações, já que, poderiam objetar tal como Saussure antecipa admiravelmente:

Do mesmo modo que a planta é modificada no seu organismo interno pelos fatores externos (terreno, clima etc.) assim também não depende o organismo gramatical constantemente dos fatores externos da modificação linguística? (SAUSSURE, 1916, p. 30)

Corroborando tal questionamento, poderíamos acrescentar: o que, então, caracteriza aquilo que é a linguística interna, ou seja, o organismo interno desse objeto de estudo? Isto é, tais modificações externas não teriam lugar no estudo verdadeiro da língua?

A essa distinção, do que é interno e externo, usemos um exemplo parecido com Saussure (1916): por o exemplo o jogo de xadrez que permite uma visualização do que é interno e externo na língua. Se se joga xadrez no Brasil ou no Japão pouco importa ao sistema no qual o jogo se baseia, tampouco o material de que são feitas as peças ou o formato de cada peça, pois as peças têm o *valor* a partir da relação de distinção e oposição entre os termos. Por outro lado, se mudarmos o número de peças isto atingirá radicalmente o sistema. Claro que o sistema pode sentir certas pressões por outros fatores, por isso Saussure postula a regra: "é interno tudo quanto provoca mudança do sistema em qualquer grau"(p. 32). Logo podemos constatar a divisão imperativa entre os dois métodos de estudo para cada dimensão desse objeto

O método da linguística externa permite uma ordenação a gosto do pesquisador, não sente a pressão de se trabalhar num sistema. A ordenação dos fatos é realizada apenas a fim de clareza, como fatos históricos ordenados cronologicamente ou de classificação geográfica por região. No caso do método da linguística interna a coisa se dá de maneira diferente, já que ela não admite qualquer uma disposição dos fatos a gosto do pesquisador; como trata-se de sistema, a língua, só poderá encontrar-se em sua ordem natural condicionada às forças internas procedentes de sua constituição (SAUSSURE, 1916).

3.3 Método

3.3.1 Questões da evolução da língua que se impõem ao método.

É possível observar, com bastante clareza, o quanto a definição do objeto implica um determinado método para Saussure. Já foi visto aqui que com a bifurcação dos fatos da linguagem temos a língua e a fala. Saussure propõe duas linguísticas que têm cada uma seu método distinto.

Saussure afirma que a linguística da língua é o método que irá seguir, entretanto, no decorrer do caminho, encontramos-nos em outro ponto divisório. O estudo da língua pressupõe, conforme Saussure, duas disciplinas, contudo temos que entender alguns pontos para aceitar a necessidade de estudá-las em separado.

a. Imutabilidade

Se, com relação à ideia que representa, o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade linguística que o emprega, não é livre: é imposto. Nunca se consulta a massa social nem o significante escolhido pela língua poderia ser substituído por outro. Esse fato, que parece encerrar uma contradição, poderia ser chamado familiarmente de “a carta forçada”. Diz-se à língua: “Escolhe!” ; acrescenta-se: “O signo será este, não outro.” (SAUSSURE, 1916, p.85)

Com a afirmação de Saussure acima podemos constatar que a comunidade linguística ou o indivíduo se tivessem vontade de modificar a escolha da língua estariam de mãos atadas, pois, ainda consoante ao autor (1916), a língua não pode ser comparada com um contrato puro e simples, no qual a regra é simplesmente consentida. Ao contrário, tal característica é que a torna interessante, pois a lei que é admitida não é de escolha livre, mas deve ser *suportada* pela comunidade linguística. Esse tema é destacado por Saussure no intuito de salientar o caráter imutável do signo linguístico, pois tende a escapar à nossa vontade.

Saussure aponta alguns argumentos usados para objeção à escolha deliberada a transformações revolucionárias da língua que, porém, conforme o autor, não são de natureza essencial, entretanto vale descrevê-las. Em primeiro lugar, as modificações da língua não são

uma sobreposição de gerações das quais uma geração continua intacta aguardando a próxima a substituir totalmente; em verdade é basicamente o contrário, as sobreposições são mescladas e interpenetradas. Temos também o fato da complexidade em aprender a língua materna que dificulta totalmente qualquer transformação geral. E uma última objeção seria que o uso cotidiano da língua não fornece condições claras para consciência das leis da língua, por isso, seria improvável quaisquer modificações sem o conhecimento prévio destas leis, já que, conhecer os fatos linguísticos não implica necessariamente a crítica, e isso mantém toda e qualquer sociedade satisfeita com a língua herdada (SAUSSURE, 1916, p. 87-88).

Apesar destas afirmativas anteriores serem de muita importância, são as próximas que Saussure as descreve como mais essenciais e mais diretas, das quais dependem todas as outras. Vejamos:

(1) *Caráter arbitrário do signo* o qual à primeira vista pode nos fazer acreditar numa possibilidade teórica para mudança, entretanto, é a arbitrariedade do signo linguístico que coloca a impossibilidade da massa social tentar qualquer modificação, pois, por não basear-se em uma norma razoável não é possível qualquer discussão, ou seja, um sistema de símbolos apresenta uma *relação* a qual pode ser discutida; já um sistema constituído por signos linguísticos não possui tal relação clara, não há motivo em preferir, como diz Saussure (1916), "*soeur a sister, ou a irmã, ochs a boeuf ou boi*"(p. 87);

(2) "*A multidão de signos necessários para constituir qualquer língua*"(p. 87) em comparação a um sistema de escrita composto de vinte a quarenta letras pode ser substituído por outro; contudo, segundo Saussure (1916), o mesmo não é possível visto o número ilimitado de signos linguísticos, isto é, a substituição teria que ser total e como trocaríamos um sem números de signos?;

(3) "*O caráter demasiado complexo do sistema*": (p. 87) neste caso, Saussure (1916), comenta a exigência de reflexão a respeito da complexidade do sistema que é a língua para perceber o caráter "menos" arbitrário da língua e assim realizar modificações, todavia, mesmo muitas pessoas fazendo uso cotidiano de tal sistema ignoram completamente tal característica e somente especialistas - vale dizer, com certa dificuldade - têm essa capacidade.

(4) “*A resistência da inércia coletiva a toda renovação linguística*” (p. 88): segundo Saussure (1916) tal característica é mais relevante, pois o fato da língua ser utilizada sem descanso pela massa social, diferente de outras instituições sociais, tal uso não permite revolução já que a língua se mistura à vida dessa mesma massa. Além disso, não é só por que a língua é produto de forças sociais que apresenta essa fixidez, mas pelo fato de estar situada no tempo, a solidariedade do passado vai de encontro à liberdade de escolher. Falávamos homem e cachorro antes e por isso os usamos ainda hoje. “Justamente porque o signo é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário” (p. 88)

b. Mutabilidade

Dizer que o signo é imutável e após isso apresentar outra característica contrária não deve ser entendido como afirmações de Saussure contraditórias, mas apenas entender que a imutabilidade do signo se relaciona ao fato de que as transformações da língua escapam à vontade tanto da massa social quanto do indivíduo. Mais precisamente Saussure quer dizer que “a língua se transforma sem que os indivíduos possam transformá-la. Pode-se dizer também que ela é intangível, mas não inalterável” (SAUSSURE, 1916, p. 89, Nota de rodapé)

No mesmo momento em que o *tempo* garante a imutabilidade da língua pode ele também alterar mais ou menos rapidamente os signos linguísticos, ou seja, os dois fatores são solidários. Saussure (1916, p. 89) aponta que o princípio de alteração é condicionado ao princípio de continuidade, isto é, a persistência do passado na língua garante por sua vez a relativa infidelidade à matéria velha.

Saussure (1916, p. 89) ainda destaca o que quer dizer com *alteração*, isto é, ele não se remete a alterações fonéticas sofridas pelo significante, tampouco transformações acontecidas no seio do conceito significado, quaisquer alterações (isoladas ou combinadas) que aconteçam, produzem um “*deslocamento da relação entre o significado e o significante*”.

Desse modo, Saussure (1916, p. 89) postula que a língua é incapaz de defender-se dos fatores que deslocam, durante o percurso do tempo, a relação entre o significante e o significado, sendo uma das consequências da arbitrariedade do signo que diverge daquilo que

observamos em outras instituições sociais nas quais as relações sempre estão atreladas em algum grau a uma acomodação necessária. Tais características implicam qualquer língua a não escapar da lei da evolução, “sob a influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons, quer os significados” (SAUSSURE, 1916, p. 91).

Tais implicações geradas pelo fator tempo carregam consigo dificuldades e, percebendo isso, Saussure (1916, p. 94) aponta que essas dificuldades dividem a linguística da língua em duas disciplinas.

3. 3. 2 *Dicotomia metodológica:*

Apesar de um estudo geral ser mais relevante, pois garantiria um conhecimento singular nas duas disciplinas descritas por Saussure, nesta pesquisa, iremos atentar exclusivamente ao método sincrônico da Linguística. Justifica-se tal escolha quando compreendemos que os fatos relacionados ao sistema interno constituído na língua estão nesta disciplina e não na outra, mas, vale dizer, não será ignorado por completo a disciplina diacrônica por se tratarem de uma dicotomia fundamental no pensamento de Saussure e muitas vezes para entender uma é necessário contrapô-la à outra.

Comparando a linguística com outras ciências percebe-se que o tempo não atinge suas concepções forçando problemas para o método. Por exemplo, nas ciências tais como a História ou o Direito pode-se iniciar um estudo descritivo dos fatos históricos e não produzir necessariamente a impressão de estar distanciando-se das características metodológicas essenciais da História ou do Direito, quer dizer, um estudo não se opõe ao outro. Em concordância com Saussure (1916, p. 94-95), tal ocorrência se dá, pois, a Linguística é uma ciência que opera com valores, isto é, (ainda noção de *valor* será melhor elucidada), afirma-se que esta ciência, em parte, trata-se de um “*sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes*”(p. 95) isto é, um significante em contrapartida a um significado.

A fim de esclarecimento, Saussure (1916, p. 95) vê-se impelido em dividir os métodos da linguística em duas disciplinas, pois concebe dois objetos verdadeiramente importantes no seio da língua. O autor distingue dois eixos como objeto de estudo de sua ciência; primeiro (1) apresenta o *eixo das simultaneidades (uma linha horizontal que liga os pontos AB)* que representa as relações entre coisas coexistentes nas quais não temos a intervenção do fator

tempo; depois (2) temos o *eixo das sucessões* (outra linha, porém traçada verticalmente e liga os pontos CD:) tal eixo representa o papel “sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações” (p. 95). Em Linguística a distinção se mostra imperativa, pois é de necessidade absoluta para as ciências que trabalham com valores que tenham sua prática de pesquisa mais precisas e rigorosas.

Contudo, afirma Saussure (1916), é na ciência linguística que tal necessidade prática se impõe mais valiosamente do que em qualquer outra ciência: “*a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos*” (p. 95), diferente, por exemplo, da Economia que em um estado momentâneo de valores ainda tem uma relação natural de equivalência entre ordens diferentes, ou seja, um campo que vale de acordo com o que produz, portanto tal característica o afasta da língua em que as relações são puramente arbitrárias, quer dizer, absolutamente imotivadas, somente na qual encontramos uma variabilidade ilimitada (SAUSSURE, 1916, p. 95-96). Além disso tudo, visto a complexidade do objeto, a língua, torna-se importantíssimo o estudo sucessivo dos dois eixos. Tal fator torna ainda mais necessário estudar separadamente as relações que atravessam o tempo e as que estão presentes no sistema em um mesmo golpe de vista.

Portanto, o eixo que estuda as simultaneidades (linha horizontal AB) se remete à Linguística estática da língua enquanto o eixo que considera as sucessões (linha vertical CD) refere-se à Linguística evolutiva. Contudo, a terminologia é discutida por Saussure (1916) que prefere os termos Sincrônica e Diacrônica para destacar, novamente, oposição entre eles, deste modo: “*É sincrônico* tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, *diacrônico* tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (p. 96, itálicos acrescentados).

Os fatos diacrônicos, em primeiro lugar, afirma Saussure (1916), jamais têm “por fim assinalar um valor com outro signo” (p. 100), isto é, o valor deste existe por si mesmo e as consequências sincrônicas as quais são condicionadas pelos fatos evolutivos lhe são totalmente estranhas.

Depois esses fatos evolutivos não tem qualquer tendência para a modificação do sistema, pois tal modificação recai sobre os elementos ordenados e não em sua ordenação. Desse modo, podemos considerar, como ressalta Saussure, que o sistema jamais se modifica sozinho, ou seja, faz-se existente o princípio de imutabilidade do sistema. Como dito as modificações diacrônicas acontecem sem considerar a solidariedade entre os elementos que se ligam em um todo. Apoiando-se no ótimo exemplo de Saussure: considerando o sistema solar, se algum planeta tem seu peso e tamanho alterados tal modificação singular e particular acarretaria consequências a todo sistema sem, contudo, ser interna ao sistema (SAUSSURE, 1916, p. 100).

Ainda relacionado ao que foi dito anteriormente, sobre algumas peculiaridades dos fatos diacrônicos, podemos entender o que Saussure (1916, p. 100) quer dizer quando se refere ao caráter sempre fortuito de um estado sincrônico, ou seja, em “cada estado, o espírito se insufla numa matéria dada e a vivifica” (p.101) quer dizer que a transformação, que lhe é estranha, é apreendida pelas relações já existentes no sistema o qual pode ser inteiramente comprometido.

Portanto, os fatos diacrônicos e os sincrônicos não pertencem a uma mesma série. Saussure (1916, p. 101) é enfático nessa diferenciação. Para ele, os fatos inclusos à série diacrônica não têm nada em comum com os fatos da série sincrônica, ou seja, as alterações (isto é, fatos diacrônicos) sempre estão divorciadas de qualquer *intenção* sendo necessário apenas um elemento para que ocorram, ao passo que a sincronia exige sempre dois (ou mais) elementos em oposição que produzem uma significação. Essa distinção é extremamente importante, pois, segundo Saussure (1916), qualquer ciência que misture fatos tão díspares em uma mesma disciplina promove uma empresa quimérica. “Na perspectiva diacrônica, ocupamo-nos com fenômenos que não têm relação alguma com os sistemas (fatos sincrônicos), apesar de os condicionarem” (p. 101 parênteses acrescentados).

Saussure (1916, p. 105) apresenta uma ótima analogia que nos esclarece a diferença entre as duas ordens dos fatos da língua. Em primeiro lugar ele afirma que um estado da língua (sincrônica) corresponde a uma posição do jogo em andamento, no qual o valor dos termos corresponde à oposição dos termos coexistentes; observamos no xadrez algo da mesma natureza, em que o valor das peças depende da posição atual do jogo. Após, Saussure

(1916, p. 105), considera que o todo estado sincrônico da língua é momentâneo, como no xadrez em que a cada jogada de um dos jogadores muda toda posição atual do jogo. Entretanto, não podemos deixar de considerar que alguns princípios são imutáveis, por exemplo a regra do jogo, que do ponto de vista da língua seria comparável aos princípios constantes da Semiologia. Finalmente, a analogia também considera as relações dos fatos diacrônicos e assim a mudança de uma sincronia a outra, isto é, de um *equilíbrio entre as partes* para outro, como no xadrez observamos o movimento de uma peça, gera a transformação de um sistema a outro. (SAUSSURE, 1916, p. 105)

Segundo Saussure (1916, p. 105), a analogia é rica em semelhanças e por isso continua a apontar algumas delas. Por exemplo na língua, como no xadrez, as mudanças se aplicam somente a elementos isolados; em outras palavras, cada jogada é um elemento isolado, mas, apesar de se dar a elementos isolados as mudanças repercutem em todo o sistema, sendo que não é possível, no caso do xadrez, e igualmente na língua, o jogador prever tais consequências. Por isso as repercussões podem ser graves, médias ou nulas, podem atingir até as peças que não estão presentes momento, e por fim, o deslocamento é um fato isolado do equilíbrio (estado atual) precedente e do equilíbrio (estado atual) subsequente. "A troca realizada não pertence a nenhum dos dois estados: ora, os estados são a única coisa importante" (p. 105). Isto é, cada posição é totalmente independente da posição que lhe antecede assim como da que lhe substitui, e o conhecimento das posições, ou estados, anteriores do tabuleiro não garante vantagem ao jogador curioso que começa a acompanhar o jogo do estado atual; as possíveis descrições dos arranjos das peças (equilíbrio entre as peças que estão presentes no tabuleiro) convergirão para a mesma opinião, pois é verdadeiramente inútil o conhecimento do que ocorreu nas jogadas anteriores para descrever o estado atual do tabuleiro. Dessa maneira, a analogia, segundo Saussure (1916), destaca bem a distinção radical existente entre o diacrônico e o sincrônico. "A fala só opera sobre um estado de língua, e as mudanças que ocorrem entre os estados não têm nestes nenhum lugar" (p. 105).

Mas, um crítico atento pode apontar que a analogia se quebra ao considerarmos alguns princípios postulados anteriormente, e Saussure (1916, p. 105) antecipa tais críticas e aponta um único ponto onde a comparação falha. No jogo de xadrez, o jogador opera sobre todo jogo deliberadamente e conscientemente ao realizar as jogadas e planejar estratégias; na língua, tal

fato não ocorre, pois as alterações, isto é, os fatos diacrônicos, são espontâneas e fortuitas. Saussure (1916, p. 105) diz ainda que para ter correspondência perfeita entre a língua e a partida de xadrez, deve-se imaginar um jogador que joga sem qualquer inteligência de maneira “automatizada”. Esta falha na analogia nos ajuda a entender a língua por completo, pois “se os caos diacrônicos são irreduzíveis ao sistema sincrônico que condicionam, quando a vontade preside a uma mudança dessa espécie, com maior razão sê-lo-ão quando põem uma força cega em luta com a organização de um sistema de signos” (SAUSSURE, 1916, p. 105).

Ainda conforme Saussure podemos afirmar a distinção dos fatos evolutivos (diacronia) dos fatos estáticos (sincronia) salientando que, respectivamente, um é a substituição de um elemento por outro no percurso do tempo, isto é um acontecimento isolado, enquanto que o outro é uma relação entre elementos simultâneos (SAUSSURE, 1916, p. 107).

Conhecidas as duas disciplinas necessárias ao estudo da língua, como dito anteriormente, nesta pesquisa, apenas trilharemos com mais acuidade um desses dois caminhos. Além disso, a escolha foi satisfatória, pois abrangerá o aspecto mais essencial para o conhecimento da língua em si. Concorda-se com Saussure ao afirmar que o estudo sincrônico da língua nos ajuda a compreendê-la em seu aspecto mais natural e sistêmico. Desse modo, estamos de acordo com o que Saussure (1916, p. 106) afirma: que o aspecto sincrônico prevalece, em importância, ao diacrônico, seja pelo ponto de vista da massa falante, da qual constitui a única e verdadeira realidade, ou pelo ponto de vista do linguista, já que se colocado exclusivamente na perspectiva diacrônica deixa de perceber a língua em si, mas somente uma série de acontecimentos que a modificam. Saussure neste trecho também deixa claro o que acha sobre a importância em buscar a *gênese* de um *determinado estado*, considerando tal movimento útil apenas para esclarecer a verdadeira natureza da língua, o que acaba nos livrando de ilusões em que a linguística, aquém do estudo proposto por Saussure permanecem, mas, por outro lado, tal fato só prova que a diacronia não tem seu fim em si mesma (SAUSSURE, 1916).

Do ponto de vista metodológico estritamente, Saussure aponta dois modos nos quais as duas perspectivas divergem. Em primeiro lugar, a questão da perspectiva de cada uma das disciplinas é diferente e abre possibilidades distintas. O estudo sincrônico conhece apenas uma perspectiva que seria a das pessoas que falam, sendo que seu método consiste apenas em

recolher-lhes o testemunho, isto é, para destacar dada realidade "é necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe na consciência de tais pessoas" (p.106). No caso do estudo diacrônico, distinguimos duas perspectivas, uma prospectiva e outra retrospectiva, contudo não serão discutidas aqui (SAUSSURE, 1916, p. 106).

Tal diferença resulta dos limites do *campo* que abrange cada uma das duas disciplinas. A sincronia deveria ser cunhada pelo termo "idiossincrônico", pois, tal Linguística do fato estático não considera como objeto tudo aquilo que seja simultâneo, mas somente o conjunto dos fatos correspondentes a cada língua, isto é, mesmo que sejam simultâneos os fatos da língua inglesa e da língua brasileira, um estudo sincrônico irá considerar somente o conjunto de fatos linguísticos brasileiro ou o inglês; o perímetro de cada campo de estudo deve ser respeitado. No caso do estudo diacrônico o limite é por sua vez repellido, pois o objeto diacrônico não é obrigatoriamente limitado a uma mesma língua, por exemplo, um elemento de uma língua, como o português pode ser substituído por um termo de uma outra língua, o inglês. Assim, para aproximar duas formas basta um vínculo histórico, mesmo sendo esse muito indireto (SAUSSURE, 1916, p. 106-107).

Vale lembrar, como reconhece Saussure, que o esquema teórico e a ideia de um ciência pode não ser totalmente possível quando sob as exigências da realidade prática. Em linguística, tais exigências são bastante imperativas. Contudo, apesar dos "fatos" e "princípios" estudados em uma perspectiva sincrônica nada terem a ver com o estudo que revelaria a história dessa língua (diacrônico), não impede que o estudo da língua nos obrigue muitas vezes a utilizar o método, ora estaticamente, ora historicamente, frente a esse objeto. No ponto de vista histórico, às vezes, abranger cientificamente idiomas muito diferentes pode ser difícil, contudo, Saussure afirma que essa "disparidade entre os idiomas ocultam uma unidade profunda" (p. 116), isto é, por mais que as línguas sejam divergentes em sua gramática, ambas possuem alguns princípios "universais" que as unem. Contudo, aponta Saussure, mesmo que o estudo da língua jogue o pesquisador, ora para ordem sincrônica, ora para diacrônica, é de suma importância que se mantenham as distinções entre os métodos, colocando cada ordem dos fatos em sua esfera correspondente sem confundir-se entre si (SAUSSURE, 1916, p. 115-116).

Logo, insistimos na definição final de cada disciplina: "A *Linguística sincrônica* se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva" ao passo que a "*Linguística diacrônica* estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si" (SAUSSURE, 1916, p. 116).

3. 4. *Unidades de análise*

Primeiramente temos que compreender a teoria do signo linguístico para entender o que Saussure delimita como as unidades de análise próprias da Linguística, posto que os conceitos são essenciais à delimitação da unidade de análise em linguística.

3.4.1.A *Teoria do signo*

a. *A definição do signo linguístico (entidade concreta da Linguística).*

Para entender o signo, tal qual Saussure o descreve, devemos apresentar algumas considerações errôneas acerca da língua, das quais se não nos desvencilharmos o entendimento do mecanismo da língua se perde.

Saussure (1916, p.79) destaca uma dessas teorias ou crenças dos leigos, ao crer que a língua, em sua essência, nada mais é que uma nomenclatura, na qual uma lista de termos correspondem a outras tantas coisas. Em primeiro lugar, a língua não é um conjunto de nomes que correspondem às coisas reais, nem ao menos são condicionados por elas. Tal concepção da língua, para Saussure, é totalmente passível de críticas, já que pressupõe-se “ideias completamente feitas, preexistentes às palavras e além disso, não nos diz qual é a natureza da palavra (vocal ou psíquica)” (p. 79). Com isso, podemos ter também uma visão enganosa de que esse "vínculo" que une uma coisa a um nome constitui-se como uma operação simples. Contudo, apesar desta tal concepção ser simplista, segundo Saussure (1916, p. 79), oferece indícios que nos aproximam da verdade, isto é, de que a *unidade linguística é uma coisa dupla*, constituída da união de dois termos.

Saussure diz, relacionado ao circuito da fala, que os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e unidos no nosso sistema nervoso central por um vínculo de associação. Desta maneira, destaca-se que o signo linguístico não é a junção de uma coisa a uma palavra, mas de um conceito e uma imagem acústica. A imagem acústica não é um som, mas a impressão psíquica desse som, portanto, em oposição ao conceito que é geralmente abstrato. Só poderíamos chamar a imagem acústica de material no sentido de ser algo sensorial, porém apenas nesta conjectura peculiar (SAUSSURE, 1916, p. 80).

Signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces: conceito/imagem acústica. Segundo Saussure (1916, p. 80) as imagens acústicas como termos psíquicos pode ser corroborada pela conversa interior com nós mesmos sem mover os lábios, tampouco a língua. Tal prova rudimentar nos mostra que na língua, consoante a Saussure, as palavras são imagens acústicas e não convém mencionar sílabas e fonemas já que estes cabem senão à palavra falada.

Sobre questões terminológicas que poderiam confundir o estudo, Saussure, em primeiro lugar, define melhor quais termos irá usar em seu *Curso*. Começa dizendo que em sua época o termo signo designado, geralmente, somente à imagem acústica, o que para o autor é impreciso e incompleto, pois o signo refere-se à junção dos termos imagem acústica e conceito.

Além disso, por serem associados muitas vezes a outros conceitos que não cabem na proposta de Saussure, destaca ambiguidades no uso corrente da terminologia *imagem acústica* e *conceito*. E a propósito de tais ambiguidades, Saussure propõe a substituição da terminologia de dois dos três termos. Outra justificativa para a troca de nomes dos termos se dá pela afirmativa de que o signo tem duas faces as quais são ligadas tão intimamente que uma reclama a outra, por esse fato, outros termos que as relacionassem e ao mesmo tempo que as opõem seriam favoráveis. Assim, o termo "signo" permanece por não apresentar motivos aparentes que justifiquem tal mudança, contudo "conceito" passa a ser denominado como "significado" e imagem acústica tratamos como "significante", pois tais termos assinalam a oposição que os separam entre si e, também, o total do qual fazem parte (SAUSSURE, 1916, p. 81).

b. Os princípios primordiais do Signo Linguístico

Dizer que o signo é um termo complexo constituído por duas faces demanda explicações sobre qual natureza dessa união.

O primeiro princípio destacado por Saussure, e que é muito discutido por suas implicações no entendimento de todo sistema lingüístico, é a afirmação de que o laço que une o significado a um significante é arbitrário. Tal característica é presente em todos os signos

linguísticos sem exceção. O princípio de arbitrariedade do signo, segundo o autor, domina toda a linguística da língua apresentando inúmeras consequências das quais muitas não serem evidentes. Apesar disso, são com elas que percebemos a importância primordial deste princípio. Observando o estado ainda em construção da Semiologia⁶, Saussure pede averiguação se realmente é de direito semiológico alguns modos de expressão segundo os quais os signos são inteiramente naturais, isto é, conjuntos que não são apoiados aos primeiros princípios da língua mostrando que a mesma é o mais adequado ao procedimento semiológico, pois não são determinados somente pela convenção (SAUSSURE, 1916, p. 82)

Para melhor entendimento usamos a distinção feita por Saussure entre o *signo* que não se confunde com o que é *símbolo*. Apesar de alguns suporem que é possível designar o que é *símbolo* ao que é *significado* ou mesmo ao todo - *signo*, tal termo não é adequado, pois os símbolos, consoante a Saussure, têm a característica de serem jamais completamente arbitrários, quer dizer, "existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado"(p. 82). Desse modo, Saussure dá o exemplo do símbolo da justiça, que está longe de ser imotivado, isto é, arbitrário (t como característica principal do signo), pois, no caso do símbolo da justiça seu significado (imparcialidade na execução da lei) está estritamente relacionado ao seu significante (a imagem da figura vendada que segura a balança e a espada). Isto é, o símbolo tem uma relação interna entre si da qual se prova tal vínculo de motivação. Supor a troca desse significante por outro qualquer (por exemplo, uma outra figura, mas, sentada com a mão no queixo); seria um disparate e tal significante não seria aceito para atrelar-se ao significado.

Por outro lado, o signo não mostra qualquer motivação interna no laço entre seus significante e significado. Saussure (1916, p. 81) usa o exemplo da ideia "mar" que de fato não tem qualquer relação interna com o conjunto (ou sequência) de som m-a-r que lhe serve como significante e a prova da arbitrariedade do signo mais palpável e acessível a todos seria as incontestáveis diferenças entre as línguas existentes que apresentam um mesmo significado atrelado a diferentes significantes (exemplo, "mesa" no português e "table" do inglês podem supor um mesmo significado). Vale ressaltar a necessidade sentida por Saussure (1916, p. 81) em delimitar quando é mencionado "arbitrário". Ou seja, quando se afirma que o signo

⁶ Estudo da vida dos signos em geral.

linguístico é arbitrário não se pretende dizer que é determinado pela vontade daquele que fala, mas, em verdade, o que se expressa aqui diz respeito ao caráter imotivado do vínculo entre significante e significado, isto é, o significante é "arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade”.

O princípio da arbitrariedade do signo pode implicar algumas objeções relacionadas a teorias divergentes das propostas por Saussure. Relacionado a isso Saussure destaca duas objeções acerca do princípio descrito:

(a) argumentos apoiados nas onomatopeias para dizer que a escolha do significante nem sempre é arbitrária. Tal teoria onomatopeica da língua, em um resumo muito simplista, afirma que as palavras são oriundas de características naturais das coisas a que se referem. Saussure (1916) divide dois tipos de observações desse fenômeno: em primeiro lugar são mencionados os casos nos quais as palavras destacam características sugestivas do significante em relação ao significado como *fouet* (“chicote”) do francês. Em resposta Saussure afirma que tal fenômeno apresenta-se com número de casos quase irrisório. Além disso, tal teoria perde valor quando observa-se a origem dessas palavras, pois constata-se que a qualidade dos sons que impressionam os ouvidos por apresentar sonoridade sugestiva (correspondência formal) foi um processo fortuito da evolução fonética e não que tenham qualquer relação de motivação entre o significante e seu significado. Em segundo lugar, Saussure comenta sobre onomatopeias autênticas, tais como, *tic-tac* ou *glub-glub*, que igualmente em pouco número, são escolhidas de maneira arbitrária, pois tratam-se de imitações já imersas no funcionamento da uma língua; mais um exemplo seria o nome dado ao pássaro *Pitangus sulphuratus* denominado “bem-te-vi” no Brasil e chamado de “bicho-feo” na Argentina, pois, para cada língua, o som emitido pelo pássaro é adaptado ao sistema interno da língua já adquirida e além disso mesmo quando passa a fazer parte da língua está sujeito às mesmas evoluções fonéticas que as outras palavras (SAUSSURE, 1916).

(b) as exclamações, bastante próximas das onomatopeias. Saussure (1916, p. 83) responde a esta objeção comentando as variações observadas de língua para língua (ai!; ouch!) mostrando que tal motivação natural e interna entre significado e significante não existem.

Em resumo, as onomatopéias e as exclamações seriam de importância secundária, e sua origem simbólica é em parte contestável.

O segundo princípio de igual importância do signo linguístico refere-se ao caráter linear do significante. Sobre esse princípio Saussure (1916) afirma que "o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha*" (p. 84). Na língua, não se pode ignorar que os termos se organizam em sucessões, em outras palavras, os termos aparecem um após o outro, diferente de outros sistemas semiológicos como a arte pictórica na qual os signos podem aparecer todos ao mesmo tempo sem a necessidade de aparecerem um após o outro.

Saussure (1916, p. 84) também lembra que, apesar de ser um princípio muito evidente, é negligenciado com frequência; entretanto, tal princípio tem tanta validade quanto o primeiro (arbitrariedade do signo), pois também apresenta incalculáveis consequências. Para Saussure todo mecanismo da língua depende do caráter linear do significante (segundo princípio). Veremos mais essas implicações ao tratamos a disciplina sincrônica da língua.

3.4.2 *O problema da delimitação das unidades concretas.*

Para entendermos sobre as unidades de análise anteriormente tivemos que apresentar a teoria do signo, pois tal explicação é essencial para o entendimento das unidades de análise.

Saussure inicia esse capítulo definindo as *entidades concretas* da linguística sincrônica, e dessa maneira, ele afirma que os "signos que a língua compõe não são abstrações mas objetos reais" (SAUSSURE, 1916, p.119). Saussure destaca que são esses signos e as relações entre eles as entidades concretas desta parte da Linguística.

Para apoiar a ideia que os signos linguísticos são entidades concretas de fato Saussure apresenta dois princípios que dominam toda a questão sobre a definição de entidades concretas da língua.

Em primeiro lugar, a união entre significante e significado é que torna concreta a entidade desta ciência ao passo que, se tomada somente uma dessas entidades, temos uma abstração. Separar em sílabas não nos traz uma relação linguística, pois somente cabe à

fonologia tal estudo. Para Saussure (1916, p.119) uma seqüência de sons só é linguística quando carrega um significado, isto é, quando é suporte de uma ideia, e se subtrairmos o suporte conceitual teríamos somente um estudo fisiológico; por outro lado, como já dito por Saussure, uma ideia estudada por si mesmo, sem relacionar-se com uma matéria fônica, trata-se somente de um objeto para a Psicologia, por isso, Saussure afirma que “na língua, um conceito é uma qualidade da substância fônica, assim como uma sonoridade determinada é uma qualidade do conceito”(SAUSSURE, 1916, p. 119). Para melhor entendimento Saussure usa o exemplo da água, a qual é composta por oxigênio e hidrogênio, mas, tomados separados, nenhum desses tem as propriedades da água.

Em segundo lugar, a delimitação da entidade linguística é o que torna possível seu estudo. A língua não é comparável, mesmo sendo dentro do mesmo campo (semiologia), com um sistema visual, em que os signos podem permanecer dispostos de maneira coexistentes num mesmo espaço sem confundir-se. O caráter linear da língua não permite tal observação. Por isso, a delimitação (ou separação) dos elementos significativos exige um esforço a mais, que na visão de Saussure é conquistado com o hábito e atenção para identificar as significações e disposição da cadeia fônica e seus elementos particulares, muito diferente da delimitação natural (de antemão) presente nos elementos visuais. Assim Saussure (1916) postula: "A unidade não tem nenhum caráter fônico especial e a única definição que dela se pode dar é a seguinte: *uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada, é significante de um certo conceito*"(p. 120).

Desse modo, reconhecendo as entidades concretas da língua, isto é, o signo linguístico, podemos delimitar as unidades de análise. O método proposto por Saussure (1916, p. 121 para este fim trata-se de tomar a pessoa no ato da fala e representá-la por duas cadeias paralelas: uma formada por conceitos (a) e outra por imagens acústicas (b). Essas duas cadeias devem corresponder-se para que tal delimitação esteja correta. Para melhor entendimento segue o esquema:

(a)	A	B	C
(b)	A'	B'	C'

Para provar os resultados de tal método, atenta-se para um material fônico delimitado isolando-o do seu contexto, isto é, o que lhe precede e o que segue; após isso comparamos algumas frases que possuam a mesma unidade; se um mesmo significado atrelar-se ao mesmo significante, conclui-se que ambos são a mesma unidade linguística, mas se o mesmo significante atrelar-se a outro significado, trata-se de outra unidade de análise (SAUSSURE, 1916, p. 121).

Com isso poderíamos constatar que a *palavra* poderia, então ser uma unidade concreta da língua. Saussure concorda em parte com isso. Ver-se-á mais a frente, entretanto, que o autor considerará alguns contrapontos.

Pois, segundo Saussure (1916, p. 122) se as consideramos, então o método em sua aplicação ainda continua sendo muito simples, logo percebemos que as palavras são diferentes das unidades concretas as quais acabamos de definir. Por isso as palavras são unidades concretas problemáticas. O problema é que palavras como "cavalos" e "cavalo" (chevaux e cheval) em um aspecto se ligam por parte do significado, contudo, diferem em material fônico (e conceito). Daí o dilema: trata-se de unidades concretas ou não? Para afirmar devemos esquecer as diferenças e tratá-las como iguais, ao passo que do contrário devemos tratá-las como palavras totalmente diferentes negligenciando sua relação evidente (SAUSSURE, 1916, p. 122). Além disso, palavras muitas vezes são unidades concretas complexas, formadas por subunidades (sufixo, prefixo, radical, etc.). Desse modo, para Saussure, deveríamos procurar a unidade concreta fora da palavra.

Saussure (1916, p. 123) destaca o mesmo processo na perspectiva dos falantes, da qual temos a impressão contrária, pois a "palavra" não aparece como problema. Elas são distintas facilmente no discurso e parece que a problemática da delimitação da unidade concreta de análise mostra-se apenas à ciência do linguista. Se tentarmos trocar a "palavra" pela "frase", esta não toma o lugar da palavra sem apresentar as mesmas dificuldades. Após toda essa discussão, Saussure (1916, p. 123) afirma que se um ciência não tem, de imediato, unidades de análise concretas, pouco importa; é possível produzir conhecimento sem a definição precisa das mesmas.

Saussure dá como exemplo a História como ciência, da qual não sabemos se sua unidade é o indivíduo, época ou a nação, mas sempre foi possível produzir sem resolver isso.

No estudo da língua acontece a mesma coisa, e por isso, conclui-se que não é especialmente essencial a delimitação específica de suas unidades de análise (SAUSSURE, 1916).

Vale dizer que Saussure delimita o caráter essencial da língua como a questão da oposição entre suas unidades concretas, entretanto, podemos admitir que dar um passo sem delimitar tais unidades é um problema muito delicado, mas, o autor, não deixa de destacar a questão de se tais unidades realmente existem. Aqui Saussure posiciona-se claramente resistente na importância de tal delimitação, apesar de considerar que muitos outros linguistas poderiam considerar essencial tal delimitação da unidade imediata.

Mas para Saussure o estudo da língua não apresenta unidades imediatamente perceptíveis, pois só existem e são determinadas pelo jogo que a língua constitui. Essa característica distingue a língua de outras instituições semiológicas.

3. 4. 3. *O que se desdobra em relação ao problema da unidade linguística.*

Saussure irá destacar três aspectos das consequências da afirmação anterior: a questão das *identidades*, da *realidade* e do *valor* em linguística, respectivamente, o aspecto único das unidades, os aspectos de classificação dessas unidades e, por fim, o elemento que cobre as outras noções.

a. O que define a Identidade sincrônica?

A identidade, a qual Saussure se refere é aquela que constatamos, em primeira vista, como quando duas porções fônicas correspondem ao mesmo significado (je ne sais *pas* / ne dites *pas* cela); a partir da comparação entre duas frases dizemos que contém o mesmo elemento. Mas essa definição é incompleta, pois em relação ao uso da palavra e algumas frases tal identidade pode se quebrar. Saussure dá um exemplo simples: quando dizemos "*adotar* uma moda" trata-se de algo consideravelmente diferente de "*adotar* uma criança". Logo, como poderíamos definir uma Identidade? A resposta é simples: são as mesmas condições e entidades em jogo, ou seja, o importante para a definição da *identidade* trata-se de considerar o jogo da língua, pois, como cita no exemplo, a identidade linguística não se detém na identidade fônica e nem na semântica.

Diz Saussure:

Por que se pode reconstruir uma rua de cima a baixo sem que ela deixe de ser a mesma rua? Porque a entidade que a constitui não é puramente material; funda-se em certas condições a que é estranha sua matéria ocasional, por exemplo sua situação relativamente às outras; de modo semelhante, o que faz o expresso e a hora de sua partida, seu itinerário e em geral todas as circunstâncias que o distinguem dos outros expressos. Sempre que se realizem as mesmas condições, obtêm-se as mesmas entidades. E, no entanto, estas não são abstratas, pois uma rua ou um expresso não se concebem fora de sua realização material. (SAUSSURE, 1916, p. 126).

Logo após ele continua:

O vínculo entre os dois empregos da mesma palavra não se baseia nem na identidade material nem na exata semelhança de sentido, mas em elementos que cumprirá investigar e que nos farão chegar bem perto da verdadeira natureza das unidades linguísticas. (SAUSSURE, 1916, p. 126).

Com isso, nota-se que todo o mecanismo da língua se apoia sobre identidades e diferenças, sendo uma contraparte da outra.

b. E a questão da realidade sincrônica?

A situação proposta por Saussure levanta questões para chamar atenção para a definição de realidade sincrônica. Seriam classificações de palavras feitas a partir da lógica e denominações extralinguísticas? Ou é determinado no seio da língua sendo condicionado a ela?

Na frase, “*Tenho um corre para fazer*”⁷, certamente *corre* tem sentido de substantivo no entendimento da frase, porém geralmente não seria classificado como tal. Os gramáticos afirmariam que *corre* não é substantivo, pois não se comporta como um normalmente, mas a formulação da frase torna-o um. Segundo a teoria de Saussure, podemos concordar que a classificação morfológica é discutível, pois dizer que *corre* é verbo dificultaria o entendimento real do sentido dado pelo falante. Então podemos supor que a “distinção das palavras em substantivos, verbos, adjetivos etc., não é uma realidade linguística inegável” (SAUSSURE, 1916, p. 127).

Dessa maneira vemos que a Linguística trabalha muito classificações e distinções divorciadas dos fatores constitutivos e naturais da língua. Por isso Saussure (1916) afirma:

⁷ Significa “Tenho *algo urgente* para fazer”. Trata-se de uma gíria suburbana da capital de São Paulo.

Para escapar às ilusões, devemos nos convencer, primeiramente, de que as entidades concretas da língua não se apresentam por si mesmas à nossa observação. Mas se procurarmos apreendê-las, tomaremos contato com o real. (p. 127)

Em outras palavras, podemos compreender que para um método promissor é preciso atentar às entidades concretas da língua, mas para isso devemos considerar que estas não se apresentam naturalmente a nossa percepção. Só quando apreendemos tais entidades concretas é que podemos ter contato com o real e com isso teremos possibilidades de formular classificações condicionais aos princípios internos da língua e não classificações mantidas por mecanismos externos a ela, relacionados a entidades que não são concretas como as realizadas tradicionalmente: as categorias lógicas e arbitrárias.

c. O Valor sincrônico.

Em primeiro lugar, Saussure nos diz que a definição de valor linguístico não difere muito do que já foi dito até agora. Elementos em sua materialidade pura não representam algo real e concreto se não estiver revestido de seu *valor* e fazendo corpo com ele. Consoante ao autor, um elemento pode ser substituído por outro sem que esse seja sequer parecido com o primeiro, contanto que lhe seja atribuído o mesmo valor. Podemos perceber que a noção de *identidade* confunde-se com a de *valor* reciprocamente. Pois, segundo Saussure, nos sistemas semiológicos como a língua, nos quais os elementos se mantêm reciprocamente em equilíbrio de acordo com regras determinadas, a confusão entre as noções torna-se clara e natural (SAUSSURE, 1916, p. 128).

Saussure (1916, p. 128-129) afirma que a questão do que é unidade de análise para ele recai sobre uma mesma questão, que a noção de *valor* cobre as outras noções (identidade e realidade sincrônica). Dessa maneira, por tratar-se da língua, um sistema no qual os elementos tem uma relação de determinação mútua entre si, as noções descritas nos trechos anteriores, são, pois, cada uma, um desdobramento da mesma questão que sempre se apresentará em linguística estática. A procura da determinação ou delimitação da unidade, realidade, entidade concreta convergem para a mesma questão central: a de que a língua é um sistema de determinação recíproca, isto é, os elementos são delimitados a partir da relação de coexistência entre eles mesmos.

No ponto de vista prático, o ideal seria ter *unidades bem definidas e delimitadas* para que assim seja possível notar a diversidade dessas unidades e classificar todos os grupos, os quais apresentariam qualquer relação de proximidade. Procedendo dessa forma, o próximo passo seria entender a difusão das *palavras* que apesar da dificuldade de definição, é uma unidade de análise que se impõe ao espírito e, segundo Saussure (1916, p. 129) teríamos a possibilidade de classificar as sub-unidades e unidades maiores desta unidade que geralmente é complexa. Feito tudo isso, conforme o autor, estaria cumprida a tarefa linguística.

Por fim, Saussure (1916) ainda faz uma crítica aos linguistas da sua época, pois não enxerga qualquer tentativa destes em tal discernimento ou crítica. Para ele, os linguistas sequer notaram a importância e dificuldade do problema, logo, sempre trabalharam com unidades mal definidas. Para Saussure a resolução desse problema está na importância essencial do aspecto do valor sincrônico da língua.

Podemos concluir que as unidades de análise para Saussure são um outro problema para a linguística, e por isso, é difícil apontar qual seria o elemento da língua a ser definido como tal. Poderíamos dizer que a *palavra* seria a unidade concreta de análise, pois, como dito, impõe-se ao espírito dos falantes sem qualquer esforço. Contudo, a noção de valor sincrônico deve ser sempre considerada.

A língua, para Saussure (1916, p. 130), constitui-se num sistema de valores puros e para provar que a língua deve ser definida como tal, o mesmo demonstra que as duas partes dos signos linguísticos, ou seja, o conceito e a imagem acústica, quando independentes uma da outra são duas massas sem distinção, tanto o pensamento quanto a cadeia de sons, em separado, são um aglomerado indistinto. O pensamento como um conjunto de ideias aglomeradas necessita da plasticidade da matéria fônica para que lhe forneça significantes, e dessa maneira, o pensamento deixa de ser um amontoado de elementos indistintos, pois neste não existem ideias pré estabelecidas.

Sobre isso, vale ressaltar que Saussure de certa maneira distingue o pensamento da língua. Ao que parece, pensamento seria uma capacidade humana pouco organizada sem a língua. Desse modo, Saussure (1916, p. 131) postula que o papel da língua não é ser a expressão das ideias em sons, mas ser um *intermediário* entre as ideias e os sons. Contudo, a união resulta necessariamente em delimitações recíprocas em unidades, isto é, o pensamento

para Saussure, é por natureza caótico e deve se tornar mais preciso ao se decompor em palavras. Por isso, não existiria materialização do pensamento tampouco espiritualização dos sons conforme Saussure, pois o fato “pensamento-sons” demanda decomposição e a língua constrói suas unidades entre duas massas amorfas.

Com o que foi dito, nota-se a impossibilidade de isolar o som (imagem acústica) do pensamento, ou o pensamento do som. Conforme Saussure, se tal separação ocorrer temos como resultado um objeto puramente psicológico ou puramente da fonologia. Para Saussure (1916), a linguística encontra-se no “terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens [que] se combinam” (p. 131 colchetes acrescentado) e tal união resulta uma forma, não uma substância.

Vale lembrar que a noção de valor tem relação direta com a arbitrariedade do signo. Desse modo, Saussure é levado a recordar do princípio de arbitrariedade do signo que vai de acordo com o fato de que as duas massas *amorfas e indistintas* podem ser unidas pelo fato linguístico. Essa união, isto é, a união entre uma determinada porção acústica a uma ideia é totalmente arbitrária, ou seja, imotivada. Isso demonstra que tal organização é totalmente interna e sem qualquer intervenção externa à língua, sendo que os valores são inteiramente relativos, “eis porque o vínculo entre som e ideia é radicalmente arbitrário”(SAUSSURE, 1916, p. 132).

A arbitrariedade do signo, segundo Saussure (1916), nos destaca a necessidade de ser um fato social o valor linguístico, isto é, o valor do signo é determinado pela razão de ser relativo ao uso e consenso geral do coletivo, deixando a tarefa impossível ao indivíduo destacado da massa social.

Mediante ao que foi dito, o autor ainda aponta o leviano engano de supor que a ligação entre o som e a ideia é suficiente para captar o valor linguístico isolando o termo do sistema que o constitui. O erro é evidente, haja vista a dificuldade, em Linguística, de captar diretamente as entidades concretas ou unidades da língua. Saussure opta por considerar a *palavra* como entidade mais próxima da ideia por ter a vantagem de ser concreta. E assim, as *palavras*, para Saussure, são tomadas como equivalentes aos *termos reais* em linguística sincrônica.

3.4.4 Definição da unidade concreta da linguística sincrônica

Qual é o valor de uma palavra? O questionamento é importante por fazer a união de duas questões essenciais para definição da unidade de análise para Saussure.

Em relação ao valor de uma palavra, encontra-se um dos aspectos do valor linguístico, que seria a propriedade de uma palavra representar uma ideia. Contudo, essa primeira definição joga a noção de valor perto do que se entende por significação, mas Saussure afirma que tais palavras não são sinônimos. De fato, o valor linguístico considerado em seu aspecto conceitual carrega características de significação, mas existem fatores que os diferenciam apesar de serem de difícil discernimento.

Mas, como, então, a significação pode confundir-se com o valor? Saussure entende a significação como um *vínculo independente* entre significado e significante, logo, neste ponto de vista a língua pode ser vista como nomenclatura. Mas, considerando que a língua, na realidade, trata-se de “um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros”(p. 133) agora fica difícil supor a confusão. Significação e valor sincrônico, de fato, são coisas distintas. Para que haja o valor sincrônico, Saussure (1916) destaca dois fatores que o constituem: (1) “por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar” (p. 134) e (2) “por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa” (p. 134).

Logo, para explicar tal definição, Saussure usa o exemplo da moeda. A *palavra* pode ser trocada por uma *ideia* (ou seja, algo dessemelhante) com uma *moeda* pode ser trocada por um *pão*. A palavra pode ser comparada com outra palavra (isto é, da mesma natureza e presente em um mesmo sistema), ao passo que a *moeda* de um real pode ser comparada com uma moeda de 50 centavos. O mesmo também é possível comparando a outro sistema, como uma palavra do português com uma do grego e uma moeda de um real a de um dólar. A partir dessa analogia, nota-se que não podemos fixar nenhum valor, pois poderá sempre ser trocado. Ou seja, seu conteúdo só poderá ser verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora da unidade. Assim, a palavra, fazendo parte do sistema, além de uma *significação*, também está revestida de um *valor*.

Outra característica da palavra e seu valor é que esta permite flutuação da sua significação e valor. Saussure (1916) exemplifica afirmando que a palavra "*carneiro*" do português ou do francês, *mouton*, tem a mesma significação que do inglês "*sheep*", contudo não o mesmo valor, pois no inglês tem-se uma articulação de termos coexistentes que não está presente nas outras duas línguas. Dizer *sheep* define muito mais do que dizer carneiro ou mouton, pois delimita exatamente o animal (*sheep*) e não inclui a denominação a uma porção de carne preparada para comer (*mutton*), algo inexistente na língua portuguesa e francesa.

Isso mostra toda complexidade do sistema interno da língua e como é difícil realmente delimitar qualquer unidade se se considera tais fatores tão essenciais.

Relacionado a isso pode-se também destacar como o valor sempre será dividido entre os sinônimos, pois no "interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente"(SAUSSURE, 1916, p. 134). Isto é, os sinônimos dividem o valor entre si. Se não houver tal sinônimo presente na língua seu valor é dividido entre seus concorrentes.

O valor sempre será determinado pelo termos que o rodeiam. Nem as palavras mais "simples" podem determinar o valor sem considerar tal fato. O princípio do valor atinge todos os termos da língua. Saussure (1916, p. 135) dá o exemplo das entidades gramaticais, dentre as quais podemos destacar o plural, pois mesmo uma palavra tendo a significação idêntica pode não ter correspondência de valor. No sânscrito, por exemplo, existem três números para o plural no lugar de dois conhecidos no português. Como corresponder entidade tão comum quanto o plural com fato tão dispar? Isso prova que a significação não é exclusiva na língua, o princípio do valor se faz presente, pois se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, as línguas (inglês, português, sânscrito, etc.) teriam uma correspondência exata entre os valores dos termos, contudo, a comparação e observação revelam o contrário. As ideias não são dadas de antemão, o valores emanam do sistema. O valor não é "algo", podemos defini-lo negativamente a partir de suas relações com os outros termos do sistema. "Sua característica mais exata é ser o que os outros não são"(SAUSSURE, 1916, p. 136).

Em resumo, Saussure afirma:

Quando afirmo simplesmente que uma palavra significa alguma coisa, quando me atendo à associação da imagem acústica com o conceito, faço uma operação que pode, em certa medida, ser exata e dar uma idéia da realidade; mas em nenhum caso exprime o fato linguístico na sua essência e na sua amplitude (SAUSSURE, 1916, p. 136).

Tratado o aspecto conceitual do valor, o que poderíamos dizer do aspecto material? Em resumo, conforme o que foi dito sobre a parte conceitual o mesmo se aplica à parte material. Saussure nos diz que podemos inferir o valor da parte material com a mesma afirmação de que é constituído unicamente pelas relações de diferenças com os outros termos de modo que o som em si não importa, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra das outras coexistentes, nos levando assim à significação. Não seria possível pensar de outra maneira, postula o autor (1916, p. 137). De fato, num fragmento de língua jamais poderia não basear-se a sua não-coincidência com o resto. Na língua, o que existe, são só diferenças e os "signos atuam, pois, não por seu valor intrínseco, mas por sua posição relativa" (p. 137).

Ainda consoante ao autor, o valor do som nunca se confunde com o material em si, o som não pertence em si à língua. Ademais, esse para ela é um material secundário, o qual somente põe em jogo. "Todos os valores convencionais apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhes serve de suporte" (SAUSSURE, 1916, p. 138), isto é, o valor de uma determinada moeda pode ser muito mais significativo que o valor que possui em seu material intrínseco. Portanto, o significante linguístico de modo algum é fônico. É na verdade, incorpóreo, sendo constituído unicamente pelas diferenças entre esta imagem acústica e todas as outras e jamais por sua substância material; não existe em *substância*, mas, apenas em *forma*.

O Princípio essencial da língua é que todas elas possuem um sistema de elementos sonoros os quais estão claramente delimitados e cujo número está perfeitamente determinado. Tal sistema não considera as características positivas e próprias de cada elemento, mas, na realidade, o contrário, sendo as características opositoras, relativas e negativas que constituem os fonemas. Assim a língua só pede ao som que seja *diferente* e a sua qualidade *invariável* (SAUSSURE, 1916, p. 138).

Para Saussure (1916, p. 138), se o fonema continua diferencial (opositivo, relativo e negativo) de todos outros, nada impede que os falantes utilizem formas próximas. Dessa maneira, em uma determinada língua podemos usar outro fonema em determinada palavra no

lugar de um fonema convencional, contanto que não confunda dois sons diferenciados pela língua. Por exemplo, não deixamos de entender se uma pessoa diz “praca” no lugar de “placa” ao apontar para um placa de sinalização, pois o valor não se confundir, já que a troca do fonema em questão não se confundir com outra palavra. Porém se a troca for do “a” pelo “o” em “faca”, o valor confundir-se com outra palavra “foca”.

Saussure (1916, p. 138-139) utiliza o sistema da escrita para esclarecer a questão nomeando cada princípio essencial que está em jogo. Em primeiro lugar, os signos da escrita são arbitrários; nenhuma relação existe entre a letra “t” e o som que ela designa; após isso, o valor das letras é puramente negativo e diferencial; assim, a mesma pessoa pode escrever “t” com variantes tais como: (T, t, \mathcal{T} , \mathcal{t} , etc.). A única coisa essencial é que este não se confunda em sua escrita, com a do “l”, do “d”, por exemplo; Outro fato importante é que os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido, composto de um número determinado de letras. Essa característica, sem ser idêntica a segunda, relaciona-se estreitamente, pois para ambos, sua forma importa pouco, ou melhor, só tem importância dentro dos limites impostos pelo sistema; e, por fim, a forma como se produzirá o signo é totalmente indiferente, pois não importa ao sistema que eu escreva as letras em branco ou preto, em baixo ou alto relevo, à mão ou digitado, isso não tem importância para a significação.

Resumindo, sobre o aspecto conceitual ou material tomados separadamente, afirma-se que realmente na língua só existem diferenças, não diferenças entre termos positivos, mas diferenças sem termos positivos. Em outras palavras, em seu aspecto material ou conceitual (significado ou significante) a língua não comporta ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente as diferenças conceituais e fônicas resultantes deste sistema, “o que haja de idéia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos” (SAUSSURE, 1916, p.139). Saussure prova tal argumento destacando que o valor de um terminado signo pode alterar-se sem qualquer influencia no significado ou significante, simplesmente por que um termo vizinho tenha sofrido uma modificação.

Contudo, se finalmente considerarmos o aspecto conceitual e material do signo unidos, quer dizer a totalidade do signo linguístico, vemos que a característica *negativa* está presente

nas partes separadas. Quando verificamos o signo como a totalidade, nos deparamos com o fato de que trata-se de um sistema de valores, no qual temos a noção de que o

sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo (SAUSSURE, 1916, p. 139).

Por isso, enquanto consideremos separadamente os conceitos e as imagens acústicas são elementos negativos, contudo se considerada como a totalidade, ou seja, os signos tomados como um todo, são elementos positivos. O fato é que o próprio da língua é manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças, mas são positivos se consideramos esses fatos negativos e diferenciais como uma combinação (SAUSSURE, 1916, 140).

O princípio de diferenciação é formulado por Saussure (1916, p. 140) como a confusão dos caracteres da unidade com a própria unidade. Isto é, na língua o que distingue o signo é tudo aquilo que o constitui. Assim a diferença faz as características, assim como o valor e a unidade. Para Saussure (1916, p. 141), a língua é, por assim dizer, uma álgebra que teria somente termos complexos. Unidade e o Fato de gramática são apenas nomes diferentes para designar aspectos diversos de um mesmo fato mais geral, isto é, o jogo de oposições linguísticas. Conclui-se que não encontramos termos simples na língua, pois toda língua é constituída pelo equilíbrio de termos compostos, logo a afirmação de Saussure (1916) é enfática: “*A língua é uma forma e não uma substância*” (p. 141).

3.5 Língua como sistema

3.5.1. Linguística idiossincrônica: O estudo do sistema da língua

Os capítulos anteriores são indispensáveis na compreensão do funcionamento do sistema que é a língua. Em primeiro lugar, foi preciso entender o objeto da qual a Linguística se ocupa para depois perceber que tal objeto é um todo muito complexo. E essa complexidade implica em dividir seu estudo em duas partes: uma que considera as relações circunscritas em um sistema e outra que considera apenas acontecimentos que atravessam gerações no tempo. Mas, o intuito desta pesquisa visa apenas a questão do sistema da língua, por isso seguimos o

caminho guiado pela linguística sincrônica, da qual as relações que constituem o sistema da língua serão abordadas.

Saussure (1916) descreve o objeto da disciplina sincrônica como, mais especificamente, "estabelecer os princípios fundamentais de todo sistema idiosincrônico, os fatores constitutivos de todos estados da língua" (p. 117) sendo que as propriedades gerais do signo são parte integrante dessa ordem de fatores.

Na discussão sobre qual seria a unidade de análise da linguística sincrônica notamos que a noção de valor deve ser muito bem esclarecida para se ter um entendimento coerente do funcionamento do sistema que é a língua, assim como todos seus mecanismos.

Aproximar-se da língua é entender seu sistema. Isto é, entender a língua é entender também sua gramática? Saussure diz que aquilo que se chama gramática geral pertence à sincronia, pois só destacamos tal gramática a partir do destaque das relações presentes nos estados da língua. Contudo, para entender tal ordem, Saussure irá explicar alguns princípios essenciais.

Em primeiro lugar, em oposição à linguística sincrônica, o estudo diacrônico sempre parece ser mais fácil, pois o ponto de vista histórico chama atenção de imediato, propõe destaque ao apresentar-se ao entendimento mais facilmente do que o sincrônico. Os valores e as relações coexistentes presentes em uma língua apresentam dificuldades bem maiores para visualização.

Para entendermos a língua temos que nos focar em um certo estado da língua. É interessante como Saussure (1916, p. 117) destaca que um estado da língua não é um ponto fixo, no qual não existem modificações, mas, ao contrário, existem modificações, pois um estado da língua é um espaço de tempo que sofre as atrações naturais do tempo, mas o linguista, nesta perspectiva, deve desdenhar de modificações pouco importantes.

Um estado pode preservar-se durante séculos, enquanto outros em pouco anos podem mudar drasticamente, isto é, duas línguas coexistentes pode manter-se imutáveis durante longo tempo ou uma só pode modificar-se muitas vezes enquanto a outra permanece a mesma. Isso pode determinar diferentes estudos: o primeiro, enquanto não apresentar

mudanças significativas, permite apenas um estudo sincrônico, mas o segundo, o qual sofreu muitas modificações, poderá alternar-se com o estudo diacrônico (SAUSSURE, 1916, p. 117).

Outra peculiaridade do estudo sincrônico é exemplificado por Saussure (1916, p. 118) com uma comparação da História política com Linguística. Na História política, consoante ao autor, há uma distinção de época e período. Tal termo não é usado por Saussure para denominar os estados da língua, pois, ao usar "época", nos remetemos a acontecimentos que se destacam dos outros e que operam deliberadamente na mudança de uma época para outra e isso não é verdadeiro na língua. Além disso, tal afirmação nos faria pensar em determinações externas para as mudanças de um estado a outro. Tal fato está relacionado à linguística externa que não é considerada no estudo sincrônico da língua, já que este apoia-se no funcionamento da língua em si.

Outra observação pertinente de Saussure (1916, p. 118) é que a delimitação de um estado da língua não é só complexa e duvidosa na limitação em relação ao *tempo*, mas, também, na limitação relacionada ao *espaço*. Em resumo, ainda conforme a este autor, a noção de estado da língua não pode ser senão aproximativa, por isso, Saussure compara a linguística estática com outras ciências em que as demonstrações devem ser feitas fatalmente com simplificações convencionais dos fatos e é o que foi observado na delimitação da unidade de análise.

Por fim, o que vale ser dito aqui é que o entendimento do funcionamento das relações internas do sistema linguístico foram descritas por Saussure, o que é de suma importância ao entendimento do que trata o sistema dentro da linguística moderna assim como da natureza de seu funcionamento. Logo, concordamos quando Saussure (1916) postula:

O conjunto de diferenças fônicas e conceptuais que constitui a língua resulta, pois, de duas espécies de comparações; as aproximações são ora associativas, ora sintagmáticas; os agrupamentos de uma e de outra espécie são, em grande medida, estabelecidos pela língua; é esse conjunto de relações usuais que a constitui e que lhe preside o funcionamento (p. 148).

3.5.2. *Funcionamento do sistema.*

“A relação sintagmática existe in praesentia; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos in absentia numa série mnemônica virtual”

Saussure, 1916 (p.143)

Com tudo o que foi dito até agora acerca da língua e de como Saussure entende a mesma, podemos constatar que nela todo se baseia em relações. Assim, agora começamos a entender como essas relações funcionam.

Saussure (1916, p. 142), aponta que tal funcionamento opera sobre duas ordens de valores. Isto é, as relações e diferenças se agrupam em duas esferas distintas que geram, ambas, certa ordem de valores. Tais ordens correspondem a duas formas de nossa vida mental as quais são indispensáveis à vida das línguas.

Em primeiro lugar, Saussure (1916, p. 142) destaca a relação dos termos mediante o *caráter linear da língua*, isto é, aquela característica da língua, segundo a qual não podemos observar ou falar mais de um termo de uma vez sem confundir os termos. Desse modo é imperativo considerar a cadeia falada em uma *extensão* em que as unidades vêm construtivamente uma após as outras. Assim, colocado em um sintagma, o termo só ganha seu valor por opor-se ao que precede, ou ao que segue, ou a ambos. Por outro lado, existe outra ordem de valores que Saussure menciona. Esta está fora do *caráter linear da língua* e não respeita uma *extensão*; está no cérebro do indivíduo. Por exemplo, uma palavra tal como "ensino", pode suscitar muitas outras, pelas mais diversas relações que a memória do indivíduo pode fazer. Tais relações Saussure (1916, p. 142) denomina de relações associativas.

Segundo Saussure, a distinção entre aos dois tipos de relação pode ser descrito por um exemplo simples. A analogia a usa alusão uma coluna de um edifício, na qual a relação sintagmática representaria a relação da coluna com um arquitrave, ambos estão presentes no espaço. Já a relação associativa seria observamos essa coluna e constatarmos que seja de característica arquitetônica Dórica, o que nos suscita comparações mentais com outras ordens, Moderna, Gótica, etc.

a. *Relações Sintagmas e as Relações Associativas.*

Antes de definir mais especificamente o jogo das relações sintagmáticas, uma objeção pode surgir: os sintagmas pertencem à *fala* o à *língua*? Saussure (1916, p. 144) levanta essa importante objeção, pois refere-se à delimitação do verdadeiro objeto da linguística, já que uma *frase* pode ser considerada um exemplo por excelência de sintagma. Logo, poderíamos afirmar que essa ordem pertenceria à fala, contudo Saussure discorda, lembrando que a

liberdade das combinações é característica da fala, mas nem todo sintagma se caracteriza como fala.

Segundo Saussure, as *frases feitas* são constituídas de termos sucessivos fornecidos pela tradição e não pelo indivíduo, já que não permitem modificações e seu caráter usual depende das particularidades de sua significação ou de sua sintaxe. A frase "Tenha dó!" não permite a modificação "Tenha pena!" sem modificar totalmente seu valor, que não é mais o usual. Outro exemplo está na relação sintagmática entre as subunidades da palavra, que pela força do uso criam formas morfológicas anômalas como facilidade/dificuldade (SAUSSURE, 1916).

Saussure reconhece que o sintagma não se limita aos fatos da língua (testemunho de uso coletivo) tampouco aos da fala (liberdade individual). Muitas vezes, ambos fatores, contribuíram para uma certa combinação. Desse modo, sua classificação torna-se impossível.

Outro fato que observamos é que a relação sintagmática é mais evidente à nossa atenção. De certo, observamos sem muito esforço que "quase todas as unidades da língua dependem seja do que as rodeia na cadeia falada, seja das partes sucessivas de que elas próprias se compõem" (SAUSSURE, 1916, p. 148).

Para demonstrar tal mecanismo da língua, Saussure (1916, p. 148) destaca o fenômeno da formação das palavras, na qual percebemos as unidades como combinações de elementos solidários, por isso é possível decompor as unidades em subunidades. No exemplo que Saussure utiliza, trata-se do termo *desejoso*, o qual pode ser decomposto em duas subunidades (desej + oso). Contudo, como afirma Saussure, o sufixo (oso) é inexistente na língua se considerado sozinho, isto é, só tem *valor* pela sua ação recíproca numa unidade superior. Seu lugar na língua é garantido por uma série de termos usuais tais como *calor-oso*, *duvid-oso*... Por outro lado, o radical não é autônomo sendo que só existe pela combinação com o sufixo.

Logo, salta aos olhos que o princípio geral verificado nos sintagmas é que o "todo vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude de seu lugar no todo, e eis por que a relação sintagmática da parte com o todo é tão importante quanto a das partes entre si" ao mesmo tempo em que podemos considerar que trata-se sempre de "unidades mais vastas, compostas elas próprias de unidades mais restritas, umas e outras mantendo uma relação de solidariedade recíproca" (SAUSSURE, 1916, p. 149).

Todavia, Saussure também nos aponta exemplos isolados que vão contra ao princípio sintagmático, os quais são independentes de relações sintagmáticas como *sim, não, obrigado*. Mas completa dizendo que esses fatos, de resto excepcionais, não abalam o princípio geral. Pois, em nossa vida normalmente não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas, que são elas próprias signos (SAUSSURE, 1916, p. 149).

Finalmente chegamos novamente a uma conclusão conhecida, de que tudo se reduz a *diferenças*, mas, incluímos também *agrupamentos*. O mecanismo da língua além de funcionar a partir de diferenças também funciona a partir de agrupamentos, segundo Saussure (1916, p. 149). Para ele esses princípios resumem um mecanismo que consistem um jogo de termos sucessivos.

Entretanto, Saussure (1916, p. 147) não deixa de apontar o caráter importantíssimo das séries associativas, nas quais a associação mental agrupa elementos com algo em comum e, além disso, destaca a natureza das relações. Assim, criam-se tantas séries associativas quanto relações existentes. Por exemplo, a série: brincar, brincamos, brincou, nos suscita a relação do radical, o qual é comum a todos os termos; tais associações também podem levar em conta o sufixo (armamento, ensinamento), as analogias dos significados (ensino, instrução), ou seu contrário, na simples comunidade das imagens acústicas (ensinamento, lento, carregamento).

Uma outra característica importante das séries associativas seria que são sem ordem ou número determinado, isto é, diferente das relações sintagmáticas, as quais apresentam-se com ordem e número definidos, nas séries associativas não podemos dizer o mesmo. Deve-se considerar que em relação à indefinição da ordem, Saussure (1916, p. 147) afirma esta sempre presente, nunca teremos uma ordem determinada. Mesmo em relação ao paradigma de *flexão* a ordem é arbitrariamente determinada pelo gramático. Quanto a indefinição de *número* esta característica pode faltar e a língua pode apresentar um número definido em certa série associativa.

Apesar da descrição dos tipos de relação terem sido realizadas de forma radicalmente separadas, tal distinção é exclusivamente didática, pois os dois tipos de relação também têm um funcionamento simultâneo.

Uma característica muito importante desse funcionamento seria que a coordenação associativa é necessária para entendimento do sintagma. Ou seja, existe uma interdependência

entre os termos, já que condicionam-se reciprocamente o que acaba criando uma coordenação no espaço (na extensão linear da língua) a qual, por sua vez, cria coordenações associativas. Exemplo, no composto *des-fazer* temos lugares definidos pela ação recíproca entre as subunidades: *des* vem primeiro e *fazer* o segue. Esta coordenação no espaço, permite-nos fazer duas relações associativas, tais como *descolar*, *deslocar* etc. Por outro lado, a segunda unidade gera outra relação associativa: *fazer*, *refazer*, *contrafazer*. Assim observando a faixa horizontal que corresponde à cadeia falada, percebemos duas séries associativas relativas a cada unidade presente no sintagma (SAUSSURE, 1916, p. 149)

Logo, podemos entender que o sintagma é aquilo que se apoia em duas séries associativas. A palavra *des-fazer* é um sintagma, pois pode ser decomposto em subunidades recorrentes de duas séries associativas, se as outras unidades desaparecessem da língua não seria mais sintagma e se comportaria como um termo simples da língua que não possui duas partes que se opõem uma a outra, como por exemplo a palavra *sim*, da qual não existem unidades pertencentes a séries associativas independentes para serem decompostas e assim opor as subunidades do sintagma.

Saussure (1916) postula que nossa "memória tem de reserva vários tipos de sintagmas, mais ou menos complexos, de qualquer espécie ou extensão que possam ser" (p.150). O autor também salienta o importante papel ativo no momento que empregamos tais sintagmas, assim, para ele, "fazemos intervir os grupos associativos para fixar nossa escolha"(p.150).

Segundo Saussure (1916, p. 151), a escolha dos sintagmas é mental e inconsciente, pois é desta maneira que o pensamento "escolhe" o sintagma que lhe cabe.

Quando alguém diz vamos!, pensa inconscientemente em diversos grupo de associação em cuja interseção se encontra o sintagma vamos! Este figura, por um lado, na serie vai! vão!, e é a oposição de vamos! com essas formas que determina a escolha; por outro lado, vamos! evoca a série subamos! comamos! etc., em cujo interior é escolhida pelo mesmo procedimento; em cada série, sabemos o que é mister variar para obter a diferenciação própria da unidade buscada. (SAUSSURE, 1916, p. 151)

Logo após ele continua: "Mude-se a idéia a exprimir, e outras oposições serão necessárias para fazer aparecer um outro valor; diremos por exemplo vão! ou subamos!" (SAUSSURE, 1916, p. 151). Com tal afirmação pressupõe-se que a *ideia* não

evoca uma *forma*, mas todo um sistema. Sendo um princípio geral para Saussure, pois é aplicável a todo e qualquer sintagma ou frase de todos os tipos, complexas ou não. Os agrupamentos associativos e os tipos sintagmáticos, estão ambos em jogo.

Inversamente esse procedimento de fixação e de escolha governa as mínimas unidades e até mesmo os elementos fonológicos, quando estão revestidos de um valor. Não pensamos somente em casos como o francês *petit* (escrito “petite”) em face de *peti* (escrito “petit”), ou o latim *domino* em face de *domino* etc., em que a diferença repousa, por acaso, num simples fonema, mas no fato mais característico e mais delicado de que um fonema desempenha por si só um papel no sistema de um estado de língua. Se, por exemplo, em grego *m, p, t* etc., não podem nunca figurar no fim de uma palavra, isso equivale a dizer que sua presença ou sua ausência em tal lugar conta na estrutura da palavra e na da frase.

b. Arbitrario relativo e Arbitrario absoluto

Além do mecanismo exposto anteriormente baseado nas relações sintagmáticas e paradigmáticas, Saussure ainda destaca outro ângulo possível e particularmente importante.

Esse aspecto do mecanismo se relaciona ao princípio de arbitrariedade do signo, já que para Saussure, nem tudo na língua é absolutamente arbitrário, ou seja, o signo pode ser relativamente motivado.

Saussure (1916, p.152) destaca alguns casos nos quais o signo é relativamente ou absolutamente arbitrário (imotivado): A palavra *Vinte* é imotivado ao passo que *dezenove* não, porque evoca os signos que a compõem e outros que lhe estão associados. Sufixos, infixos etc., geralmente nos dão dicas se o signo é *relativamente motivado*. Por exemplo, *pereira* lembra a palavra simples *pêra* cujo sufixo nos lembra *cerejeira*, *macieira*, etc.

Para Saussure (1916, p.152) o plural em algumas línguas também nos permite separar signos radicalmente arbitrários dos relativamente motivados. Por exemplo, do inglês, *ships* lembra ,por sua formação, toda a série *flags, birds*, ao passo que *men* não lembra nada.

Portanto, podemos afirmar que existem graus de arbitrariedade do signo. Contudo, nem todo signo possui características tão claras em relação ao grau de arbitrariedade. Algumas vezes a classificação Gramática nos dá a impressão de que tal subunidade da palavra garante um lugar determinado na classificação como "*ar*" nos verbos *falar, dar, costurar*, mas não é tão simples assim quando levamos em conta a palavra "*lar*", por exemplo.

Segundo Saussure (1916, p.153) a análise do relativamente motivado implica em (1) a análise do termo dado, portanto uma relação sintagmática; (2) a evocação de um ou vários termos, portanto uma relação associativa. Logo, é imperativa a consideração de um estudo que vise as limitações do arbitrário do signo. Já que, em tudo que se refira à língua como sistema, devemos considerá-la a partir do ponto de vista que destaque a limitação do arbitrário.

Saussure também afirma que existe uma regularidade e organização na massa dos signos e esta está no relativo motivado. Desse modo, ele postula que se

o mecanismo da língua fosse inteiramente racional, poderíamos estudá-lo em si mesmo; mas como não passa de uma correção parcial de um sistema naturalmente caótico, adota-se o ponto de vista imposto pela natureza mesma da língua, estudando esse mecanismo como uma limitação do arbitrário (SAUSSURE, 1916, p. 154)

Esta trata-se de uma importante afirmação, a qual destaca que muito da língua é possível classificar e estudar, pois a língua possui uma brecha deixada pela limitação do arbitrário. E é neste ponto que se percebe que explanações de Saussure são essenciais ao estudo da língua, já que, em parte, baseia-se no fato de ser simplesmente condizente com a natureza da língua.

Saussure postula que não existe língua em que nada seja motivado. Teoricamente existem dois extremos: o mínimo de organização e mínimo de arbitrariedade. Por definição Saussure, afirma que os idiomas flutuam entre esses extremos, contendo elementos das duas ordens, radicalmente arbitrário e relativamente motivado. Dada a variação na proporção entre os extremos, temos como medida a classificação desses idiomas. Por exemplo, línguas com classificações gramaticais mais evidentes teriam seus termos mais relativamente arbitrários, enquanto idiomas baseados em maior medida no léxico, poderiam ser classificados como mais absolutamente arbitrários, portanto, nota-se uma correlação entre *Gramática* e a *Motivação relativa* e o *Léxico* com o *Arbitrário absoluto*.

SEGUNDA PARTE: SKINNER

A ANÁLISE CIENTÍFICA DO COMPORTAMENTO VERBAL.

3.6 Prólogo (Skinner)

Neste momento, após acompanharmos o pensamento de Saussure, são as premissas da Análise do Comportamento que ocuparão o cerne de nossa atenção. As concepções de Skinner em torno dos estudos da linguagem⁸ iniciam-se recheadas de críticas. E é a partir das críticas aos estudos linguísticos que é possível compreender as propostas e os objetivos de Skinner para este campo já tão explorado.

3.6.1. Crítica às formulações tradicionais

Skinner encontra o campo de estudo do comportamento verbal, rico em teorias e métodos já bem estabelecidos. Skinner estava situado em condições históricas e acadêmicas diferentes daquelas em que Saussure esteve inserido. Burrhus Frederic Skinner, iniciou seu estudos fora do campo da Psicologia. No princípio, o analista do comportamento graduou-se em Letras, contudo se distanciou da carreira de escritor e ao ler estudos de Watson e Pavlov se interessou pela carreira científica relacionada aos organismos. Depois inscreveu-se na pós-graduação em Psicologia na universidade de Harvard, carreira a qual seguiu durante toda sua vida (PEREIRA, 2000).

Skinner, no percurso de sua vida acadêmica, criticou as formulações tradicionais vigentes, as quais construía explicações do comportamento verbal com conclusões diferentes dos resultados encontrados em seu trabalho experimental. Por isso, na obra de Skinner encontramos muitas objeções às teorias e métodos dos quais o autor teve conhecimento. Essas críticas não excluem o campo da linguagem. No livro de Skinner sobre o tema, *Verbal Behavior 1957* (O Comportamento Verbal), encontramos, logo em seu início, objeções aos estudos correntes sobre o tema.

Como afirma Passos (2004, p. 152), no primeiro capítulo de *Verbal Behavior*, encontramos comentários críticos de Skinner sobre outras disciplinas as quais são mencionadas por ele como "formulações tradicionais" sobre o comportamento verbal. Em

⁸ Aqui o termo linguagem é utilizado em sua forma cotidiana, não tratando-se de um termo específico, já que o estudo de Saussure ocupa-se da língua e o de Skinner do comportamento verbal.

primeiro lugar, pode-se supor a intenção do autor em diferenciar sua abordagem das demais linhas teóricas das quais ele já havia tomado conhecimento.

Tais disciplinas, para Skinner, não conseguiram formular uma ciência do comportamento verbal de fato. Skinner faz críticas a várias disciplinas inclusive à Linguística.

A Linguística, para ele, errou ao dar mais atenção ao estudo da evolução das línguas, assim como à comparação entre elas em detrimento do que Skinner acreditava ser de fato importante, isto é, o estudo do falante individual (PASSOS, 2004, p. 152).

Em relação às outras abordagens, segundo Passos (2004), Skinner acusa os por somente realizar análises formais das práticas linguísticas, deixando de lado uma análise causal sobre o assunto. Ainda consoante o autor sobre a disciplina Retórica, afirma que estes deram atenção apropriada ao efeito do falante sobre o ouvinte, mas apenas trabalharam com propósito de criar termos específicos às descrições de obras literárias. Tal foco tinha sofisticação, entretanto, não era aplicável em um conhecimento científico.

Para Skinner, a Psicologia é a alternativa para a resolução do problema, mas ainda estava aplicando métodos obscurecidos pelas concepções que “colocavam” a causa do comportamento verbal dentro dos organismos (PASSOS, 2004, p. 153) em suas explicações.

Outra objeção presente no pensamento de Skinner, em relação aos estudos linguísticos vigentes, seria o que o autor chama de "coisificação" do comportamento verbal. Para Skinner (1957, p. 7) criou-se a crença de que a *fala* tem uma existência independente do falante, por isso, a partir dessas concepções, é comum começarmos a crer que as palavras são como as coisas. Tal crítica de Skinner mostra sua proposta inovadora do comportamento verbal que não considera o comportamento verbal independente daquele que se comporta (PASSOS, 2004, p. 154).

Skinner faz objeção à formulação tradicional do comportamento a qual considera a existência de um significado ou ideia por trás de um comportamento.

Como afirma Pereira (2000), Skinner assevera que esta perspectiva não é efetiva, pois ao explicitarmos o *significado* de um comportamento verbal, não explicamos sua causa. Dessa maneira, este método pode ser útil na eficiência do discurso, mas é falho para uma explicação científica do comportamento verbal.

No lugar dessa formulação Skinner propõe a análise funcional do comportamento pela qual não busca o significado na *variável dependente*, isto é, como propriedade da conduta verbal, mas nas *variáveis independentes* que influenciam “de fora” o comportamento. Uma Análise funcional considera que o "dado básico a ser predito e controlado - variável dependente - é a probabilidade de que uma resposta verbal de determinada forma venha a ocorrer em certo momento” (PEREIRA 2000, p. 98), mas para que seja possível predizer e controlar tal variável deve-se identificar as condições e eventos nas quais tal dado básico tem alterada sua probabilidade.

3.6.2. Tarefa e a matéria da Análise funcional do comportamento verbal

Após Skinner criticar outras disciplinas ele apresenta sua nova formulação para o estudo do comportamento verbal. Conforme Passos (2004, p. 154), Skinner diz como sua proposta diferencia-se das propostas tradicionais e destaca as tarefas iniciais do analista do comportamento, as quais deixariam claro as inovações propostas por ele. As tarefas do analista do comportamento, de acordo com Skinner, seriam (1) A descrição do comportamento (estudo da topografia), logo após, (2) a explicação do comportamento verbal, ou seja, identificar as variáveis de que é função e por fim, (3) a explicação do comportamento verbal em um quadro adequado à explicação do comportamento humano como um todo, ou seja, a extrapolação do conhecimento obtido a partir da experimentação (PASSOS, 2004, p. 154).

Passos (2004) acentua que as demais tarefas do analista do comportamento estão relacionadas “ao estudo da interação das variáveis que controlam o comportamento verbal, às atividades de ordenação e composição desse comportamento e ao estudo do chamado pensamento e do comportamento verbal lógico e científico” (p. 155).

Com o que foi dito por Skinner, deve-se notar a estranheza da ordem colocada por Skinner às tarefas do analista do comportamento, pois Skinner coloca em primeiro lugar o estudo da topografia da resposta, contrariando a consideração fundamental em identificar o operante preconizando um estudo baseado não na forma do comportamento verbal, mas nas relações funcionais que este carrega (PASSOS, 2004, p. 156). Logo, em tempo, deve-se primeiro fazer a análise funcional e depois um estudo da topografia da resposta.

O material de estudo da Análise do Comportamento será, definitivamente o comportamento. Contudo, para ser mais preciso, seu material será os sons produzidos pelos músculos de fonação. As razões da escolha desse material serão especificadas a seguir, no capítulo que discute o objeto de estudo da Análise do comportamento.

3.6.3 Uma proposta baseada na ciência natural

Skinner (1953), ao comentar sobre o papel da ciência na vida dos homens, aponta um descompasso entre o avanço científico que, de um lado, apresenta um progresso inegável no ganho do controle do homem sobre a natureza, e, por outro lado, o modo como as pessoas se apropriam desse controle, ou seja, a sabedoria dos homens sobre seu mundo. Ter como campo de estudo a natureza inanimada geralmente parece mostrar resultados diferentes de quando nos ocupamos com problemas humanos e sociais.

Portanto, pode-se observar que os dois campos de estudo são distintos. As ciências com seus objetos de estudos, métodos e concepções epistemológicas próprias apresentam resultados independentes umas das outras. Para Skinner (1953), as ciências da natureza inanimada, ou seja, as ciências naturais, deixaram para trás as ciências humanas e sociais no percurso de seu progresso.

A Ciência, em relação à Filosofia e outras abordagens, é a única que apresenta um progresso cumulativo, no sentido de produzir modelos que capacitam de alguma maneira os modelos que os substituem (Skinner, 1953). O poder do homem sobre seu meio pode ser descrito na capacidade de controlar esse ambiente. Para Skinner ao mesmo tempo que o ser humano ganhou controle, com o progresso tecnológico, sobre diversos âmbitos de seu meio, tais como pragas, erradicação de algumas doenças virais e bacterianas, mais conforto e bem estar aos humanos (os quais, em alguns casos, ultrapassa o limite do supérfluo), os quais são exemplos reais do progresso científico, por outro ponto de vista, em outros âmbitos, mesmo com sua tecnologia em pleno avanço, acabaram produzindo coisas nocivas a eles mesmos, como a poluição, maior capacidade de destruição em conflitos bélicos, desigualdade social exorbitante, etc (PASSOS, 2004, p. 228). Tal descompasso para Skinner acentua a necessidade de uma expansão da sabedoria vinculada ao conhecimento científico para as áreas sociais e humanas.

A partir do que foi dito, podemos perceber que Skinner defende a aplicação dos métodos da ciência natural a outras áreas de conhecimento.

Os métodos da ciência têm sido extraordinariamente bem sucedidos onde quer que tenham sido aplicados. Apliquemo-los aos negócios humanos. Não precisamos recuar naqueles setores onde a ciência já avançou. É necessário apenas trazer a nossa compreensão da natureza humana ao mesmo ponto (Skinner, 1953 p. 5).

Consequentemente, o controle sobre a natureza, no sentido de produção de tecnologia científica, deve ocupar-se também da natureza humana. Assim, consoante a Passos (2004):

o controle sobre a natureza obtido pelo método científico precisa, então, alcançar agora objetos ainda não devidamente compreendidos e estes são muito importantes: trata-se da sociedade humana e, nela, de um objeto próprio ao analista do comportamento, o comportamento do indivíduo humano (p. 229).

Passos (2004, p. 230) salienta, a contraposição de Skinner frente o temor sentido pelas pessoas em resposta às propostas de estudo das determinações do comportamento humano. Geralmente, teme-se que ao descobrir tais determinantes, o papel espontâneo e livre do ser humano é diminuído. Contudo, ao conhecermos as variáveis que controlam o comportamento humano a despeito de uma crença de uma força interior controladora, espontânea e sem explicação científica, torna-se possível tomar controle das variáveis independentes e controlar nosso próprio comportamento. Dessa maneira, não há razão para o temor.

Skinner argumenta o motivo dessa resistência sobre as análises científicas em seu livro *Sobre o Behaviorismo (1974)*:

Há lugar numa análise científica do comportamento para o eu iniciador, originador, criativo? Tendo prescindido de Deus como criador, deve a ciência prescindir também da imagem do Deus chamado Homem? Sentimos necessidade de um Deus criativo, porque vemos o mundo, mas vemos muito pouco dos processos que permitiram sua existência; vemos o produto, mas não sua produção. Talvez porque vemos o comportamento humano mas percebemos muito pouco do processo através do qual ele se origina, sentimos necessidade de um eu criativo. Quanto ao comportamento, todavia, nós dispomos de outras evidências: podemos ver ou observar introspectivamente nossos corpos enquanto nos comportamos, e é possível que o que vemos seja o processo de criação. Chame-o de mente ou de vontade. (SKINNER, 1974, p. 43)

Skinner (1957) também comenta em *Verbal Behavior* que uma nova explicação sobre as determinações do comportamento humano geralmente foi encarada com resistência pelo fato de ameaçar convicções estabelecidas. Contudo o autor também afirma que objeções como essas não são válidas como contraposição, visto que as pré-concepções, seja de quem for, inclusive as do pesquisador, não devem perturbar a análise científica do comportamento.

Passos (2004), baseando-se em Skinner, afirma com precisão os preceitos de uma análise científica de fato, quando diz que seu objetivo

é ter controle sobre seu objeto de estudo, isto é, poder prever e produzir sua ocorrência. A possibilidade de desenvolver tecnologia para solucionar problemas específicos, ou para melhorar o rendimento e a eficácia do comportamento, é, não o seu objetivo primário, mas apenas uma decorrência natural do controle obtido sobre o objeto de estudo (PASSOS, 2004, p. 230).

Com o que foi dito, as bases da Análise do Comportamento são correlatas aos princípios básicos de uma ciência natural. Em primeiro lugar, ao adotar os métodos de uma ciência natural, deve-se considerar seus princípios mais básicos, isto é, o ponto de partida de um estudo científico com esses objetivos: considera-se que os fenômenos apresentam regularidade, isto é, existem determinações dos fenômenos os quais são passíveis de estudo científico de suas relações regulares (PASSOS, 2004, p. 231). Com o que foi dito, nota-se que o controle e a previsibilidade são conceitos essenciais para o estudo científico. Ao descobrirmos uma ordem existente nos eventos, identificamos suas determinações e ao manipularmos tais variáveis temos um estudo científico o qual apresenta controle e previsibilidade. Passos (2004, p. 231) ainda argumenta que o estudo de Skinner baseia-se na suposição, a qual, mesmo antes de realizar o experimento, aposta na regularidade dos fenômenos e é a partir dessa noção de regularidade presente nos fenômenos que é possível prever os eventos e controlá-los.

Por fim, segundo Skinner (1957, p. 5), a psicologia também deve aceitar a regularidade no seu objeto, ou seja, o comportamento segue regras fundamentais que só são identificadas, se assumirmos um pressuposto determinista do comportamento, segundo o qual o objeto de estudo da psicologia é controlado por eventos externos a ele.

3. 7 Objeto de estudo

3.7.1 Como Skinner encara seu objeto de estudo.

Para entendermos qual é o objeto de estudo adotado por Skinner, no qual baseia-se todo seu trabalho sobre o comportamento verbal, temos que compreender muito bem a concepção científica do autor.

Pereira (2000, p. 81) destaca a afirmação de Skinner de que a compreensão científica do comportamento demanda uma teoria, entretanto, não uma teoria apenas explicativa hipotético-dedutiva. Para Skinner o método hipotético-dedutivo se aplica apenas aos estudos em que não é possível a observação direta de seu objeto de estudo. No caso da análise do comportamento, isso não é verdadeiro, pois, seu estudo permite a observação direta de seu objeto de estudo, dispensando a necessidade de um método hipotético-dedutivo, ou qualquer referência a processos mentais, cognitivos, ou traços nos quais outras abordagens apoiam-se com frequência.

Segundo Skinner, nosso método será indutivo, já que nosso objeto é diretamente observável, isso quer dizer que o comportamento e as variáveis das quais ele é função são diretamente observáveis o que anula quaisquer necessidades de tratar o comportamento como sintoma de algo interno, sustentado por aparatos mentais ou fisiológicos. (PEREIRA, 2000, p. 81)

Pereira (2000, p. 82), nos aponta a crítica de Skinner em afirmar que todas áreas de conhecimento em algum momento de seu desenvolvimento já apelaram para causas internas do seu objeto de estudo e na Psicologia não foi diferente. Essa crítica de Skinner, segundo Pereira (2000, p.83), vai de encontro às concepções e teorias que explicam as causas do comportamento apoiando-se em agentes sem dimensões físicas, isto é, causas mentais ou psíquicas, ou em agentes que sequer têm dimensões, como nos casos de explicações redundantes, como no exemplo em que afirma que um pessoa chora por que está triste e está triste por chora. O maior problema desse tipo de proposta implica que estas teorias afastam nossa atenção daquilo que importa de fato, isto é, as variáveis externas que controlam o comportamento. Estas sim são muito mais disponíveis a uma verdadeira análise científica.

Skinner não critica apenas os métodos exclusivamente mentalistas, mas também os neurológicos, pois, ao realizar observações neuronais, a partir das quais se consegue descrever atividades internas que precedem o comportamento em questão, estes pesquisadores irão perceber que para explicar certas atividades neuronais devem observar também os eventos que as precedem. Seguindo essa lógica, ver-se-á que sua observação ao fim sairá do sistema nervoso central seguindo pelo periférico passando pelas terminações nervosas até chegar fora do organismo, onde estão as variáveis externas dignas de um estudo científico (PEREIRA, 2000, p. 82).

As explicações as quais dão maior ênfase à intenção ou o significado que são tidos como motores dos atos são errôneas mediante a posição científica de Skinner. Essas explicações se enganam ao supor que a “intenção” ou o “significado” estão nas propriedades do comportamento. Na verdade, explicações desse tipo não consideraram que o significado e intenção, sob uma perspectiva menos teleológica, referem-se a variáveis independentes as quais controlam o comportamento, isto é, trata-se de relações controladoras (PEREIRA, 2000, p. 83).

Considerando uma relação entre ambiente e organismo nota-se a ação que o ambiente produz no organismo, sobretudo, quando após esse operar sobre ele, semelhante à teoria da seleção natural, uma resposta bem sucedida tem mais probabilidade de ocorrer, isto é, podemos dizer que o ambiente (consequências) seleciona uma certa resposta a qual tem sua frequência aumentada.

A proposta do autor compreende o comportamento do indivíduo como produto de três níveis de variação e seleção: (1) a seleção natural, formulada por Charles Darwin; (2) Seleção por condicionamento operante e (3) seleção por práticas culturais. Desse modo, Skinner afirma que cada um desses "três níveis de variação e seleção tem sua própria disciplina - o primeiro, a biologia; o segundo, a psicologia; o terceiro, a antropologia" (SKINNER apud PEREIRA, 2000, p. 84).

A substituição de uma visão teleológica, segundo os apontamentos de Pereira (2000), diz respeito à proposta de Skinner e Darwin de deixar as explicações diretas de causa-efeito, para uma de seleção da variação mais bem sucedida. Em Skinner, o comportamento voluntário é deixado para trás. Segundo De Rose (DE ROSE apud PEREIRA, p.84) a

proposta de Darwin deixa para trás a visão teleológica da evolução das espécies, enquanto a visão de Skinner substitui a noção de comportamento voluntário por uma de seleção por consequências. Contudo, somente apoiar-se na seleção natural de Darwin não explicaria nada além de organismos que se comportam em um ambiente muito parecido com aquela no qual a espécie foi selecionada pela natureza, isto é, o ambiente não poderia apresentar mudanças muito abruptas senão a descendência com características significativas à sobrevivência não teria tanto êxito em ambientes instáveis. Assim como a evolução atravessa gerações, as características herdadas só serão adaptativas se o ambiente não mudar radicalmente. No caso do comportamento operante, o processo se dá de maneira um pouco diferente. Presumindo que o comportamento selecionado a partir da seleção natural funciona bem, se não acontecerem mudanças radicais do ambiente, o comportamento selecionado por condicionamento operante é um tipo de comportamento que é susceptível a ambientes instáveis. O processo de seleção por consequências se dá durante a vida do indivíduo (PEREIRA, 2000, p. 86). Ainda conforme a autora, Skinner afirma que a possibilidade do surgimento do comportamento operante, se dá pela sensibilidade às consequências específicas, a qual produz nos indivíduos uma maneira especial de se relacionar com o ambiente, mesmo se esse for pouco estável. Logo, tal sensibilidade às consequências reforçadoras, provavelmente, deram mais chances de sobrevivência a esses organismos.

Consoante a Pereira (2000), tal modelo destaca que a variação está no indivíduo enquanto a seleção está no meio e dessa maneira é o ambiente que seleciona determinada resposta do sujeito. Esse modelo de explicação depende de que o sujeito responda uma primeira vez “espontaneamente” para ser reforçado positivamente ou negativamente. Organismos que também eram sensíveis aos comportamentos dos seus semelhantes, isto é, eram sensíveis ao que os outros aprendiam tinham maiores chances de sobrevivência.

Segundo Skinner, o desenvolvimento do controle ambiental sobre a musculatura vocal aumentou consideravelmente os possíveis auxílios que um indivíduo pode receber. Com o comportamento verbal as pessoas tinham mais facilidade de operar sobre o meio sem a necessidade de emitir uma variedade de comportamentos até emitir a resposta que produzisse determinado reforço. Assim, são os ambientes sociais que modelam e mantêm práticas culturais que garantem a primeira ocorrência do comportamento que irá obter reforço permitindo a seleção por condicionamento operante (PEREIRA, 2000).

Um exemplo seria quando vamos aprender a dirigir um carro. Se fosse preciso passar pelo processo de tentativas com erros e acertos, ou seja, emitir comportamentos variados até conseguirmos: ligar o carro ao girar a chave do carro, soltar o freio de mão, pisar nos pedais, engatar a marcha correta e sair do lugar baseado nesse procedimento, demoraríamos muito ou nem seria possível ser reforçado por esse longo processo.

3.7.2. O Objeto de estudo da Análise do comportamento

Em primeiro lugar, Skinner (1957) não trata o comportamento verbal como algo especial em relação aos comportamentos não verbais, já que para o autor, esse fenômeno é um comportamento como todos os outros e, portanto, deve ser investigado da mesma forma que todos comportamentos o são.

O comportamento que não age sobre o meio físico e é mediado por outros homens, isto é, não atinge o meio físico a não ser de forma indireta e é mantido e modelado por consequências mediadas, Skinner o denomina de *comportamento verbal* (PEREIRA, 2000, p. 97).

Passos (2004, p. 150) concorda acrescentando que uma das características do comportamento verbal é: ser operante. Pois, este age sobre o ambiente e sofre as consequências da alteração que provocou no próprio comportamento. As consequências determinam a probabilidade futura de emissão da classe de respostas que integram o operante, mas o que realmente define o comportamento verbal é, como foi dito, sua consequência reforçadora, a qual é mediada por um ouvinte, isto é, trata-se sempre do nível de seleção e variação de práticas sociais, já que o comportamento reforçador do ouvinte foi, no passado, instalado e mantido por sua comunidade verbal.

Corroborando a afirmação da autora a afirmação de Skinner que diz que no comportamento verbal

um homem age apenas indiretamente sobre o meio do qual emergem as consequências últimas de seu comportamento. Seu primeiro efeito é sobre outros homens. Um homem sedento, por exemplo, em vez de dirigir-se a uma fonte, pode simplesmente "pedir um copo d'água", isto é, pode produzir um comportamento constituído por certo padrão sonoro, o qual por sua vez induz alguém a lhe dar um copo d'água. Os sons em si mesmos são facilmente descritíveis em termos físicos, mas o copo de água só chega ao falante como consequência de uma série complexa de acontecimentos que incluem o comportamento de um ouvinte. A consequência última, o recebimento de água,

não mantém qualquer relação geométrica ou mecânica com a forma do comportamento de "pedir água". (SKINNER, 1957, p. 31)

Skinner aponta qual será seu objeto de estudo ao afirmar que a Análise do Comportamento trabalha com o comportamento verbal aceito na forma crua em que é observado. A definição de Skinner, portanto, classifica o comportamento verbal como qualquer comportamento que possa ser observado, contanto que tenha seu reforço mediado por outro organismo (PASSOS, 2004, p. 156).

Conforme Pereira (2000, p. 97) vários comportamentos, além do vocal, ou seja, comportamento de escrita a qual atinge um mediador pela forma visual e não auditiva, ou sinais nos quais a consequência é medida por um ouvinte, são considerados comportamento verbais como também o é quando uma criança aponta para algo e recebe esse objeto sem pronunciar sequer uma palavra. Logo, comportamentos não vocais, isto é, que não estão no campo da *fala* ou da *língua* (nas concepções de Saussure) são considerados tão próprios na denominação “comportamento verbal” quanto o comportamento vocal ou escrito igualando-os como possível material ou objeto de estudo da Análise do comportamento.

Skinner escolhe o termo comportamento verbal, preferindo-o a “fala” (speech), pois esse enfatiza o comportamento vocal. Além disso, evita os conceitos “linguagem” e “língua” por geralmente associarem-se a noções contrárias às concepções da Análise do comportamento. Os termos *língua* e *linguagem* remetem às práticas de uma comunidade linguística, mais do que ao comportamento de um indivíduo (PEREIRA, 2000, p. 97).

Visto que o objeto de estudo de Skinner é o comportamento verbal, isto é, o comportamento reforçado por consequências mediadas, delimitamos mais ainda o objeto ao postular que o foco do analista do comportamento é o comportamento do falante individual. (PASSOS, 2004,)

Com o que foi dito, agora torna-se necessário destacar como se dão os procedimentos de registro possíveis para o estudo linguístico na análise do comportamento.

Ainda sobre a delimitação do objeto de estudo da análise científica do comportamento verbal, Skinner (1957, p. 15) salienta a discussão se o funcionamento dos músculos envolvidos no comportamento verbal vocal seria o mais adequado material de estudo.

Entretanto, este objeto específico, demanda instrumentos de observação e registro os quais ainda não eram possíveis e existentes no momento em que Skinner escrevia *Verbal Behavior* (1957), por isso, Skinner acentua, sua observação não se voltará aos músculos, mas ao material sonoro produzido por esses músculos, ou seja, os sons pelos quais o comportamento verbal gera efeitos indiretos no ambiente físico. Reafirmando a idéia do uso do material sonoro no lugar da observação dos músculos responsáveis pela produção do som, Skinner assegura que as "respostas musculares complexas do comportamento vocal afetam o ambiente verbal pela produção de 'fala' audível. Esse é um dado muito mais acessível" (Skinner, 1957: 15).

Ainda sobre o mesmo assunto, conforme Passos (2004, p. 157), o autor comenta que algumas vezes padrões musculares diferentes produzem sons semelhante. Isso mostra como Skinner considerava alguns estudos fonológicos para delimitar seu objeto de estudo e, dessa maneira, resultou em mais um argumento contra a observação direta dos músculos de fonação. Mais à frente, ainda consoante a autora, é dito que o cientista, sob a definição de comportamento verbal descrita acima, pode ocupar a posição de ouvinte e "negligenciar" propriedades do comportamento verbal as quais não produzem alterações no fluxo de sons, pois estes não causam modificações significativas no ambiente a ponto de atingir as reações práticas na relação falante/ouvinte. Movimentos diferentes que produzem sons semelhantes não diferem no efeito causado no ambiente verbal, desse modo, movimentos distintos responsáveis por sons parecidos são parte de uma mesma classe de operante, já que o efeito do comportamento verbal, e sua definição, dependem diretamente dos sons produzidos e não dos músculos.

Em relação às argumentações anteriores sobre a discussão de Skinner em relação ao material que será eleito para análise, Passos (2004, p 157) aponta dois argumentos importantes nas afirmações de Skinner: o primeiro diz respeito à questão da viabilidade do registro. Assim a observação dos músculos de fonação seria descartada por não ser viável, impossibilitando seu registro; sobre o segundo argumento, assegura Passos, Skinner afirma de forma implícita que usar como material os sons produzidos pelos músculos de fonação é de maior adequação e relevância, sendo, pois, eleito para a análise comportamental por adequar-se a um registro possível, relativamente simples e relevante ao estudo científico, e, sobretudo, condiz com a definição do objeto de estudo.

Ao delimitar o material, o qual a Análise do Comportamento irá pesquisar, Passos (2004, p. 158) destaca os três tipos de registros possíveis, os quais Skinner descreve como normalmente utilizados para a análise do produto acústico produzido pelo comportamento verbal vocal. Os tipos de registros mencionados pelo autor seriam, em primeiro lugar, o *registro fonográfico*, o segundo, trata-se do *alfabeto fonético* e por fim a *citação direta*.

O *registro fonográfico* transforma o produto acústico em uma forma visível passível de análise no que tange a seus espectros de altura e intensidade. Skinner, aponta que a relação entre esse tipo de registro e as formas musculares não são diretamente correspondentes, já que dois padrões distintos podem resultar em sons muito semelhantes. Do ponto de vista do ouvinte o registro fonográfico fica aquém sobre as informações relativas ao trabalho muscular na fala (não mostra com clareza as distinções de formação muscular que produzem sons semelhantes). Ao mesmo tempo, vai além em outros tipos de informações ao mostrar muito mais sobre os sons os quais usualmente não precisamos saber⁹ (PASSOS, 2004, p. 158).

Consoante ao que foi dito a autora afirma que essa discussão

ênfatisa a importância do conceito de classe de respostas para a finalidade de previsão do comportamento e o fato de a definição de classe de respostas se basear na apresentação, por um conjunto de respostas, de certas propriedades pelas quais todas as respostas da classe alcançam um mesmo efeito no ambiente. No comportamento verbal vocal também, ainda é Skinner quem comenta, não nos interessam todos os detalhes sonoros, mas apenas aqueles pelos quais aquela resposta vocal obtém o seu efeito. (PASSOS, 2004, p. 161-162)

O registro do tipo *alfabeto fonético*, é pouco aprofundado por Skinner, conforme Passos (2004, p. 159), todavia, dessa pequena discussão de Skinner, sobre as questões do estudo da escrita, pode-se compreender que esse tipo de registro realizado por linguistas geralmente faz um trabalho mais analítico do que transcritivo, pois, segundo Skinner, o reconhecimento de um fonema demanda certo reconhecimento das práticas verbais, o que possibilita, separar as unidades particulares de sons em relação às reações possíveis em uma dada comunidade verbal. Ainda sobre essas questões, a autora diz que para o entendimento do raciocínio de Skinner em relação ao método usualmente utilizado pelos linguistas, seria necessário compreender que estes pesquisadores não se apóiam fielmente nas propriedades formais do comportamento verbal, mas na relação que esses sons têm com as comunidades verbais, ou

⁹ Vale dizer, que Skinner não discute com clareza o que exatamente excede as informações que precisamos saber. Talvez os instrumentos responsáveis pelo registro fonográficos nos revelem informações tão específicas sobre as imagens acústicas naturalmente negligenciadas pelo ouvinte, pois não produzem mudanças efetivas no ambiente verbal.

seja, as igualdades ou distinções dos efeitos produzidos nos ouvintes. Logo, o registro do alfabeto fonético não se refere somente a uma transcrição do material investigado, pois esse registro, na realidade, está relacionando às condições e circunstâncias nas quais o comportamento é emitido e nos efeitos sobre o ouvinte (PASSOS, 2004, p. 159). Portanto, Skinner explicita, com essa discussão, que o registro alfabético de fonemas implica uma análise funcional e não uma descrição formal.

A partir do que foi dito, podemos perceber que a autora salienta a posição de Skinner sobre o fonema como um reconhecimento precoce do princípio da propriedade definidora de uma resposta, pois a identificação do fonema pelo estudo do linguista depende diretamente dos efeitos que a unidade de som produz na comunidade verbal (PASSOS, 2004).

Finalmente, o último modo de registro descrito por Skinner é a *citação direta*. Segundo Passos (2004, p.162), a citação direta é mais aceita ao estudo científico de Skinner por trazer mais informações sobre as condições nas quais o comportamento verbal foi emitido, diferente do que acontece no registro acústico ou no fonético.

A autora ainda nos diz que Skinner usará esse tipo de registro para o restante de *Verbal Behavior*. Skinner aponta que o registro *citação direta* em sua forma escrita, de fato, quebra a amostra do comportamento verbal em partes que não refletem verdadeiras pausas presentes da cadeia falada (PASSOS, 2004, p.162).

Conforme Passos (2004, p. 162), Skinner menciona que o com que nos ocupamos inicialmente em uma análise funcional está relacionado ao que tradicionalmente chamamos de “palavra”. É salientado que geralmente quando utilizados as unidades linguísticas, nas análises tradicionais, não há uma distinção clara entre o que é observado e o que é inferido. Passos (2004, p.162) aponta o exemplo usado por Skinner na intenção de clarificar sua afirmação, ao mencionar que uma palavra pode conter diversos sentidos e nessa circunstâncias demanda mais informações identificar as variáveis responsáveis pela emissão daquela porção de comportamento.

O que é necessário para os objetivos presentes - e do que a “palavra” tradicional ocasionalmente se aproxima - é uma unidade de comportamento composta de uma resposta de forma identificável funcionalmente relacionada a uma ou mais variáveis independentes. Em termos tradicionais poderíamos dizer que precisamos de uma unidade de comportamento definida em termos de ambos “forma e significado”. A Análise do Comportamento não verbal clarificou a natureza de uma tal unidade sob condições de laboratório em que a conveniência da unidade pode ser submetida a rigorosas verificações. Uma extrapolação deste

conceito para o campo verbal é central para a análise representada pelo restante deste livro. (Skinner, 1957, p.20)

A *unidade*, isto é, a *palavra*, compreende, pois um operante e não apenas uma instância da resposta. Desse modo, o operante não é uma unidade formal, pois também abrange o estudo das variáveis independentes de que a unidade é função.

Passos afirma que quaisquer "unidades lingüísticas de vários tamanhos - palavras, raízes, afixos, morfemas, frases, expressões idiomáticas, orações, sentenças - podem servir ao analista do comportamento" (2004, p.164). Em consonância com esta afirmação, Skinner diz, que todas elas "podem ter unidade funcional como um operante verbal" (1957, p. 21).

O estudo do analista do comportamento, segundo Skinner, difere exclusivamente dos estudos lingüísticos tradicionais, pois é voltado totalmente ao comportamento verbal do falante individual. Desse modo, é saliente ao analista do comportamento a distinção que se refere à afirmativa de que o "estudo de unidades funcionais do comportamento verbal do falante individual não deve ser confundido com o das unidades das práticas características de uma comunidade verbal" (SKINNER, 1957, p.21).

3.8 Método

3.8.1 A filosofia da natureza e Análise científica do Comportamento

Com o que foi visto sobre as concepções científicas de Skinner, podemos notar que o método por meio do qual o autor faz sua Análise do Comportamento verbal é muito importante para compreensão de sua obra. Ao considerar o comportamento como uma variável dependente em cuja probabilidade de ocorrência variáveis independentes influenciam, incluímos o comportamento verbal nessa mesma perspectiva, pois o método com que Skinner investiga esse fenômeno é o mesmo usado na Análise do Comportamento não-verbal.

As relações regulares, dentro do campo científico, denominam-se relações funcionais. Na Psicologia, segundo Skinner, trata-se da identificação das variáveis controladoras fora do organismo. Tais variáveis atuam sobre a regularidade e variação da variável dependente, a qual seria o comportamento estudado (PASSOS, 2004, p. 233).

Como afirma Passos (2004, p. 232), de fato, Skinner em *Verbal Behavior*, permanece na premissa determinista sobre o comportamento verbal ao adotar um método de investigação científica por meio do qual destaca o que determina cada operante verbal. Vale dizer, o autor considera que seu objeto de estudo, ou seja o comportamento, é resultado de múltipla causalidade sugerindo certa complexidade para os preceitos científicos, mas no momento em que se apura todas variáveis responsáveis pelo controle do comportamento será possível sua predição e controle. Assim, mesmo que uma resposta possa ser controlada por mais de uma variável independente ou, em outra situação, uma variável possa controlar mais de uma resposta, a complexidade do fenômeno não desautoriza o método científico. Skinner afirma que por mais que o comportamento possa ser complexo e de difícil observação científica, ainda assim não entendemos o comportamento em uma perspectiva de geração espontânea ou que seja livre de leis regulares de determinação (PASSOS, 2004 p. 232).

Ainda consoante a autora, o estudo científico não se baseia na autoridade do pesquisador, mas na observação sem qualquer preconceito sobre a natureza. Por isso, o conhecimento resultante do trabalho científico poderá ser contrário a concepções vigentes,

inclusive as do pesquisador, nos casos em que os resultados refutam hipóteses científicas (PASSOS, 2004 p. 233).

Portanto, é notado que a ciência

não está interessada em apenas “obter os fatos” para que se possa agir com maior sabedoria de um modo não científico. A ciência provê sua própria sabedoria. Ela nos leva a uma nova concepção de um objeto de estudo, uma nova maneira de pensar aquela parte do mundo a que se dirige. (Skinner, 1953, p.6)

Skinner segue uma linha experimental, segundo a qual deve-se lidar com o comportamento considerando sua probabilidade (variável dependente) e as variáveis independentes que têm efeito sobre essa probabilidade de ocorrência. Logo, a tarefa da análise experimental do comportamento é descobrir de quais variáveis independentes o comportamento é função. Isto torna possível o entendimento do comportamento oriundo de uma história de reforçamento, assim como de outras variáveis, tais como as condições motivadoras de privação ou estimulação aversiva (PEREIRA, 2000, p. 91)

Corroborando o que foi dito, a variável dependente, dentro do campo da psicologia, é a probabilidade de ocorrência do comportamento do organismo e seu controle se dá pela identificação das variáveis independentes. Desse modo, o controle da probabilidade futura de ocorrência do comportamento demanda investigação via método experimental. As variáveis independentes funcionalmente relacionadas com a variável dependente têm características básicas: apresentam dimensões físicas, isto é, são espaço-temporais, e estão localizadas no ambiente externo ao organismo. Além disso, são condições antecedentes da variável dependente sendo, pois, parte da história do indivíduo. As exigências de Skinner para um verdadeiro método científico o coloca em uma posição fisicalista e ambientalista, e anti-teleológica (PASSOS, 2004, p. 234).

3.8.2. As variáveis das quais o comportamento é função

Para melhor esclarecimento de como funciona o método experimental de Skinner, deve-se apresentar os tipos de variáveis de controle do comportamento.

Em primeiro lugar é necessário apresentar as variáveis mais fundamentais de todo processo comportamental: as consequências reforçadoras. Esses eventos seguem a resposta e tornam as respostas semelhantes (de uma mesma classe operante) mais prováveis

futuramente. Essa é a grande contribuição de Skinner ao entendimento do comportamento. Mas, deve-se observar bem a proposta do autor, pois, por ter a característica de seguir a resposta, isto é, acontecer logo em seguida à ocorrência do comportamento, é confundido com a concepção teleológica de organismo com um *propósito* ou *intenção de*. Isso é um erro de interpretação das concepção de Skinner. Na verdade, o que o autor afirma é que o comportamento aumenta de probabilidade, pois foi efetivo no passado (PEREIRA, 2000, p. 91).

Portanto, vale salientar, que a concepção de que o comportamento operante é selecionado pelos eventos que o seguem, isto é, sua consequência reforçadora, se mal interpretada, pode levar a uma conclusão equívoca de que o modelo de Skinner não deixa de apresentar características de um modelo teleológico. Contudo, seus princípios são semelhantes ao modelo determinista da seleção natural apresentado por Charles Darwin¹⁰. Desse modo, considera-se que a consequência reforçadora fortalece a classe operante de respostas, e seu efeito no fortalecimento da resposta só se pode fazer sentir em respostas da classe posteriores à consequência reforçadora, e não em relação à primeira resposta a qual a consequência reforçadora seguiu (PASSOS, 2004, p. 236).

Pereira (2000, p. 111) nos lembra do importante destaque sobre as consequências reforçadoras, as quais alteram a probabilidade da variável dependente, serem positivas ou negativas. Isso que dizer, respectivamente, que os estímulos cuja inclusão no ambiente aumenta a probabilidade da resposta são as consequências de reforçamento positivo; por outro lado, as consequências de reforçamento negativo, são aquelas cuja retirada do ambiente aumenta a probabilidade de ocorrência de respostas futuras. Nesse último caso dois processos comportamentais podem suceder: a redução ou retirada de um estímulo aversivo - processo denominado fuga - ou a redução ou retirada de condições que caracteristicamente precedem o estímulo aversivo - processo chamado esquiva. Em tempo, o controle é estabelecido por uma relação temporal entre resposta e estímulo reforçador, o estímulo reforçador (positivo ou negativo) terá mais controle (força do reforçador) sobre a resposta dependendo da relação temporal mais próxima entre resposta e estímulo reforçador.

¹⁰ *A Origem das Espécies, 1900*

Como vimos, certa resposta produz mudanças em seu ambiente. Essas consequências podem ser reforçadoras ou não. Se forem, irão aumentar a probabilidade de ocorrência das respostas da mesma classe operante da primeira resposta seguida do reforço. Contudo essa relação não acontece no vácuo, ou seja, existem outros estímulos presentes nessas ocasiões. Esses estímulos, por sua vez, também adquirem controle sobre o comportamento e são denominados estímulos discriminativos. Tratam-se daqueles estímulos que estão presentes quando o comportamento é reforçado e, em decorrência dessa relação, também adquirem controle sobre as respostas. Isso quer dizer que a resposta será mais provável quando esses estímulos estiverem presentes em ocasiões futuras, ou seja, eles podem evocar certas respostas as quais estão sob seu controle (PEREIRA, 2000, p. 91).

Outro grupo de variáveis também importante no controle da probabilidade de uma resposta operante são as condições motivadoras e emocionais (sensações corporais), isto é, condições no organismo que podem variar em condições de privação, situações aversivas ou pré-aversivas (PEREIRA, 2000, p. 91).

Segundo Pereira (2000), o comportamento é suficientemente explicado por essa formulação de Skinner, embora o autor considere que existam alguns pontos sem uma descrição mais pormenorizada que talvez evidenciem de forma mais acurada o que ocorre entre “o estímulo do ambiente e a resposta do organismo; e outro entre as consequências do comportamento e as mudanças na probabilidade sua de ocorrência” (p. 92). Podemos supor que um estudo neurológico não iria fornecer uma explicação diferente da qual apresentamos aqui, só uma descrição mais completa, contudo, não fundamental.

Consoante a isso, acentua Passos (2004, p. 237) se nos tivermos às exigências do fisicalismo e do ambientalismo do método de Skinner, percebemos que estas bases fundamentam críticas importantes às explicações do comportamento que se apoiam em causas neurais, psíquicas ou conceituais internas. No que diz respeito às causas psíquicas e conceituais internas, elas não são especificáveis em termos de dimensões físicas, o que as descarta como variáveis independentes manipuláveis sendo, portanto, refutadas no método de análise funcional.

A relação funcional a ser estabelecida pela psicologia é a que se verifica entre comportamento e variável ambiental, seja esta do ambiente interno ou externo ao organismo. Em última análise, mesmo quando eventos do ambiente interno ao organismo participam das contingências de reforçamento, como é o caso no

controle por estímulo discriminativo privado e por auto-reforçamento, a origem deste tipo de controle está sempre no ambiente externo ao organismo e de qualquer maneira, se quisermos manipular as variáveis internas, teremos que descobrir as variáveis externas das quais elas, por sua vez, são função. (PASSOS, 2004, p. 239-240)

3.8.3 *A análise científica do comportamento verbal*

Skinner (1957) afirma, no capítulo 8 de *Verbal Behavior*, que sua unidade de análise será o operante verbal. Para sua análise, portanto, segundo Pereira (2000, p. 109) a maior relevância do estudo é considerar as variáveis as quais controlam o comportamento. Após a identificação da variáveis específicas determinantes para definir o operante verbal, nossa atenção vai ao encontro de outras variáveis. Embora o comportamento verbal seja função de múltiplas variáveis, os estudos realizados em ambientes favoráveis (experimentais) de fato trazem uma boa compreensão do assunto, isto é, com a análise sob um controle experimental, torna-se possível a extrapolação a outros campos de estudo oferecendo um bom entendimento sobre o assunto.

Corroborando essa afirmação, Passos levanta uma importante delimitação da perspectiva científica de Skinner:

Da observação inicial de fatos isolados (obtidos em situações experimentais), o cientista prossegue para o estabelecimento de regras gerais ou leis científicas que lhe possibilitarão lidar com os novos fatos que se apresentem, desde que, eles possuam as propriedades enunciadas nas regras gerais. O acúmulo de regras gerais relevantes e a sistematização dessas regras em um conjunto integrado permitirão ao cientista a construção de um "modelo" de seu objeto de estudo que, por sua vez, permitirá a geração de novas regras sobre esse objeto (2004, p. 233, parênteses acrescentados)

O estudo experimental das circunstância nas quais ocorre a resposta não pode ser de maneira nenhuma negligenciado, pois considerando as relações controladoras da resposta, identificamos todas as instâncias constituintes de um mesmo operante verbal, sem confundilas com as instâncias estranhas a esse operante, mesmo que aparentemente¹¹ pudessem ser incluídas na mesma classe operante (PEREIRA, 2000, p. 109). Por isso, ainda consoante Pereira (2000), "é preciso conhecer a história de uma determinada resposta e de todas as variáveis que adquiriram controle sobre ela"(p. 109).

Dessa maneira, observa-se que a análise experimental do comportamento verbal apoia-se totalmente nesse intuito: atentar para todas variáveis possíveis que poderiam ter adquirido

¹¹ Sob uma descrição estritamente formal

controle sobre a resposta tanto para mantê-la quanto para condicioná-la, isto é, produzi-la. Assim, podemos considerar a *audiência* que promove estimulação suficiente para modelar e manter os comportamentos dos indivíduos. Essa audiência geralmente não reforça qualquer resposta que o indivíduo emita, irá reforçá-lo a depender, por exemplo, da forma e das circunstâncias nas quais tal resposta foi emitida, isto é, não se reforça positivamente uma criança que fale alto durante a aula, em contrapartida, é reforçada a criança que fale alto e claro na apresentação de um trabalho (PEREIRA, 2000, p. 110).

Logo, entender o comportamento verbal demanda perceber a influência dos muitos determinantes do comportamento verbal, ou seja, temos que considerar as variáveis do ambiente, da história do falante e de outras condições motivadoras desse falante. Desse modo, conforme Skinner (1957), quanto mais se conhece as variáveis externas controladoras do comportamento verbal menos temos que recorrer a agentes internos supostamente causadores do comportamento.

Pereira (2000, p. 110) retoma a importância do acontecimento que segue a resposta verbais para afirmar que o reforçamento da resposta verbal constitui uma das variáveis mais importantes no entendimento do surgimento do comportamento verbal. A autora descreve dois processos pelos quais o comportamento aparece: o primeiro processo, seria apresentar o estímulo reforçador sistematicamente após o aparecimento da resposta esperada que, uma vez reforçada tenha sua probabilidade futura aumentada. Contudo, pode ser tão improvável a emissão dessa resposta que demande uma segunda maneira na qual reforçamos respostas próximas da esperada.

Um exemplo, é o da situação na qual uma criança ainda não tem um repertório verbal amplo e seus pais procuram meios para fazê-la emitir a resposta verbal “mãe” quando sua mãe estiver presente. Naturalmente, esperar que a criança diga “mãe” de pronto, poderia demorar muito pois sua probabilidade é quase zero. Contudo, outro modo seria reforçar respostas próximas de *mãe* como *ã*, *mã*, até uma resposta considerada pela comunidade verbal (a mãe e o pai da criança) semelhante à imagem acústica¹² *mãe* tão esperada. Vale dizer, após instalada tal resposta é fundamental a apresentação do reforço para que mantenha sua frequência, pois,

¹² Conceito de Saussure

como afirma Pereira (2000, p. 110), a probabilidade de resposta depende tanto do reforçamento assim como do esquema segundo o qual esse se torna disponível.

Posto a importância do estudo das consequências reforçadoras do comportamento, é essencial considerar também os estímulos antecedentes os quais estão presentes no momento em que a resposta foi reforçada. Vê-se, portanto, que para se ter uma compreensão integral do comportamento verbal (e não-verbal) tem-se de considerar as contingências de reforçamento (contingências de três termos). Esse estudo é fundamental para compreensão dos operante verbais, os quais, para Skinner, serão suas unidades de análise. Para sermos mais específicos enumeremos os três termos estudados pelo método da análise do comportamento, constituintes da contingência: “(1) presença de um determinado estímulo (ou conjunto de estímulos), (2) uma dada resposta verbal (3) é caracteristicamente seguida de determinado reforço” (PEREIRA, 2000, p.110)

Podemos considerar outras coisas as quais estão implicadas nessa maneira de estudar o comportamento verbal. Assim, ao dar atenção às condições significativas que são parte fundamental de determinação do comportamento, Pereira (2000) nos enumera algumas variáveis específicas importantes para a modelagem e sustentação do comportamento.

Podemos constatar que a comunidade verbal tem papel fundamental. Considera-se que as condições para liberação do reforço para o comportamento verbal são determinadas pelas práticas reforçadoras de uma comunidade linguística. São práticas de uma dada comunidade verbal (pessoas se comportando) as quais vão determinar a ocorrência de certas respostas frente a determinados estímulos. A determinação também recai sobre a forma como são emitidas essas respostas (PEREIRA, 2000, p. 113). Nas concepções de Skinner, como pontua Pereira (2000, p. 113) o que seria denominado *língua* não seriam nada mais que as práticas de reforçamento de uma dada comunidade verbal, modelando e mantendo padrões de respostas que caracteristicamente obtêm reforços. Logo trata-se de contingências de reforçamento específicas que formam as *línguas*.

Em consonância ao que foi dito, Skinner (1957) não deixa de destacar o papel que algumas audiências específicas também podem ter na modelagem e manutenção de linguagens especiais dentro de uma mesma comunidade verbal. Dessa maneira

o cientista emite um conjunto de respostas a um dado estado de coisas por causa das contingências reforçadoras estabelecidas pela comunidade verbal científica.

O poeta emite um conjunto inteiramente diferente de respostas ao mesmo estado de coisas porque elas são efetivas de outras maneiras diante de outros tipos de ouvintes ou leitores. Qual comportamento mais se aproxima da situação real é menos uma questão de fato, precisão, ou compreensibilidade, e mais de interesses e práticas das comunidades verbais. (1957, p. 127)

Para compreensão do comportamento do falante temos que considerar o comportamento do ouvinte como variável fundamental. Assim a ação que o ouvinte adota em relação ao falante faz parte de qualquer explicação pormenorizada do comportamento verbal, pois, o ouvinte modela e mantém o comportamento do falante a partir de contingências de reforçamento. Vale dizer, o comportamento do ouvinte está estritamente relacionado às práticas da comunidade verbal. Por outro lado para entendermos o comportamento de um ouvinte, supomos, portanto um falante cujo comportamento mantém relação com as condições ambientais. Visto que o ouvinte tem certo controle sobre o comportamento do falante, também é lícito afirmar que seu comportamento também pode constituir importante influência. (PEREIRA, 2000, p. 114).

Pereira ainda afirma quanto pode ser divergente o reforçamento do comportamento verbal de certos ouvintes. Dessa maneira, pode-se supor o quanto o comportamento pode variar sob condições (ouvintes) diversas. Frente a um professor um aluno emite respostas verbais com tipo, forma e probabilidade de ocorrência específicas e diferentes em relação a seus amigos de classe. Todo repertório irá modificar-se novamente quando essa criança estiver com sua mãe (isto é, a presença de certos ouvinte pode ser um estímulo discriminativo para falar ou não, como falar, sobre o que falar). Um sujeito que fique distante de qualquer audiência com o tempo, tem seu comportamento com probabilidade de ocorrência diminuído. Portanto, fica posto que nos operantes verbais, o reforçamento é destinado a uma relação específica entre estímulo e resposta. O auditório (ou audiência), constitui um conjunto de estímulos os quais geralmente indicam ocasião para o reforçamento para um amplo grupo de resposta verbais.

Conforme Pereira (2000), Skinner afirma que a audiência que controla as maiores parcelas do repertório verbal dos indivíduos é a comunidade verbal (p. 116). Essas contingências de reforçamento são usualmente denominadas *línguas*. Ainda consoante a teoria do autor, notamos que a língua não é uma nomenclatura, somente uma maneira específica de relacionar-se com determinado objeto.

Outras condições que controlam o comportamento verbal e são mencionadas por Pereira (2000, p. 117), são as condições de privação e estimulação aversiva, que têm papel importante na ocorrência de determinadas respostas. A consideração de tais condições é essencial, haja visto que a probabilidade de uma resposta seguida por um determinado reforço pode aumentar ou diminuir a depender das condições de privação e estimulação aversiva, mesmo se tal operante verbal não tenha relação tão próxima com as operações motivadoras (ao contrário do operante verbal mando), sua probabilidade pode alterar-se a depender destas condições. Por exemplo, um operante verbal ecóico por mais que seja geralmente mantido por reforço generalizado sem relação alguma com as operações motivadoras, em uma dada condição extrema de privação o sujeito pode manter uma taxa de resposta igual a zero mesmo frente a um estímulo específico. A autora ainda coloca a situação do *silêncio* o qual é eventualmente um estímulo aversivo nas relações sociais e, por isso, como condição de estimulação aversiva, aumenta a probabilidade de ocorrência de qualquer resposta verbal, como numa situação de bate-papo no telefone, por exemplo.

3.9. Unidades de análise

3.9.1. A Delimitação da unidade de análise

Como Saussure, Skinner também mostra-se interessado em discutir quais seriam suas unidades de análise. Tal definição mostra-se essencial nos trabalhos linguísticos.

O que é primeiramente destacável nesse tema, na perspectiva de Skinner, seria sua particularidade metodológica, segundo a qual identifica e classifica suas unidades de análise não baseando-se na forma das unidades, mas delimitando esse aspecto epistemológico, portanto, nas relações regulares presentes nas unidades. Desse modo, segundo Pereira (2000, p. 100), Skinner se contrapõe às abordagens tradicionais que baseiam seu estudo em unidades linguísticas como a *palavra*, *morfema*, *frase* ou *sentença*. Skinner (1957) afirma que o operante é uma unidade viva, a qual não suporta categorias estáticas postuladas pelos linguistas.

Portanto, delimita-se a unidade linguística pela relação funcional que a resposta guarda com as variáveis de controle (PASSOS, 2004, p. 174). Em consonância a isso, a autora ainda afirma sobre as unidades de análise:

Todas as unidades operantes verbais de Skinner são variações da contingência de três termos, $S^d - R - S^r$ (respectivamente, estímulo discriminativo, resposta e reforço). As distinções entre elas são feitas a partir dos elementos desta unidade de contingência (PASSOS, 2004, p. 203).

Skinner (1957, p. 20) aponta que a unidade do comportamento verbal é “constituída por uma resposta de forma identificável, funcionalmente relacionada a uma ou mais variáveis independentes” ou seja, trata-se, pois, de um operante.

Logo, concordamos com Pereira (2000, p. 100) quando diz que a delimitação de uma dada porção de comportamento será um mesmo operante verbal não baseando-se na forma, mas na relação com a consequência controladora dessa resposta ou classe de respostas, ou seja, no efeito que causará no ouvinte. Dois sons, poderão ser considerados apenas um operante específico se os efeitos sobre o ouvinte forem os mesmos, mas se esses efeitos diferirem em alguns aspectos sobre o ouvinte trataremos como operantes distintos.

O método para estudar o comportamento verbal não é especial em relação à Análise do Comportamento não verbal, baseado-se na mesma orientação experimental para utilizada na

investigação de qualquer outro operante. Segundo Passos (2004, p. 174), a identificação da unidade se dá a partir da relação funcional que certa parcela do *continuum* do comportamento verbal possui com o ambiente. Portanto, conclui-se que independente do tamanho da unidade, pode-se considerá-la como um operante a depender somente de se tal parcela permanece sob controle de uma mesma estimulação específica.

Nota-se, portanto, que para o autor, a unidade se define apenas por ser funcional. Desse modo qualquer partícula de comportamento verbal pode ser uma unidade, isto é, um operante verbal. Um exemplo, seriam as “subunidades” da palavra, as quais podem constituir unidades funcionais. Ou seja, abaixo do nível das palavras temos radicais e afixos, mas para constituírem unidades de fato para a Análise do Comportamento devem adquirir controle independente em relação à resposta (PEREIRA, 2000, p. 101). Segundo Skinner (1957, p. 21), um falante possui um *repertório verbal*, ou seja, várias formas de respostas desse repertório podem aparecer eventualmente conforme determinadas condições identificáveis.

Observa-se que a característica metodológica se sobrepõe à análise linguística de qualquer tipo de comportamento, ou seja, Skinner não se atém exclusivamente à “ocorrência da resposta enquanto tal, mas a sua probabilidade de ocorrência em circunstâncias determinadas” (PEREIRA, 2000 p. 101). Tal método garante as prerrogativas científicas seguidas por Skinner, a previsão e o controle, e ainda facilita a análise das unidades.

Em consonância ao que foi dito, as características fundamentais da tipologia dos operantes verbais de Skinner baseia-se na identificação das (1) condições antecedentes: de privação e estimulação aversiva; os estímulos discriminativos, e (2) das consequências reforçadoras: as quais a comunidade verbal torna contingentes a cada operante verbal (PASSOS, 2004, p. 174).

Desse modo, as variáveis independentes que controlam certa variável dependente, determinam sua forma e fornecem o equivalente ao significado. Mas, além disso, a presença de tais variáveis também nos permite atribuir maior probabilidade de ocorrência de certas respostas. Sendo as variáveis de controle manipuláveis independentemente, o que não ocorre, por exemplo, com “ideias” como causa, permitem ao analista do comportamento avanços significativos na compreensão e classificação dos operantes verbais resultando, sobretudo, em maneira mais efetiva de intervenção sobre essas unidades (PEREIRA, 2000, p. 102).

Com base nas definições anteriores, podemos agora destacar os tipos de operantes verbais pelos quais Skinner apresenta sua análise experimental do comportamento verbal.

3.9.2. *As unidades de análise de Skinner: Os operantes verbais.*

Com o método de Skinner, que preconiza a identificação das variáveis independentes das quais a variável dependente é função, podemos distinguir parcelas de comportamento verbal como operantes verbais específicos. Vale dizer, tal identificação considera o jogo de possibilidades dos tipos de variáveis das quais a resposta é função a despeito da forma (substância) de cada uma delas.

Skinner, a partir da definição do operante verbal, delimita sete categorias de análise sobre as quais iremos discorrer. Assim, trataremos do operante verbal *Mando*; dos operantes os quais são controlados por estímulos verbais ou não verbais e modelados e mantidos por reforçadores condicionados e generalizados, ou seja os operantes *Ecóico*, *Textual*, *Transcrição* e *Intraverbal*; após será descrito o operante verbal *Tato*; e, por fim, o operante de segunda ordem: *Autoclítico*.

a. O Mando.

Neste operante verbal podemos destacar algumas características específicas, entre elas afirma-se que no operante verbal *mando* a resposta está sob controle de condições de privação ou estimulação aversiva. Relacionado a isso, as consequências reforçadoras dessa resposta diminuem ou eliminam tais condições (PEREIRA, 2000, p. 102). Ainda segundo Pereira, outra característica importante desse operante é que existe uma relação especial entre a forma da resposta e a consequência reforçadora.

Em consonância ao que foi dito, segundo Passos (2004, p.176), geralmente o operante verbal *mando* especifica, na forma da resposta, o reforço. Assim, conforme a autora, Skinner afirma que o *mando* tem uma relação entre a forma da resposta e o reforço que caracteristicamente se segue em uma dada comunidade verbal.

Como regra geral, postula Skinner, para demarcar qualquer operante verbal é necessário atender-se a suas variáveis de controle e não para suas características formais, mesmo se foi possível inferir, por essas características, que tal unidade de análise seja, pois, um *mando*, por

exemplo (PASSOS, 2004, p.176). Além disso, nesta unidade verbal o falante é o beneficiário, o que não ocorre com os demais operantes verbais, nos quais é o ouvinte (comunidade verbal) que se beneficia.

Passos (2004, p.175) aponta algumas relações que Skinner faz entre o operante verbal mando com unidades linguísticas tradicionais. Segundo a autora, Skinner percebe na análise sintática e gramatical certa proximidade com a relação básica presente no mando. Dessa maneira, reconhecemos no “modo imperativo” algumas características da relação funcional descrita na unidade verbal mando, entretanto, Skinner avisa que não há como usar essas definições sem se desviar dos propósitos essenciais da análise do comportamento, embora exista alguma relação de proximidade entre elas.

Vale dizer, segundo Pereira (2000, p. 103), essa forma de analisar o comportamento verbal com base no comportamento mediador do ouvinte distingue-se radicalmente da forma de classificação tradicional observada no método de alguns linguistas. Para a análise do comportamento verbal, o modo imperativo não é exclusivo na categoria operante verbal de mando, pois outras unidades verbais poderão ser incluídas nesta categoria. Podemos exemplificar com aqueles casos nos quais o indivíduos encontram-se em condições que impedem a emissão de um comportamento formalmente imperativo, (uma peça de teatro onde todos devem manter-se em silêncio, por exemplo). Dessa maneira, quando alguém pisa e mantém o pé em cima do pé de alguém, por estar em condições nas quais um grito “Tira o pé de cima do meu!” seria seriamente punido, o falante emite “Tem um pé em cima do meu”, e é negativamente reforçado (isto é, elimina a condição de estimulação aversiva). Analisando o exemplo, a segunda unidade de comportamento - “Tem um pé em cima do meu!” - poderia parecer um operante verbal *Tato*, contudo, trata-se de um *Mando* “disfarçado” de *tato*. Admitimos isso ao analisar suas variáveis independentes.

Ainda nesse raciocínio, Skinner distingue alguns tipos de mando baseado em diferentes relações de controle. Tal distinção ajuda na compreensão do comportamento e de como é explicado no ponto de vista behaviorista radical. Para Skinner, um *pedido*, é um operante verbal de *mando*, no qual o ouvinte é independentemente motivado a reforçar o falante. Já numa *ordem*, ocorre uma relação diferente: o falante estabelece uma estimulação aversiva ou pré aversiva cuja retirada mantém o comportamento do ouvinte. Essa forma de analisar o comportamento verbal com base no comportamento mediador do ouvinte distingue-se da

forma de classificação tradicional que considera a intenção do falante ou do modo de classificação no qual a forma do comportamento é exclusivamente relevante. Assim, não só o modo imperativo, mas outras formas de comportamento verbal, poderão ser classificadas como *mando* a depender de suas relações de controle (PEREIRA, 2000, p. 103).

Apresentemos uma descrição de Contingência¹³ que exemplifica e especifica o que foi dito:

Tabela 1. Operante controlado por condições de privação ou estimulação aversiva.

Mando				
<u>Condições Antecedentes</u>		<u>Resposta</u>	<u>Consequências</u>	<u>Correspondência estímulo/resposta</u>
OM	S ^d	R	S ^r	
Condição de privação de água (sede)	Ouvinte e estímulo não verbal	Vocal ou Visual (palavras)	Social, objetos e ações relacionadas à resposta	Correspondência especial entre estímulo reforçador e resposta.
	Ouvinte perto de um bebedouro	"Me dê um copo d'água?"	Recebe o copo com água do mediador do reforço (ouvinte).	

b. Operantes verbais controlados por estímulos verbais com reforços condicionados generalizados.

Skinner também destaca outros operantes verbais, os quais, diferentes do operante verbal *mando*, são controlados por estímulos específicos que poderão ser verbais ou não-verbais (PEREIRA, 2000, p. 103). Ainda sob a perspectiva desta autora, no caso daqueles que são controlados por estímulos verbais, destacam-se os operantes: *ecóico*, *textual*, *transcrição* e o *intraverbal*. Contudo, nesse tópico trataremos apenas dos três primeiros operantes verbais.

Passos (2004, p. 178) concorda com o que foi dito, ao agrupar os operantes verbais (ecóico, textual e transcrição), com base em que estes são controlados por estímulos

¹³ Descrição na qual se faz um estudo das relações presentes em determinado comportamento. Desse modo, descreve-se: OM = Operação motivadora, sendo as condições de privação e/ou estimulação aversiva presentes. S^d = Estímulos discriminativos, trata-se dos estímulos presentes no momento em que a resposta foi reforçada e que adquiriram controle sobre a probabilidade de ocorrência de respostas futuras semelhantes a resposta anterior. R = Resposta, o comportamento emitido pelo sujeito, isto é, a variável dependente a qual sofre influências das variáveis independentes. S^r = Consequência reforçadora, a qual seleciona o comportamento, alterando sua probabilidade.

discriminativos verbais modelados e mantidos por reforçamento condicionado generalizado. Contudo, distinguem-se pela modalidade de estímulos (auditivo, visual ou tátil), pela relação entre a forma do estímulo e da resposta e pelo padrão produzido pela resposta (vocal ou escrita). A identificação de cada um deles fica mais clara com a definição destes operantes descritos separadamente.

No operante verbal ecóico o estímulo discriminativo é auditivo e o falante deve repeti-lo (resposta operante) com uma correspondência formal que nestas circunstâncias determina a liberação do reforço (PASSOS, 2004, p. 178).

Conforme Pereira (2000, p. 103), o operante verbal ecóico é aquele no qual o comportamento verbal do falante é um padrão sonoro formalmente semelhante ao estímulo verbal. Isto é, mediante ao estímulo verbal “mãe”, o falante emite o padrão sonoro “mãe” e é reforçado. Nesse operante verbal, a relação temporal é essencial, posto que a resposta deve vir imediatamente seguida do estímulo, isto é, não será um operante verbal ecóico nos casos em que frente a uma pergunta “o que eu disse ontem?” o falante responda corretamente o que foi dito no dia anterior, mesmo que a correlação seja aceitável.

Ainda segundo Pereira, esse tipo de comportamento é geralmente instalado com fim educacional, isto é, sua consequência é frequentemente “educacional” (reforço social), já que o propósito seria estabelecer e manter formas de comportamento específico, por exemplo, quando algum educador quer gerar um repertório verbal específico na criança. Exemplo: “Diga Mãe”, e espera-se que a criança responda de forma correspondente àquele estímulo verbal “Mãe”.

Reafirmando o que foi dito, podemos destacar as palavras de Skinner:

O comportamento ecóico, como todo comportamento verbal, é modelado e mantido por certas contingências de reforçamento. A semelhança formal entre estímulo e resposta é parte destas contingências e só pode ser explicada apontando-se para o significado da semelhança para a comunidade reforçadora. (SKINNER, 1957, p. 59)

Segundo Passos (2004, p.179), não há um tamanho característico das unidades verbais ecóicas. Na verdade, qualquer unidade (seja *palavra*, *frase* ou *entonação*) pode ser operante verbal ecóico. Contudo, afirma Skinner, é especialmente importante quando o indivíduo começa a estabelecer unidades mais diminutas como os sons correspondentes aos fonemas da

língua, no sentido de tornar possível e mais fácil a emergência de várias palavras sem que haja necessidade de treino explícito.

No caso do operante verbal textual, o estímulo discriminativo verbal será visual ou tátil (isto é, o comportamento verbal em sua forma escrita) sendo que a resposta sempre será na modalidade vocal, ou seja, estímulo auditivo. A correspondência entre estímulo e resposta será, em geral, ponto a ponto - exceto alguns casos como *chave* em que o estímulo tem cinco componentes (letras) e a resposta quatro componentes (fonemas) - mas, conforme Passos (2004, p. 183), nunca terá correspondência formal como no operante verbal ecóico, pois os estímulos discriminativos são de natureza visual ou tátil ao passo que o produto da resposta são padrões sonoros auditivos.

O operante *textual* tem semelhança ao *ecóico*, já que também é estabelecido e mantido por motivos educacionais, por reforço condicionado generalizado, mas, além disso, também pode ser reforçado automaticamente pela leitura (ou seja, a aquisição de outros operantes verbais). Contudo o que define esse operante é que o estímulo verbal será visual, escrito ou impresso (utilizando o alfabeto, ou sendo hieróglifo ou pictograma) e a resposta será vocal. A qual tem correspondência ponto a ponto com o estímulo, porém, em uma modalidade diferente (PEREIRA, 2000, 104).

A transcrição é o operante verbal em que diante de um estímulo vocal ou visual o sujeito emite uma resposta visual e que tenha correspondência ponto a ponto com o estímulo presente. Quando o estímulo é *vocal* usualmente denomina-se “ditado”, já quando o estímulo é visual chamamos de “cópia” que além da correspondência ponto a ponto também tem correspondência formal. Tal operante é mantido por reforços condicionados generalizados (aprovação), contudo também existem momentos em que o reforço que segue a resposta seria consequência para a própria vida do sujeito, por exemplo, quando anota-se algo relevante para “lembrar-se” depois, como uma receita ou um endereço (PEREIRA, 2000, p.104).

Tabela 2 - Operantes controlados por estímulos verbais.

Ecóico					
Condições Antecedentes		Resposta	Consequências	Correspondência S/R	
OM	S^d	R	S^r		
#	Estímulo Vocal	Resposta Vocal	Condicionado, generalizado (aprovação)	<i>Formal; Ponto a ponto.</i>	
#	Mãe pede para falar: "Mãe"	"Mãe"	Muito bem, meu filho!		
Textual					
Condições Antecedentes		Resposta	Consequências	Correspondência S/R	
OM	S^d	R	S^r		
#	Visual ou tátil	Vocal	Condicionado, generalizado (aprovação)	<i>Ponto a ponto (com exceções)</i>	
#	Palavra escrita na lousa: <i>Carro.</i>	"Carro"	Muito bem, fulano!		
Transcrição					
Condições Antecedentes		Resposta	Consequências	Correspondência S/R	
OM	S^d	R	S^r		
#	Visual ou vocal	Motora (Visual)	Condicionado, generalizado (aprovação)	Ditado: Ponto a ponto (com exceções) Cópia: Formal e Ponto a Ponto.	
#	Professor diz "avião"	Escreve "avião"	Muito bem! Vai receber um visto no caderno!		

Segundo Pereira (2000, p. 105), Skinner menciona que esses operantes verbais (ecóico, textual e transcrição) não são geralmente considerados relevantes pelos pesquisadores por não apresentarem interesse para os teóricos da significação, já que esses comportamentos, controlados por estímulos verbais, têm uma relação entre a resposta e as variáveis de controle muito claras e não apresentam muitos problemas de referência.

c. Intraverbal

No caso do operante verbal intraverbal seu controle se dá por estímulos discriminativos verbais auditivos, visuais ou táteis sendo modelado e mantido por reforço generalizado. O que vale ser salientado, segundo a definição de Passos (2004, p. 184), é que não há correspondência formal nem ponto a ponto entre o estímulo discriminativo e a resposta verbal. Logo, esse operante verbal é importantíssimo para um repertório específico no qual o

conhecimento científico e acadêmico são baseados. Ainda em consonância com a autora, ensinamos a ordem dos números às crianças apresentando um estímulo verbal (auditivo, visual ou tátil) “1” e reforçando quando a criança emitir o próximo, “2”. Outros casos são as *perguntas* as quais “correspondem” a determinado operante intraverbal, por exemplo, diante do estímulo discriminativo verbal “Declarou a independência do Brasil” a resposta “Dom Pedro I” será reforçada. (PASSOS, 2004, p. 184)

Desse modo, o operante verbal qual Skinner descreve como *Intraverbal* é aquele em que diante de um estímulo vocal, tátil ou visual, o sujeito emite uma resposta visual, vocal ou tátil. Um exemplo de Skinner destacado por Pereira nos ajuda a entender do que se trata o intraverbal nas relações cotidianas. O bate-papo, por exemplo, consiste em respostas sendo controladas exclusivamente por estímulos verbais, as quais são estabelecidas e mantidas, geralmente, por reforço generalizado (PEREIRA, 2000, p 104).

Controle do tipo intraverbal é uma parte importante do repertório do comportamento verbal.

Consoante a Passos (2004, p. 185), Skinner considera o controle estabelecido no operante intraverbal de suma importância na determinação das sequências sintáticas e gramaticais. Skinner diz:

Por quê? é freqüentemente um estímulo para uma resposta começada por Porque, não importando o que venha depois. Quando um longo poema é recitado, muitas vezes podemos explicar a maior parte dele supondo apenas que uma parte controla a outra de maneira intraverbal. Se interrompemos o falante, o controle pode perder-se; mas um início rápido restabelece-lo-á, recriando o estímulo verbal apropriado. O alfabeto é adquirido como uma série de respostas intraverbais, assim como a contagem dos números, a adição, a multiplicação e a reprodução das tabelas matemáticas em geral. Muitos dos “fatos” de história são adquiridos e retidos como respostas intraverbais. (Skinner, 1957, p. 72)

É possível que um mesmo estímulo discriminativo verbal possa ser ocasião na qual diferentes respostas verbais foram reforçadas. Por exemplo, “B. F. Skinner” pode ser um estímulo presente em situações nas quais as respostas *Autor de Verbal Behavior*, *Fundador do Behaviorismo Radical*, etc, serão socialmente reforçadas. Por outro lado, diferentes estímulos também podem ser ocasião em que uma mesma resposta seja reforçada. Por exemplo, *Wilson*, poderia ser uma resposta reforçada ao seguir estímulos verbais tais como “Autor desta pesquisa”, “Marca de bola de Tênis”, “Personagem do desenho *Dennis, o pimentinha*”. Mas,

visto a possibilidade de as relações de controle ser em conflitantes, tais conexões frequentemente estabelecem fracas relações de controle.

Com o que foi dito Passos (2004) define claramente as distinções entre os operantes descritos:

A principal diferença entre o intraverbal, por um lado, e o ecóico, textual e transcrição, por outro, reside em que entre estes três últimos e seus respectivos estímulos discriminativos há correspondência formal e/ou ponto a ponto (salvo algumas exceções), o que não ocorre no caso do intraverbal. (p. 186, parênteses acrescentados)

Tabela 3. Operante verbal intraverbal

Intraverbal				
<u>Condições Antecedentes</u>		<u>Resposta</u>	<u>Consequências</u>	<u>Correspondência estímulo/resposta</u>
OM	S ^d	R	S ^r	Não há
#	Visual ou vocal	Visual ou vocal	Condicionado, generalizado (aprovação)	
#	"Capital do estado da Bahia..."	"Salvador"	Correto!	

d. O Tato

Os operantes verbais descritos por Skinner agora estão sob controle de estímulos não-verbais. O Tato, é um operante verbal no qual diante de um estímulo não-verbal, ou seja, um acontecimento ou objeto do mundo físico, ou propriedade de um evento objeto, o sujeito irá emitir uma resposta verbal (vocal, impressa ou escrita) que será reforçadas diante da presença de tal estímulo. Mais precisamente, um sujeito emite a resposta verbal “mesa” quando o objeto do mundo físico *mesa* está presente e é reforçado em uma dada comunidade verbal.

Tabela 4. Operante verbal controlados por estímulos não-verbais.

Tato				
<u>Condições Antecedentes</u>		<u>Resposta</u>	<u>Consequências</u>	<u>Correspondência estímulo/resposta</u>
OM	S ^d	R	S ^r	
#	Estímulo não verbal	Visual ou vocal (palavras)	Condicionado, generalizado (aprovação)	#
#	Uma <i>carro azul</i> presente no ambiente	<i>Olha o "carro azul"</i>	Legal!	

Segundo Passos (2004, p. 186), Skinner menciona que desde a tenra infância, aos sujeitos são ensinados nomes de objetos, cores ou eventos tornando contingente um reforço generalizado às respostas que estabeleçam uma relação apropriada com o estímulo presente. Dessa forma, nas condições educacionais, as contingências, que “propõem” manter a correspondência de uma determinada resposta a um determinado estímulo, são mantidas de maneiras bastante rígida, portanto o “efeito principal está na determinação da forma ou topografia de comportamento (em “modelar” respostas) e no aguçamento do controle de estímulos.”(Skinner, 1957, p. 85-86).

Logo, baseando-se em Passos (2004, p. 187), todos os estímulos e propriedades dos estímulos que estão presentes no momento em que um tato é emitido e seguido de reforço adquirem certo controle sobre ele. Desse modo, em situações futuras um tanto semelhantes às circunstâncias anteriores nas quais as repostas foram reforçadas, o tato pode ser evocado sem haver reforçamento direto. A esse “processo” Skinner denomina “tato estendido”.

Ainda com referência ao operante verbal tato, podemos entender sobre as abstrações. Segundo Passos (2004 p. 190) trata-se de um processo pelo qual determinada propriedade de um estímulo ganha controle sobre a resposta pelo fato de que tal resposta foi reforçada na presença dessa propriedade constante de objetos, ou eventos em diferentes situações de estímulo. Um exemplo mencionado pela autora seria uma pessoa dizer que tal objeto é *vermelho* referindo-se a cor. Tal resposta foi instalada “como tato abstrato pelo reforçamento contingente à sua emissão na presença de estímulos de diferenças formas, tamanhos etc., mas que têm em comum o serem vermelhos” (p.190).

Em consonância, Pereira (2000, p. 106) destaca a opinião de Skinner ao acentuar que qualquer aspecto da situação em que a resposta é reforçada ganha controle sobre ela. Assim, sobre a possível extensão que pode acontecer em relação ao tato, pode-se afirmar que qualquer aspecto de uma dada situação em que uma resposta foi reforçada ganha por sua vez algum controle sobre a mesma. Seguindo esse princípio verifica-se que um estímulo novo o qual apresenta algum traço semelhante com outro estímulo em cuja presença a resposta foi reforçada poderá, por sua vez, produzir uma resposta. Logo, segundo Pereira, o que é conhecido como uma extensão genérica na verdade trata-se do caso em que um traço do novo estímulo é coincidente com aquele que é fundamental para que o reforçamento aconteça em uma comunidade verbal específica. Um exemplo seria quando um sujeito chama de “mesa” algum objeto com algumas características diferentes do objeto do qual já tinha sido reforçado na presença. Desse modo, segundo a autora, Skinner afirma que para se alcançar a “essência” de um objeto, devemos analisar as contingências reais de reforçamento numa dada comunidade verbal, ou seja, qual é o aspecto essencial do objeto diante do qual a resposta, se emitida será reforçada em determinada comunidade verbal.

Pereira (2000) ainda destaca outros tipos de extensão “em que a característica do estímulo que adquire controle sobre a resposta não é aquela em relação à qual o reforçamento é contingente em uma determinada comunidade” (p. 107), por isso, é permitido algum grau de extensão do controle. Em algumas situações, no entanto, como na atividade científica, tal tipo de extensão não seria reforçado podendo gerar até punições, já que nesta restrita “comunidade verbal” têm-se um refinamento do controle reforçando o “comportamento na presença de determinada propriedade do estímulo e punindo-o na ausência desta” (p. 107).

A comunidade verbal geralmente estabelece e mantém operantes tato seguindo-os com reforço generalizado, por ser benéfico para a comunidade, já que tal operante permite ao ouvinte inferir sobre a realidade e circunstâncias nas quais o falante está inserido e isso pode ser particularmente útil. O tato pode informar ao ouvinte algo que não está acessível a ele, como quando um sujeito diz “está frio lá fora”. O ouvinte lhe apresenta uma consequência reforçadora generalizada e têm a informação da condição na qual o falante estava inserido (PEREIRA, 2000, p. 105). Por isso, a resposta deve manter uma relação apropriada com o estímulo para ser reforçada. Não seria útil um falante dizer “está muito quente lá fora” se na verdade o estímulo fosse contrário, isto é, de muito frio.

Conclui-se então, segundo Pereira (2000, p. 105), que o que realmente é relevante para Skinner não é dizer que um “*tato* refere-se a algo”, mas, o cerne da questão, é a relação funcional entre um estímulo discriminativo não verbal e uma resposta em tais circunstâncias é caracteristicamente reforçada frente a este estímulo em uma dada comunidade verbal. Skinner critica os teóricos da significação da linguagem que muitas vezes ficam presos à relação entre estímulo e resposta, pois, estes estudiosos, muitas vezes, separam palavras de um lado e coisas de outro e mantém uma relação denominada como referência, denotação ou designação. Contudo tal relação nunca foi bem estabelecida e descrita por esses pesquisadores.

e. O Autoclítico.

Quando se examinam amostras mais amplas do comportamento verbal, destacam-se neste comportamento respostas que parecem funcionar como base de um mecanismo sistêmico. Essas respostas podem ser aquelas do tipo que conectam diferentes partes das emissões verbais, por exemplo: *portanto*, *entretanto* etc. Outro exemplo destacado seria a ordem característica encontrada nas sentenças, como é o caso do *artigo* que sempre precede o *substantivo*. As coordenações entre fragmentos do comportamento verbal também entram na lista de operantes autoclíticos, a saber, por exemplo a concordância de número (singular e plural) ou gênero (PASSOS, 2004, p. 194).

A definição do operante autoclítico, segundo Pereira (2000, p. 107), refere-se a controles característicos do comportamento do falante. Tal comportamento geralmente é visto como complexo e desse modo acaba sendo descrito como algo relacionado à intenção do falante.

Pereira ainda afirma que o termo “autoclítico” foi escolhido por Skinner pois remete-se a um comportamento baseado ou dependente de outro comportamento verbal, pois o autoclítico sempre aparece acompanhado por outro comportamento verbal, isto é, não é comum dizermos, *o(a)*, *algum* sem acompanhamento de outra resposta verbal. Logo, as respostas que foram denominadas autoclíticas por Skinner, são aquelas que modificam a reação do ouvinte ao que será dito em seguida. Dessa maneira, autoclíticos teriam a função de fornecer indicações sobre a natureza e força do controle de estímulo do comportamento do falante (PEREIRA, 2000, p. 107).

Portanto, ao considerar a função do autoclítico, de, por exemplo, descrever as condições nas quais o comportamento verbal foi emitido, pode-se identificar muitos tipos possíveis de autoclíticos. Pereira (2000, p. 108) concorda com Skinner mencionando alguns exemplos deste autor. Assim quando uma pessoa fala “*Eu li que vai chover*” está informando ao ouvinte sobre a condição específica que controlou a resposta verbal “vai chover”; já quando a resposta selecionada indica a força do comportamento verbal o falante poderá emitir a resposta verbal “*Eu suponho que irá chover*”. Outros autoclíticos podem descrever a relação entre a resposta verbal do falante e outra resposta verbal do falante ou do ouvinte, como em “*Também acho que irá chover*” ou mesmo podem cancelar as respostas que acompanham como “*Não está chovendo*”.

Essas categorias descritas por Skinner, ou seja, os operantes verbais como unidades de análise, são essenciais para o entendimento do comportamento verbal sob uma perspectiva metodológica científica baseada na filosofia das ciências da natureza. A distinção dessas unidades de análise, além das características mencionadas acima, podemos resumir com base nas variações da contingência de três termos. Dessa forma, Passos (2004) afirma:

Uma distinção inicial separa os operantes verbais em dois grandes tipos: um primeiro em que o papel de controle por um SD não é relevante e que recebe reforço específico - o mando - e aqueles em que o controle por um SD é relevante e que recebem reforço generalizado - os demais. Estes últimos, por sua vez, se diferenciam entre o que é controlado por SD não verbal - o tato - e aqueles controlados por SD verbal - os demais. Entre os controlados por SD verbal, encontramos os que não apresentam correspondência ponto a ponto e / ou formal com o Sd - intraverbais e autoclíticos - e aqueles que apresentam correspondência ponto a ponto e / ou formal com o Sd - ecóico, textual e transcrição. Os intraverbais e autoclíticos se diferenciam porque os primeiros correspondem a conexões entre estímulos verbais reforçadas por uma comunidade verbal, enquanto os autoclíticos são controlados por respostas verbais preexistentes do próprio falante e pelas relações entre essas respostas verbais preexistentes e suas variáveis de controle. O ecóico e o textual se distinguem um do outro porque entre o primeiro e o Sd que o controla há correspondência ponto a ponto e formal, enquanto que entre o textual e o SD que o controla há apenas correspondência ponto a ponto. Na transcrição pode ou não haver correspondência formal com o SD que a controla, mas sempre há correspondência ponto a ponto. (PASSOS, 2004, p. 203-204)

Assim, tendo em vista a identificação dos operantes verbais, podemos entender os efeitos destas unidades no que se refere a um sistema no comportamento verbal.

3.10 Mecanismos que fazem o comportamento verbal como sistema

3.10.1 Introdução

Conforme Matos (1991) o livro de Skinner, *Verbal Behavior (1957)*, foi uma obra muito importante para a análise do comportamento, embora também tenha sido muito criticada por diversas áreas de conhecimento e inclusive pelos analistas do comportamento. Para a autora essa obra

representa simultaneamente uma síntese do modelo de seleção pelas conseqüências e sua mais abrangente tentativa de extrapolação para o estudo do comportamento humano. E representa ainda o mais profundo choque entre a posição *estruturalista* (compreender o *falado* - seu significado – a partir de uma sintaxe pré-existente) e a *funcionalista* (compreender o processo de aquisição da *fala*, o significado é dado pela análise das condições em que a *fala* ocorre, a sintaxe é adquirida no processo de aquisição da *fala*). (MATOS, 1991, p.1)

Apesar de Skinner não basear-se totalmente em experimentos diretos para testar suas hipóteses em *Verbal Behavior*, é importante enfatizar que foi um grande passo as extrapolações feitas por ele a esse campo. Essa obra demorou muito para ser finalizada, como afirma Matos (1991):

Coerentemente com sua importância, é uma obra que já vinha sendo escrita desde a década de 30, paralelamente a *Behavior of Organisms*. Obra polêmica, interpretativa num momento em que se buscavam dados e experimentos, mal compreendida desde sua primeira divulgação (sob a forma de aulas e conferências na década de 40), gerou uma série de pesquisas equivocadas entre 66 e 76, para nos anos 80, ser finalmente retomada para estudos, análises e debates. (MATOS, 1991, p.1)

Matos (1991) ainda afirma que nesta obra de Skinner “pela primeira vez a contingência de três termos é proposta claramente como unidade de análise do operante e, também pela primeira vez, Skinner analisa contingências, não respostas” (p.1).

Dessa maneira, concordamos que para o entendimento do comportamento verbal, sob o escopo da análise do comportamento é de grande relevância Skinner salientar as possibilidades de relações de controle sob o esquema da contingência de três termos. O passo que Skinner dá ao começar a analisar contingências e não aspectos formais das respostas mostra como o estudo muito importante se amplia em uma perspectiva científica com base na filosofia da natureza. Portanto, é com base nessas unidades de análise mencionadas por Skinner, que se torna possível analisar o que sugere um mecanismo sistêmico do comportamento verbal.

Com o objetivo de destacar o que na teoria de Skinner sugere um sistema, foram deixados para esse capítulo algumas descrições mais pormenorizadas de alguns operantes verbais, pois relacionavam-se muito com parte do recorte específico desta parte da pesquisa. Consequentemente iremos destacar alguns dos operantes verbais os quais foram selecionados por permitir um funcionamento sistêmico do comportamento verbal.

3.10.2 O papel do operante verbal na sugestão de sistema no comportamento verbal

a. Os operantes em sua versão ampliada ou estendida.

Segundo as postulações de Saussure, sobre o estudo sincrônico da língua¹⁴, pode-se observar dois mecanismos que se destacam na descrição sincrônica da língua, isto é, as relações que sugerem um sistema na língua. Foi observado durante a pesquisa que aspectos de alguns operante verbais se assemelhavam ao funcionamento visto nas descrições de Saussure. Além disso, o próprio Skinner menciona que alguns desses operantes de fato sugerem um funcionamento sistêmico do comportamento verbal.

O Mando

O mando oferece algumas características as quais podemos destacar aqui. Sobre a aquisição do operante verbal, temos situações nas quais uma unidade verbal emerge sem que tenha sido reforçada diretamente.

O Mando estendido (ou ampliado), é descrito por Passos (2004, p. 176) com base nas explicações de Skinner. Referindo-se ao que usualmente se denomina “criatividade” na linguagem, afirma que certo mecanismo do comportamento verbal poderia tornar possível condições nas quais uma resposta seja emitida em circunstâncias não idênticas àquelas em que foi reforçada anteriormente. Para o autor, segundo Passos (2004, p. 176), isso é possível, pois a probabilidade de emissão da resposta é maior quando as condições nas quais o comportamento foi reforçado assemelha-se em alguns aspectos às condições presentes. A isso chamamos de *generalização de estímulos*, isto é, quando um estímulo (ou estímulos) da situação atual tem algumas propriedades semelhantes com alguma situação em que a resposta foi reforçada adquire certo controle sobre a resposta. Desse modo, é possível notar que circunstâncias presentes e passadas não precisam ser idênticas para ter algum papel na

¹⁴ 3. Resultados (Saussure) Cap. V. Língua como sistema.

probabilidade da respostas. Com o foi dito, ainda conforme a autora, podemos supor que *mandos estendidos* são, por exemplo, aqueles que são emitidos na presença de estímulos que se assemelham a ouvintes, como por exemplo, quando o falante emite um *mando* a objetos inanimados como um sujeito manda seu computador “funciona!” quando este não está funcionando corretamente.

Passos (2004, p. 177-178) nos destaca também o que se pode denominar de *mandos supersticiosos*, os quais são mantidos por contingências de reforçamento casual ou intermitente, ou seja, quando um falante emite um mando (“Aparece logo ônibus!”) em situações em que espera em um ponto de ônibus, pois foi coincidentemente reforçado quando emitiu anteriormente e por isso a resposta aumentou de probabilidade. Contudo a relação entre resposta e reforço é apenas temporal e efetivamente não produziu mudanças no ambiente que permitiram a liberação do reforço (ônibus chegando). Apenas foi um caso fortuito.

Por fim, Passos afirma que Skinner menciona um terceiro tipo de *mando*, o qual deve ser descrito com acuidade por tratar-se de certos processos especiais. O mando “mágico” é um operante verbal no qual o falante especifica um reforço que em sua história nunca havia obtido através deste tipo de operante. Para explicar a particularidade desse operante, Skinner afirma a possibilidade de um “mando genérico” o qual é independente de qualquer especificação particular de reforço. Parece que o falante cria mandos novos na analogia de antigos. No exemplo de Skinner (1957), um falante *manda* “passe pão e manteiga” e é reforçado, após o que ele *manda* “passe a geléia” sem ter obtido antes geléia dessa maneira. Para o esclarecimento do fenômeno Passos (2004) destaca dois pré-requisitos fundamentais:

- 1) ao serem reforçadas unidades do tipo *Por favor, passe o pão e a manteiga*, emergiria uma unidade comportamental menor do que a diretamente reforçada, a unidade *Por favor, passe...*; 2) a existência, no repertório do falante, de uma resposta com a forma necessária à especificação do reforço, adquirida como um outro operante, por exemplo, um ecóico ou um tato. (p. 178)

A autora ainda nos fornece um quadro o qual define e destaca o exemplo dado por Skinner.

UNIDADE DIRETAMENTE REFORÇADA	UNIDADE EMERGENTE	COMPORTAMENTO VEBAL NOVO
<i>Por favor, passe o pão e a manteiga</i>	<i>Por favor, passe...</i>	<i>Por favor, passe a geléia</i>

O Ecóico

Novamente a aquisição de determinado operante verbal traz algumas situações nas quais é possível imaginar um funcionamento sistêmico para a instalação destas unidades verbais no repertório do sujeito. Passos (2004, p. 179) salienta duas maneiras pelas quais Skinner explica como se instalam as unidades ecóicas de comportamento verbal: a primeira diz respeito a reforçamento da comunidade verbal voltado especificamente para criar um repertório ecóico no sujeito. Para tanto, é usual o pedido, por exemplo, que uma criança repita a palavra “maçã” e seja reforçada quando emitir a resposta com uma correspondência formal como estímulo auditivo apresentado. O mesmo processo é possível também com uma unidade menor como, por exemplo, o fonema “a”, de *maçã*; a segunda maneira citada por Skinner seria pela “emergência” de unidades menores, como resultado da aquisição de unidades maiores” (PASSOS, 2004, p. 179). Esse processo demanda mais acuidade na descrição, pois abrange um fenômeno importante da aquisição da linguagem, já que é semelhante ao que acontece no “Mando Mágico”. Nesse mecanismo, também é possível emergir comportamentos verbais sem que o indivíduo passe por treinos específicos, ou seja, dispensa-se a modelagem do comportamento. Consoante a Skinner, “operantes ecóicos mínimos parecem tornar-se funcionais como um fato natural quando correspondências maiores tiverem sido estabelecidas” (SKINNER, 1957 p. 62-63). Mais especificamente, Passos completa, “se alguém é reforçado por ecoar, por um lado, *bala, boca, bebê, bica e bule*, e, por outro, *voa e côa*, poderiam emergir em seu repertório ecóico as unidades *b* e *oa*, que lhe permitiriam ecoar, sem que tenha havido treino explícito, a unidade *boa*” (PASSOS, 2004, p. 180).

¹⁵ Referência do quatro: PASSOS, 2004, p. 178.

UNIDADE DIRETAMENTE REFORÇADA	UNIDADE EMERGENTE	COMPORTAMENTO VEBAL NOVO
<i>bala, boca, bebê, bica, bule, voa, cõa</i>	<i>b oa</i>	<i>boa</i>

Com o que foi dito, conclui-se que unidades emergentes neste tipo de processo são uma espécie de efeito colateral da instalação de unidades maiores que foram diretamente reforçadas para fazer parte do repertório. Entretanto, uma explicação mais cuidadosa sobre esse segundo mecanismo constitui-se como um problema de estudo para o analista do comportamento. Como afirma Passos (2004, p. 180), para um analista do comportamento, qualificar como “natural” não responde todas as dúvidas sobre o processo pelo qual o sujeito adquire unidades mínimas a partir de unidades maiores. O processo de reforçar diretamente unidades menores, como os fonemas, são menos frequentes do que o reforço direto às unidade maiores, como o caso das palavras em relação aos fonemas. Um exemplo do primeiro caso seria a situação na qual a criança fala de maneira não aceita pelas comunidade verbal a palavra “rezistro” e criamos condições nas quais ela deve ecoar parte dessa palavra, no caso “gis” - no lugar de “zis” - produzindo reforço na comunidade verbal específica dizendo “registro”. Mas, não é regra que sempre aconteça assim. Muitas dessa unidade menores, os fonemas, emergem naturalmente na fala da criança e esse processo é muito benéfico ao sujeito, pois segundo Passos (2004):

Depois de estabelecidas essas pequenas unidades, torna-se fácil para o falante emitir, independentemente de modelagem, qualquer novo operante ecóico, porque ele sempre será resultado da combinação seqüencial das pequenas unidades de uma dada língua. À medida que tal repertório vai sendo adquirido, a comunidade verbal se utilizará dele para instalar operantes verbais de outra natureza (tatos, mandos, etc.). (p. 181)

O Tato

O tato também apresenta algumas particularidades interessantes. Passos (2004, p. 188) descreve três tipos de extensão do controle do tato os quais podemos destacar aqui.

Passos (2004) menciona que o primeiro tipo de extensão do tato seria o *genérico*. Esse tipo de extensão do tato diz respeito a situações onde o tato é evocado pela presença de uma propriedade de um novo estímulo, à qual a comunidade verbal tornou contingente um reforço ao modelar e manter o tato naquele sujeito. Assim, após o falante produzir reforço ao emitir

¹⁶ Referência do quatro: PASSOS, 2004, p. 180.

“*rosa* na presença de alguns exemplares específicos de flores, emitirá esse tato na presença de exemplares semelhantes que não participaram das contingências iniciais de reforçamento” (p. 187).

Skinner, conforme Passos (2004 p. 187), destaca os dois outros tipos de extensão do tato, os quais sugerem aquilo que é comumente denominado “criatividade” da linguagem.

A extensão metafórica é um processo importante para compreendermos uma das descrições tradicionais da linguística. Consoante Passos, a extensão metafórica é aquele operante de tato "em que as propriedades de estímulo diferentes daquelas às quais a comunidade verbal torna o reforçamento contingente adquirem controle sobre a resposta, porque estavam casualmente presentes na ocasiões em que essa resposta foi emitida e reforçada” (PASSOS, 2004, p. 188). A autora ainda nos contempla com um belo exemplo de extensão metafórica

O escritor José Saramago nos oferece em sua obra inúmeras belas metáforas, das quais destacamos a seguinte: “(...) *quem nasce não vem a falar da barriga da mãe e quem morre não fala depois de ter entrado na barriga da terra*” (Saramago 1980:13). O tato *barriga* é reforçado na comunidade verbal de língua portuguesa quando emitido na presença de uma certa parte do corpo de variados animais, incluindo humanos. Possivelmente a propriedade de ser essa parte do corpo um continente que abriga conteúdos - órgãos do, ou corpo até mesmo uma outra pessoa, no caso de mulheres grávidas - permitiu a extensão metafórica em que o interior da terra foi chamado *barriga*, já que a terra também abriga corpos, quando estes são nela sepultados. (PASSOS, 2004, p. 188)

O terceiro tipo de extensão do tato mencionado por Skinner, em sua análise funcional do comportamento verbal, seria a extensão metonímica. Em que uma “propriedade de estímulo adquire controle sobre uma resposta verbal porque, embora não sendo a propriedade à qual a comunidade verbal torna contingente o reforço, é uma propriedade que costuma acompanhar aquela a que a comunidade verbal torna o reforçamento contingente” (PASSOS, 2004, p. 188).

Outro exemplo de Passos pode ser bem ilustrativo para nossa compreensão

na presença de uma pintura em que uma criança foi representada como anjo, com asas, e em resposta à pergunta “Do que é que a criança está vestida?”, Raquel (24 meses) emitiu o seguinte tato metonímico: *De aves*. *Aves* é uma resposta verbal que somos reforçados por emitir na presença de certos animais que voam, possuem bico, penas, asas etc. Qualquer destas propriedades de estímulo pode isoladamente adquirir controle sobre a resposta, o que ocorreu com a propriedade “asas”. (PASSOS, 2004, p. 188)

Vale ser dito que a distinção entre o que é *metáfora e metonímia* em relação às *extensões dos tipos metafóricos ou metonímicos* é uma discussão muito importante por muitos fatores. Um deles é que nos esclarece muito sobre a natureza do objeto de estudo de Skinner. Segundo Passos (2004, p. 189) as primeiras unidades verbais, ou seja, a metáfora e a metonímia correspondem a conceitos analíticos observados nas práticas verbais correntes de uma dada comunidade verbal (língua instituída). Portanto, na análise do comportamento, deve-se distinguir esses materiais. Ainda em consonância com a autora, só podemos dizer que determinada *metáfora* ou *metonímia* é uma extensão de um tato se o analista do comportamento estiver certo sobre a história de reforçamento deste indivíduo na qual a comunidade verbal tornou o reforço contingente à propriedade que ganhou controle sobre a resposta em questão. Somente se a comunidade verbal não tornou contingente o reforço àquela emissão podemos denominá-la uma extensão (metafórica ou metonímica).

Seguindo o mesmo princípio, Skinner destaca as possibilidades da ocorrência dessas extensões de tato:

Há realmente muito pouca metonímia espontânea. A maioria dos exemplos na fala cotidiana e na literatura, como a maioria das metáforas aparentes, são respostas que foram reforçadas independentemente e assim estabelecidas como unidades funcionais. A extensão metonímica pode explicar a origem destas expressões no ambiente verbal, mas não é necessária para explicar instâncias no comportamento do falante individual. (SKINNER, 1957, p. 100-101)

Semelhante ao que foi dito sobre as unidades verbais ecóicas, a unidades de operantes tato também não têm restrições ou limites. Um tato pode ser uma unidade diminuta ou mesmo uma sentença inteira, pode estar sob controle de somente uma estimulação de estímulo, sendo, nesse caso, definida como uma unidade de tato, mesmo tendo a possibilidade de ser decomposta em unidades menores. Passos (2004, p.191) também destaca a possibilidade da emergência de tatos como subprodutos da aquisição de respostas maiores, semelhante aos casos do mando e do ecóico. Nesses casos as unidade maiores têm elementos idênticos os quais tornam-se unidade funcionais menores, que não foram reforçadas diretamente. Logo em decorrência do repertório de unidades que já fazem parte do repertório do falante essas unidade menores podem se combinar com outras diretamente reforçadas criando assim um comportamento verbal novo.

Passos novamente nos oferece o quadro explicativo.

UNIDADE DIRETAMENTE REFORÇADA	UNIDADE EMERGENTE	COMPORTAMENTO VEBAL NOVO
<i>Eu tenho um carro; Eu tenho um gatinho</i>	<i>Eu tenho um...</i>	<i>Eu tenho um tambor</i>
<i>Eu tenho um... ; Eu quero um ...</i>	<i>Eu...</i>	<i>Eu gosto...</i>

Passos (2004) afirma, consoante a Skinner, que “é possível encontrar unidades de tato no repertório do falante ainda menores que a palavra, correspondentes a outras unidades isoladas pelos linguistas, como o morfema, a raiz, os afixos” (p.191). Skinner faz objeção ao uso do morfema como unidade de análise embora reconheça o caráter funcional dessa unidade linguística. O problema é o mesmo já apontado aqui, e é o que difere radicalmente o objeto de estudo de Skinner do da linguística moderna, pois os morfemas são unidades "encontradas pelo lingüista no repertório de vários falantes de uma mesma comunidade, não sendo encontradas todas elas no repertório de nenhum falante individual daquela comunidade” (PASSOS, 2004, p. 192). Para Skinner, é possível encontrar unidades que são tatos porém não seriam definidas como morfemas.

Desse modo Passos (p.192) destaca:

Segundo Skinner, um conjunto de formas no inglês iniciadas por *sp*, como seria o caso de *split*, *sputter*, *spoke*, têm em comum o significado de algo que emana da boca ou de algum outro ponto, o que torna possível que a resposta *sp* tenha unidade funcional sob controle deste aspecto comum (Skinner, 1957, p. 121)

Assim vemos que este aspecto especial do tato promove debates importante entre o campo de estudo da linguística tradicional e a análise do comportamento. Segundo Skinner:

O linguista pode reconhecer a unidade funcional da unidade verbal *sp*, mas não admitir que ela seja classificada como um morfema, não apenas por motivos históricos ou comparativos, mas porque, se removermos o *sp* dos exemplos dados no parágrafo precedente, só nos restam fragmentos inúteis de comportamento. Mas isto é importante apenas se supusermos que as palavras são formadas de partes separáveis. Nada em nossa análise do tacto como unidade de comportamento verbal nos leva a acreditar nisto. O que queremos dizer com esta afirmação é que, embora a resposta *spit* [saliva], revele uma semelhança com *speak* [fala] e *spew* [vômito], semelhança que pode ser atribuída a um elemento-estímulo comum em relação à inicial *sp*, tal resposta não revela qualquer relação funcional comum com outras formas terminadas em *it* {*hit*, *sit*, *bit*, e assim por diante). Tais fragmentos não podem ser considerados como sem significado, no sentido de serem totalmente incontrolados; eles aparecem por boas razões, mas não possuem uma razão em comum. (Frequentemente, podemos encontrar alguns traços de elementos semelhantes. Por exemplo: muitas palavras que possuem relação com sons produzidos vocalmente contêm a unidade terminal — *each*; por

¹⁷ Referência do quatro: PASSOS, 2004, p. 191.

exemplo, screech [berrar], preach [pregar], teach [ensinar.] Não é, portanto, inteiramente fantástico afirmar que a resposta speech é uma combinação de sp e eech. Uma vez que a forma foi estabelecida num dado falante cedo demais para ser claramente um neologismo, torna-se difícil provar este ponto.) (SKINNER, 1957, p.117).

Passos (2004) nos descreve esse mecanismo de aquisição de tatos nos quais o controle funcional do exemplo citado acima, *sp*, teria dois momentos:

1) a instalação de vários tatos - respostas como spit, sputter, spoke -, controlados por situações de estímulo que têm a característica comum apontada acima; 2) pelo mecanismo que dá origem à emergência de unidades menores contidas em unidades maiores, estas últimas diretamente condicionadas, veríamos surgir o controle da resposta *sp* pela característica comum de estímulo. As possibilidades colocadas em função do controle dos operantes verbais pelo ambiente permitem que se entenda o surgimento, no nível do falante, de formas de fala novas que, posteriormente, poderiam ou não ser incorporadas pela comunidade verbal. (p. 193)

b. O autoclítico

Skinner, ao se referir ao autoclítico, menciona controles característicos do comportamento do falante, para entendermos algumas questões relacionadas à determinação de algumas parcelas ainda não explicadas do comportamento verbal.

Mas nós não nos livramos por completo do falante. Há ainda respostas verbais a serem explicadas — tais como *se, que, como, portanto e alguns* — muitas das quais sugerem amplamente o comportamento de um sistema diretor, organizador, avaliador, seletor e produtor. É tão penoso formular correspondências semânticas para esses termos que, comumente, eles são explicados por meio de uma referência às “intenções” do falante, de suas “atitudes propositais”, e assim por diante. Até agora, ainda não demonstramos qualquer superioridade no trato desses termos. (SKINNER, 1957, p. 303)

O mecanismo autoclítico no comportamento verbal sugere que exista um sistema na língua. Skinner faz objeção às concepções que compreendem a língua como sistema regido pelas intenções ou propósitos dos indivíduos, contudo, ao apresentar o operante autoclítico como o operante que poderia explicar esse fenômeno parece não fornecer muitos indícios claros para a determinação do operante.

Conforme Brino & Souza (2005), Skinner, deixa alguns aspectos da aquisição e determinação desses tipos de respostas em aberto e por isso foi muito criticado por diversos autores linguistas.

A ausência de um tratamento claro sobre o processo de aquisição desses operantes e sobre a aprendizagem de operantes verbais não-elementares (de segunda ordem ou relacionais), incluindo a aprendizagem sintático-gramatical e suas extensões, deu origem a inúmeras críticas àquela proposta (e.g., Pinker, 1994), e à caracterização da Análise do Comportamento como uma área incapaz

de lidar adequadamente com o fenômeno lingüístico (*e.g.*, Chomsky, 1959; Fodor, 1983). (p. 256)

Segundo esses autores, Skinner não expõe muito claramente as explanações, sob seu enfoque científico, relativas às questões de aquisição de comportamentos representantes da parcela sintática e gramatical do comportamento verbal. Dessa forma, segundo Brino & Souza (2005), sua teoria tem alguns pontos a serem completados por definições mais precisas, pois, Skinner

não descreve adequadamente o controle de estímulos neste tipo de repertório verbal, afirmando somente que sua função é diferente da referencial, até agora comentada. Partindo da morfologia e função gramaticais para a classificação do autoclítico, Skinner afasta-se novamente de sua proposta inicial, uma análise funcional do discurso do falante. (BRINO & SOUZA, 2005, p. 254)

Um problema tão fundamental dos fatos da linguagem quanto as relações gramaticais e sintáticas, sob o ponto de vista da análise do comportamento, não irá ser abordado na presente pesquisa integralmente, pois demandaria volumes para contemplarmos a questão com devido respeito considerando o que Skinner nos deixou, os pontos não evidenciados em sua obra e as críticas de outro autores. Por isso, voltamos nossa atenção ao que foi dito por Skinner sobre os conceitos eleitos para o entendimento de seu trabalho. Um deles é essa parte que sugere um funcionamento sistêmico no comportamento verbal e mais à frente, com base no que foi colhido aqui confrontaremos com as premissas de Saussure.

O operante verbal autoclítico se relaciona com o que é observado normalmente em um sistema, segundo Skinner (1957), da seguinte maneira:

Parte do comportamento de um organismo torna-se, por sua vez, uma das variáveis que controla a outra parte. Há pelo menos dois sistemas de respostas, um baseado no outro. O nível superior só pode ser compreendido em termos de suas relações com o inferior. A noção de um eu interior constitui um esforço para representar o fato de que, quando o comportamento é composto desta forma, o sistema superior parece guiar ou alterar o inferior. Mas o sistema de controle também é em si mesmo comportamento. O falante pode “saber o que está dizendo” no sentido de que “conhece” qualquer parte ou traço do ambiente. Parte de seu conhecimento (o “conhecido”) serve como variável no controle das outras partes (“conhecendo”). Tais “atitudes propositivas”, como a asserção, a negação, a quantificação, o plano obtido por meio da revisão, da rejeição ou da emissão de respostas, a geração de certa quantidade de comportamento verbal apenas enquanto tal e as manipulações altamente complexas do pensamento verbal podem, todas elas, como veremos, ser analisadas em termos de comportamento, que é evocado por outro comportamento do falante ou atua sobre ele. O falante é o organismo que se engaja num comportamento verbal ou que o executa. É também um lugar no qual certo número de variáveis se reúnem numa única confluência para produzir um acontecimento também único. (p. 304)

Com o que foi dito por Skinner, Passos (2004, p. 195) conclui que uma parcela do comportamento verbal do falante adquire controle sobre outra parcela de seu comportamento

verbal, e essa última parte é denominada operante verbal “autoclítico”. Tais fragmentos, ou seja, os comportamentos autoclíticos aparecem somente acompanhados de outros comportamentos verbais, por estarem determinados pelos fragmentos que o circulam. Logo, podemos observar que o autoclítico parece controlado por estímulos verbais, contudo, do próprio falante. Nesta perspectiva, podemos inferir alguns arranjos os quais possibilitam alguns tipos de autoclítico.

Os controles supostos por Skinner para o comportamento verbal autoclítico são estímulos privados ou públicos gerados por comportamento verbal previamente emitido e pelas relações de controle desse comportamento. (PASSOS, 2004, p. 196)

Passos (2004, p. 197) aponta que em alguns casos o autoclítico é classificado como um *mando sobre o ouvinte*, visto que, tal operante tem uma forma de mando, mas está relacionado a outro comportamento verbal do próprio falante. Por exemplo, *Escuta aqui! Isto está errado de sua parte*.

Por vezes, os autoclíticos dão determinada qualidade a um operante verbal *tato* e acabam modificando a intensidade ou direção do comportamento do ouvinte. Neste caso denominamos este operante de *autoclítico qualificador*. A negação e a asserção são exemplos, respectivamente, como em: “*Não faça isso, você não está preparado*”, como uma negativa autoclítica e “*Você é realmente bom nisso*” como uma asserção. O operante verbal autoclítico qualificador, conforme Brino & Souza (2005), também pode ser alguns advérbios (certamente, muito, etc.) ou até mesmo sufixos (*medroso*, *jeitoso*, etc.). Portanto, tal tipo de operante pode funcionar também como *mando sobre o ouvinte*.

Por exemplo, uma afirmação do tipo “Sim!”, pode persuadir o ouvinte a aceitar determinada descrição de eventos como factos relativamente puros, enquanto o uso de advérbios ou sufixos, em afirmações do tipo: “O garoto é muito inteligente” ou “O garoto é medroso”, pode modificar o comportamento do ouvinte em relação à fala (e até mesmo ao garoto) em função da qualificação adicional apresentada pelo falante. De certa forma, variações deste tipo de autoclítico funcionam como mandos sobre o ouvinte. (BRINO & SOUZA, 2005, p. 253-254)

Por outro lado, conforme Passos (2004, p. 197), existem autoclíticos que *quantificam* um *tato*, por exemplo, na frase: “*Aqui há muitas pessoas*”. Dessa maneira, o autoclítico do tipo quantificador indica ou uma propriedade do comportamento do falante ou algumas circunstâncias responsáveis por tal propriedade (BRINO & SOUZA, 2005).

Neste tipo estão inclusos os artigos de número e gênero (o, a, os, as, um, uns, uma, umas) – sendo estes os exemplos mais destacados –, e os adjetivos e

advérbios de quantidade ou tempo (poucos, muitos, todos, alguns, sempre, talvez). (BRINO & SOUZA, 2005, p. 254)

Os *autoclíticos descritivos*, segundo Passos (2004, p. 196), são respostas verbais que descrevem o comportamento verbal do próprio falante. Dessa maneira, o autoclítico descritivo pode informar sobre o tipo de comportamento verbal que ele acompanha, também pode descrever a força de uma resposta, ou mesmo sugerir qual o estado emocional em que a resposta está sendo emitida. Vale dizer, as variáveis de controle deste comportamento, geralmente, como afirma Skinner (1957, p. 314), são eventos privados, ou seja, são apenas para o falante diretamente acessíveis. Além disso, em consonância ao que foi dito, segundo Brino & Souza (2005) é com base nesse operante que podemos descrever nosso próprio comportamento verbal relacionado a algo que dissemos ou iremos dizer. Observamos quotidianamente quando iniciamos sentenças ou frases dizendo *eu tenho certeza, eu penso que, eu disse que*, etc.

Há ainda os autoclíticos que são especialmente importantes ao que comumente é estudado em gramática e sintaxe. Para Skinner, afirma Passos (2004, p. 197) estes são os autoclíticos dos tipos *relacionais e manipulativos*.

Os *autoclíticos relacionais* são dispositivos ligados à “concordância” entre as respostas verbais. Assim, podem relacionar o verbo e o nome que é seu sujeito, como em os pássaros voam, ou indicar concordância de posse, por exemplo, carro do menino (PASSOS, 2004, p. 198). As práticas verbais instaladas em determinadas comunidades verbais distintas (isto é, as línguas) apresentam diferentes dispositivos com função autoclítica relacional. Portanto, podemos observar particularidades das práticas verbais de uma comunidade representadas não só nas palavras que variam de língua para língua, mas também na “própria” gramática e sintaxe da língua. O exemplo dado por Skinner (1957, p. 334) diz que os dispositivos de ordem e agrupamentos no Inglês são autoclíticos relacionais enquanto que em outra língua, como no Latim, outros dispositivos desempenham esta função mais predominantemente. Para melhor compressão, como destaca Passos (2004, p. 198), devemos considerar que nem sempre a ordem encontrada em amostras de comportamento verbal amplas é um autoclítico relacional. O desenvolvimento dessa função também pode ser desempenhado por uma conexão intraverbal, por exemplo.

Ainda em relação a essa função Brino & Souza (2005) afirmam que os autoclíticos relacionais e manipulativos são controlados

por relações entre operantes verbais básicos. Exemplos seriam as preposições, conjunções, inflexões da predicação, pontuação, concordância temporal, de gênero e número e a própria ordenação sintática das palavras. A função fundamental deste tipo de autoclítico seria a de permitir a organização do comportamento verbal em unidades maiores do que aquelas possibilitadas pelos operantes verbais elementares, estabelecendo relações internas entre operantes verbais distintos. (p. 254)

O *frame* autoclítico é um tipo de autoclítico relacional. “Este *frame* é uma espécie de “arcabouço” ou “moldura” de comportamento verbal com espaços vazios que são preenchidos por operantes verbais controlados por variáveis próprias de uma situação específica” (PASSOS, 2004 p. 199). Esse fenômeno é oriundo do mesmo processo pelo qual passam os *mandos*, *tatos* e *ecóicos* estendidos. Relacionado a esse mecanismo podemos acrescentar o que afirma Skinner (1957):

Algo menor que o comportamento autoclítico de relação plenamente desenvolvido está implicado quando "arcabouços" autoclíticos parcialmente condicionados combinam-se com respostas apropriadas a uma situação específica. Tendo respondido a muitos pares de objetos com comportamentos tais como o chapéu e o sapato, a arma e o chapéu, o falante pode produzir a resposta o menino e a bicicleta numa nova ocasião. Se ele adquiriu uma série de respostas, tais como a arma do menino e o chapéu do menino podemos supor que o arcabouço parcial o ____ do menino está disponível para recombinação com outras respostas. A primeira vez que o menino adquirir uma bicicleta, o falante pode compor uma nova unidade: a bicicleta do menino. Esta não é uma simples emissão de duas respostas adquiridas separadamente. O processo assemelha-se ao da causação múltipla do capítulo 9. Os aspectos relacionadores da situação fortalecem um arcabouço e os traços específicos da situação fortalecem as respostas que se encaixam nele. (p. 336).

Como que foi dito, notamos como um operante verbal de Skinner, está estritamente relacionado ao que outros linguísticas apontam como um sistema intrínseco da língua.

4 DISCUSSÃO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DAS TEORIAS

4.1 Contexto acadêmico e científico e concepções iniciais

4.1.1 Crítica aos estudos tradicionais e suas formulações inovadoras.

Tanto Skinner quanto Saussure apresentam, em suas respectivas obras, críticas ao conhecimento acerca das áreas de conhecimentos nas quais estavam imersos. Contudo, suas críticas são distintas baseando-se nas contribuições nos campos de estudo aos quais eram filiados.

Saussure, faz um apanhado histórico que culmina em um aprimoramento do método fundamental para Linguística. Essa nova formulação, vem de alguns pontos levantados por ele mesmo. Foi observado que Saussure, ao longo de sua obra, faz críticas rígidas aos métodos e teorias as quais iam em desacordo com seus preceitos, mas é Skinner que apresenta-se mais crítico, reclamando para si o objeto de estudo que, em seu ponto de vista, não foi analisado durante esses anos.

Ambos autores apontam inovações vindas de suas concepções que mudaram o percurso histórico das áreas de conhecimento das quais faziam parte.

Na pesquisa é possível perceber Saussure postulando que seus predecessores não viram que a língua é um sistema o qual demanda um método regido por duas disciplinas: a diacrônica a qual considerava as transformações da língua e a sincrônica, de sua autoria, que inseriu o estudo das relações codeterminantes presentes na língua. Também aponta-se a sistematização realizada por Saussure à linguística, dando início à Linguística moderna européia.

Skinner acentua sua visão singular de cientista pautado na filosofia natural para entender o fenômeno linguístico, ou seja, o comportamento verbal. Além disso, podemos destacar sua visão ímpar em promover um estudo do comportamento verbal o qual não preconiza o significado, acusando ser essa uma explicação teleológica.

Devemos salientar que a posição de Skinner é totalmente diferente da posição que é tomada por Saussure - posto o fato de Skinner graduar-se em Letras e, possivelmente, conhecer o trabalho de Saussure, o que não acontece com este último, já que morre muito antes de Skinner esboçar seus primeiros trabalho experimentais. Contudo, foi observado que

Skinner não faz nenhuma crítica direta a Saussure, no máximo, faz objeções aos métodos dos linguistas sem apontar para qualquer autor específico.

Algumas de suas críticas à Linguística salta aos nossos olhos por atingir Saussure apenas em parte. Quando Skinner menciona que a Linguística erra em dar atenção mais às evoluções das línguas e suas comparações em detrimento do estudo do falante individual, salienta-se, que é efetivamente uma das inovações de Saussure, não ater-se somente ao aspecto histórico da língua. Saussure está em consonância com Skinner na crítica à demasiada atenção à evolução das línguas e suas comparações. Logo, cabe a dúvida, sobre se Skinner considerou, nesse comentário, algo sobre a Linguística Sincrônica. Por outro lado, realmente, Saussure não considera o estudo do indivíduo, pois seu objeto de estudo é, por natureza, social. Além disso, na descrição da tarefa do linguista, Saussure, retoma a necessidade de comparar línguas para compreendê-las.

Um destaque interessante que podemos fazer, é que, para Saussure, o estudo da fala, como objeto de estudo, cabia somente à Psicologia. O linguista genebrino afirmou que por ser um objeto com características diferentes da língua, a qual é o verdadeiro objeto de estudo da linguística, delega a espontaneidade da fala à Psicologia. Tal afirmação de Saussure alinha-se perfeitamente à de Skinner quando este postula que a Psicologia é a alternativa para resolver alguns problemas do estudo da linguagem, pois considera o falante individual.

Skinner aproxima-se novamente de Saussure ao criticar a teoria de que comportamento verbal é uma nomenclatura para as coisas no mundo. Saussure, concorda que não se trata disso, e ainda completa, segundo sua teoria, que a língua não consiste em uma base material para os conceitos mentais. Mas, vale dizer, o que se aproxima é a objeção dos autores a determinada explicação do fenômeno e não a conclusão a que os dois chegam para a resolução da questão. Neste viés, ambos se distanciam muito, já que, Saussure, aponta que a língua é que articula a fala, enquanto Skinner diz que a língua não é algo distinto do falante e tampouco tem uma existência independente do sujeito.

4. 1. 2 As tarefas e materiais dos autores.

As tarefas propostas pelos autores diferem radicalmente, pois Saussure aponta a tarefa de descrever muitas línguas, a fim de compará-las e extrair-lhes o que é universal. Já Skinner, aponta suas tarefas não a um objeto social, mas ao singular, o que explica por argumentações

baseadas na filosofia de uma ciência natural. Enquanto a tarefa estipulada por Saussure destaca descrever as línguas, suas histórias e as relações que os termos guardam uns com os outros, Skinner descreve o papel do analista do comportamento no percurso de seu trabalho, e sua tarefa tem por guia um modelo das ciências naturais o qual Skinner defende que seja aplicado à investigação do comportamento verbal.

Ambos autores concordam que suas tarefas propostas descortinam leis e determinações gerais para o fenômeno investigado. De um lado, Skinner aponta a extrapolação obtida pelo método experimental indutivo, o qual faz parte do repertório básico do analista do comportamento: buscar leis essenciais do comportamento observando um sujeito de cada vez. Do outro lado, Saussure postula a tarefa do linguista em descobrir, por meio de um estudo comparativo e descritivo das línguas por si mesmas, as forças e leis gerais que atuam no funcionamento da língua. Essa concordância pode ser explicada pelo fato dos dois autores inclinarem-se às bases científicas da filosofia natural.

O material eleito à Linguística por Saussure, difere muito, do material de preferência de Skinner.

Skinner diz que a Análise do Comportamento verbal trabalha com o material sonoro produzido pelos músculos representantes da fonação sendo seu registro a citação direta. Já Saussure, também apoia-se no material sonoro da língua, pois estuda a mesma a partir de sua forma falada embora por vezes passe pela escrita. O fato que separa os dois autores é a questão individual e coletiva que atravessa a concepção de objeto de estudo e método dos autores pesquisados.

4. 2 Objeto de estudo e Método de investigação.

4. 2. 1 Características essenciais do objeto de estudo.

A questão do objeto se impõe como um problema para Saussure, pois, em princípio, o autor teve que decompor a linguagem para encontrar um objeto de estudo próprio da Linguística. Para Saussure, a linguagem apresenta muitas dicotomias e por isso a reflexão do qual parte deste objeto cabe ao estudo linguístico desprendido de qualquer ciência externa a Linguística. Assim, Saussure aponta para a *língua* (langue), pois trata-se de um objeto de estudo homogêneo e passível de um estudo efetivo, ao contrário da *fala* (parole), da qual o indivíduo é único senhor.

Skinner apresenta algumas complicações na apreensão de seu objeto ao discutir sobre registro pois, segundo o método do analista do comportamento, deve ser muito bem feito para garantir os preceitos dessa ciência. Outro fato importante de destacar sobre Skinner, está em suas críticas às descrições dos objetos de estudo específicos de outras abordagens, as quais consideram conceitos, ideias, etc., como dignos de estudo científico. Todavia, para Skinner, não há como estudar esses objetos sem que os mesmos não apresentem dimensões físicas ou quaisquer evidências de que existam. Além disso, a investigação está baseada no comportamento do falante individual e compreende tanto as respostas (reações do organismo - variável dependente) quanto os estímulos consequentes e antecedentes que controlam essas respostas (variável independente).

Na apresentação do método, Skinner e Saussure distanciam-se muito, pois o linguista pontua suas considerações com aspectos psicológicos no seu objeto (conceitos e imagens acústicas), ao contrário de Skinner, o qual defende que não há como elaborar um estudo que aponte suas causas dentro do próprio objeto de estudo.

Uma característica que os autores discordam a respeito dos seus eleitos objetos a serem estudados é, de fato, o aspecto social/individual que carrega cada um. Quando Saussure (1916), afirma que seu objeto de estudo é “um produto social da faculdade da linguagem ao mesmo tempo que é um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício desta faculdade nos indivíduos” (p.17) distancia-se por completo de Skinner que não tem como principal objeto de estudo a análise das práticas verbais em uma dada comunidade, mas o comportamento do falante individual, mesmo admitindo que este comportamento é adquirido socialmente.

Saussure diz que a língua é um fato social, portanto, é observada nos indivíduos como um todo, pois, segundo o autor, os membros de determinada comunidade linguística associam e coordenam os mesmos conceitos às mesmas imagens acústicas.

Aqui, proponho um exercício, que coloca o objeto descrito por Saussure, sob os preceitos de Skinner. Se um analista do comportamento interessa-se pelo estudo da língua, perceberia tratar-se do conjunto de repertórios de operantes verbais de muitos indivíduos, sendo considerados como um objeto de estudo ao mesmo tempo.

Segundo as concepções da Análise do Comportamento podemos entender o caráter social da língua e o fato de que esta está depositada no cérebro de todos, e, simultaneamente,

em nenhum membro da comunidade de maneira integral com uma analogia, em que trocamos a *língua* por um *quebra-cabeças*. Nesta imagem, todos os membros de determinada comunidade tem um número determinado de peças coincidentes (repertório de operantes verbais) e uma parte do número total de peças que não coincidem entre os membros do grupo. Logo, para completarmos o quebra cabeça, isto é, o conjunto total de peças, precisamos observar todos os membros do grupo, considerando parte do repertório de um a completar parte do repertório do outro. Dessa maneira a *língua*, isto é, o quebra-cabeças (repertório de operantes verbais) só será “completo” ao considerar cada peça de todos os indivíduos. Além disso, o objeto de estudo da Linguística, conforme Saussure, não é a atividade dos indivíduos, mas o produto dessa atividade pulverizada no âmbito social.

Também podemos entender o objeto de Skinner (o comportamento do falante individual) na perspectiva da Linguística moderna. Este objeto, corresponde a uma parte germe da língua, ou seja, o circuito da fala, mas apenas em seu aspecto executivo. Contudo, não há equivalência neste trecho à objeção de Skinner ao mentalismo, isto é, à questão da capacidade de associação e coordenação espontânea da língua. Para o analista do comportamento não é nem a língua que associa o significante ao significado, nem o indivíduo, mas, entende-se tal processo como um pareamento de estímulos e contingências de reforçamento. O aspecto da Linguística que afirma que a língua está depositada na subjetividade dos indivíduo, equivale com algumas ressalvas, na Análise do comportamento, ao histórico de reforçamento.

A questão do registro pode aproximar um pouco os dois autores, já que, em suas respectivas obras, comentam sobre os problemas resultantes da escrita. Tanto Saussure, quanto Skinner apontam problemas encontrados no exame do comportamento verbal ou da língua ao serem representados pela grafia. Contudo Skinner é mais complacente nas críticas do que Saussure. Apostamos que seja pelo tipo de método implicado no material. Saussure, precisaria dos registros acústicos (fotografias acústicas) e as relações fonológicas exatas para seu estudo. Já Skinner, procurava um material que oferecesse informações das condições nas quais o comportamento verbal foi emitido.

Em consonância com os autores, o que podemos destacar de aproximação é a preferência, em suas concepções, pelo o uso do produto sonoro oriundo dos músculos de fonação, o qual é importante para os estudo, pois reagimos ao sons e não aos movimentos dos

músculos. Ambos autores concordam que a observação dos músculos diretamente não ajudaria na investigação haja visto que movimentações parecidas muitas vezes produzem sons diferentes.

Por fim, Saussure, aponta como material exclusivo do linguista aquilo que é interno na língua, deixando para outras discussões as partes externas da língua. Portanto, a Linguística tem sua primeira subdivisão e só a Linguística interna pavimenta o caminho metodológico de Saussure. Dessa maneira, só o funcionamento e as relações internas da língua ocupam lugar exclusivo na Linguística verdadeira para Saussure.

Assumindo posição contrária, destaca-se a concepção de Skinner, a qual aponta o comportamento verbal como variável dependente totalmente determinado pelas influências externas ambientais (variáveis independentes). Existe algo parecido com as concepções de Saussure que poderíamos enxergar no fato de que parte do comportamento verbal pode ser explicado por um funcionamento “interno” representado pelo operante verbal autoclítico. Contudo, é inadmissível não levar em consideração a determinação do ambiente externo nos operantes verbais que é de importância fundamental. Essa afirmação se opõe totalmente aos requisitos descritos para o verdadeiro objeto de estudo postulado pela Linguística moderna, segundo as concepções de Saussure. Além disso, não é possível afirmar, pelo que foi visto, que o funcionamento do operante autoclítico não tem qualquer vínculo com variáveis externas.

4. 2. 2 Implicações do objeto para o método.

Na obra de Saussure, o curso de Linguística geral, apresenta alguns pontos metodológicos que são impostos por algumas características do objeto de estudo. Como visto, os fatos da mutabilidade e imutabilidade da língua obrigaram a Saussure adaptar duas disciplinas para abranger totalmente seu objeto de estudo. Uma disciplina ocupa-se das evoluções, outra, de seus aspectos estáticos. Nesta pesquisa foi decidido que as explicações pormenores seriam voltadas para a linguística estática ou sincrônica. Contudo, os pontos nos quais Saussure impossibilita a mutabilidade da língua, podem ser considerados pelo ponto de vista de Skinner

A imutabilidade seria uma característica que implicaria fortemente em verificações no método, segundo Saussure. A imutabilidade da língua é atestada por Saussure em quatro pontos:

O *caráter arbitrário do signo* mostra que não há motivo para mudança de relação entre imagem acústica e conceito. As relações entre significante e significado não tem qualquer vínculo natural que obrigue a união dessa duas faces do signo linguístico.

Só em parte Skinner concordaria com esse fato apontado por Saussure. O comportamento verbal, segundo a Análise do Comportamento verbal, é o comportamento o qual age sobre o ambiente físico apenas indiretamente e é modelado e mantido por consequências mediadas pelo outro organismo (ouvinte). Assim foi visto, na proposta de Skinner, que em alguns operantes, a resposta altera sua probabilidade não por ter topografia relacionada ao estímulo¹⁸, mas pela consequência que esta produz a qual, por sua vez, também influencia na resposta. Desse modo, o caráter arbitrário da língua pode ser de fato um requisito para alguns operantes, mas nem todos, pois em relação a um operante ecóico, o falante é reforçado por repetir exatamente o estímulo presente, sem considerar seu “significado” ou qualquer coisa. Logo, no operante ecóico em que o falante deve dizer “gutibaianeves”, será reforçado pela comunidade verbal por repetir a porção sonora e não por associar a qualquer significado. Por outro lado, no operante verbal tato, não vemos a mesma coisa, pois frente a um estímulo não verbal, o falante deve emitir um padrão sonoro que não tem qualquer relação formal com o estímulo presente e o “vínculo” entre estímulo e resposta é totalmente arbitrário (imotivado). Em outras palavras, o que faz uma resposta verbal, que não tem proximidade formal com o estímulo, ser “associada” são as contingências de reforçamento e não qualquer característica formal dos elementos. Logo, com o que foi dito, para ambos autores (em parte para Skinner), os indivíduos não teriam motivos para preferir outros signos linguísticos, pois sua relação é arbitrária.

A respeito dos outros pontos que impossibilitam a mutação da língua consoante Saussure, a *multidão de signos* e o *carácter complexo do sistema*, seriam dois pontos importantes que, nas concepções de Skinner, também trariam impedimentos à mutabilidade da língua, pois seria necessário mudar todas relações de contingências de reforçamento para

¹⁸ A grosso modo poderíamos equivaler o significante (imagem acústica) com a resposta e o conceito (significado) as suas variáveis de controle.

pressionar uma mudança integral das práticas verbais. Mas o que Skinner poderia apontar é que frente mudanças abruptas no ambiente, os indivíduos irão modificar todas as relações no sentido que terão de se adaptar. Isso pode ser descrito quando um país é colonizado e os habitantes dessa região comportam-se diferente da maneira que se comportavam outrora. Outro exemplo que podemos apontar seria para um âmbito muito menor, como em uma família, a qual vive em uma cidade pequena muito afastada, e é contemplada com um filho com deficiência auditiva. Mediante as contingências de reforçamento, como já foi visto na história da linguagem de sinais no Brasil, uma língua completa e funcional pode evoluir desse ambiente familiar.

O que foi dito, relaciona-se com o último tópico sobre a imutabilidade da língua, ou seja, uma inércia coletiva a uma renovação da língua. Sob os pressupostos da Análise do Comportamento apontamos que se muitos membros de uma certa comunidade verbal comportam-se e assim tem consequências reforçadoras nas condições atuais, é muito evidente observarmos uma inércia à mudança, pois as condições antecedentes e consequentes nas quais os indivíduos emitem as respostas verbais não mudaram, portanto, não há qualquer determinação para a alteração de seus comportamentos.

Mas não podemos negligenciar o fato de Skinner assinalar a importância em distinguir as mudanças que têm lugar no falante individual (*fala/parole*), das mudanças nas práticas reforçadoras da comunidade como um todo que exigem muitas gerações (*língua/langue*).

4. 2. 3. Os métodos.

Observou-se que na pesquisa que os métodos de investigação de Skinner e Saussure estão estritamente relacionados aos seus objetos e concepções científicas. Dessa maneira, podemos concluir neste tópico que os autores sejam um tanto distantes um do outro.

Em nossa pesquisa pode-se notar que enquanto Saussure aponta dois eixos os quais determinam as disciplinas que serão base de seu método de investigação, Skinner não vê necessidade de modificar seu método, pelo fato das práticas das comunidades verbais se modificarem no decorrer do tempo. Dessa maneira, sua Análise do Comportamento trata da mesma forma qualquer aspecto de seu objeto, isto é, identifica as relações de controle realizando uma análise funcional.

Segundo nossa pesquisa, Saussure, descreve seu método vinculado à identidade dupla de seu objeto que impõe duas disciplinas para se descobrir as leis gerais das línguas. O estudo sincrônico da língua está no eixo das simultaneidades, por isso considera as relações coexistentes delimitadas sem a intervenção do fator *tempo*, daí o estudo de um estado determinado da língua. O estudo diacrônico é marcado pelo fator *tempo* e situa-se em outro eixo, o das sucessões. Tal distinção é apontada por Saussure como imprescindível, pois, sua ciência trabalha com valores.

Skinner deixou bem claro que não estuda o produto das práticas das comunidade verbais, mas em nome de uma comparação pretenciosa, será que poderíamos alinhar o método da Análise do Comportamento a alguma parte do método de Saussure? A sincronia poderia promover algumas aproximações entre os autores, contudo, Skinner atenta exclusivamente ao falante individual, eis a inevitável fenda entre as perspectivas metodológicas dos autores. Foi visto que Skinner, ao estudar o operante, diz que essa unidade de análise é viva, podendo modificar-se a depender das variáveis de controle. No caso de Saussure, a língua já está pronta na subjetividade da massa, a tarefa do linguista é descreve-la tal como ela é, separando os materiais constituintes das relações coexistentes (sincronia) daqueles materiais das sucessões influenciadas pelo tempo (diacronia).

Em compensação, a pesquisa aponta para uma aproximação interessante em relação às bases científicas dos autores. Saussure procura por meio de seu modelo epistemológico oferecer regras gerais de uniformidade e determinação da língua, como vemos nas leis sincrônicas e diacrônicas propostas em sua obra. Skinner igualmente tinha os mesmos objetivos. Acreditava na determinação do comportamento verbal com relações regulares as quais eram passíveis de um estudo científico. Mas, em tempo, mesmo com bases e objetivos epistemológicos semelhantes os métodos tinham natureza distintas resultando em conclusões opostas.

4.3 Unidades de análise e o Sistema da língua/comportamento verbal

4.3.1 Delimitações das unidades

Visto a disparidade do objeto de estudo e dos métodos empregados entre os autores, as unidades de análise mostraram na pesquisa certo distanciamento.

Em primeiro lugar, Saussure faz uma longa discussão sobre qual seria a unidade de análise de seu estudo, chegando a comentar que talvez não importe tal delimitação já que apresenta-se uma unidade muito clara à Linguística. Foi possível observar que em relação à unidade linguística uma verdade se impõe: trata-se de uma coisa dupla (signo linguístico) representada pela união de dois termos. Como foi destacado na pesquisa, para entendermos e delimitarmos a unidade de análise da linguística temos que compreender entidades concretas da língua, isto é, os signos, dos quais “um conceito é uma qualidade da substância fônica, assim como uma sonoridade determinada é uma qualidade do conceito” (SAUSSURE, 1916, p. 119). Uma face sem a outra não é mais estudo da Linguística, pois cada parte separada já tem sua disciplina; o conceito pertence à Psicologia e a substância fônica à Fonologia. Em base do que foi dito, por um momento Saussure considera que a unidade de análise da Linguística seja a palavra, pois compreende algumas das exigências para tal, entretanto, ao retomar o raciocínio, Saussure afirma ser uma unidade de análise problemática, já que se comparadas, as palavras podem constituir coisas distintas.

A questão da *identidade* da unidade concreta de análise mostra-se como um problema interessante assinalado por Saussure. Em uma parte da pesquisa testemunhamos uma relação importante feita por Skinner, a qual aproxima o *operante verbal* da *palavra*. Podemos relacionar a questão da identidade da unidade de análise que trata-se da palavra estar atrelada a um significado. Contudo, no meio de uma frase esse vínculo se afrouxa. Logo, segundo Saussure a identidade não é um bom caminho para delimitar a unidade concreta da língua, pois a depender dos termos que os circulam a relação entre material fônico e conceito se esvai.

O operante verbal, representa as possibilidades as quais podem arranjar o modelo de tríplice contingência. A palavra, muitas vezes representa parte dessa contingência de três termos, e, por isso, é aproximada do operante verbal. Quando isolada, a palavra, eventualmente, se for um tato, nos indica a resposta e o estímulo em cuja presença a comunidade verbal reforça a resposta. Contudo, é importante salientar a distinção entre palavra e operante. Vimos que Skinner elege o operante verbal como unidade de análise se contrapondo ao uso da *palavra* como unidade de análise, pois, a palavra é uma unidade formal do comportamento do falante, e como foi testemunhado nos resultados de nossa pesquisa o

operante verbal é uma unidade viva que nada tem a ver com a natureza da palavra, unidade eleita por boa parte dos linguistas.

É interessante, notar que mesmo com métodos tão dispares, Saussure e Skinner, concordam que o uso da palavra como unidade concreta de análise trata-se de um problema.

Saussure, também comentou sobre a realidade da unidade concreta ser problemática. Foi dito, que a classificação morfológica não é inegável, mostrado que a depender do jogo natural da língua tais categorias se quebram mostrando-se flutuantes. Logo, Saussure afirma que a noção de valor poderá fazer-nos compreender toda a questão. Eis o destaque que a língua é um sistema no qual os elementos têm uma relação de determinação mútua entre si. Assim, a delimitação da unidade está nas relações presentes em um determinado estado da língua. Ora, frente às concepções de Skinner, nota-se que esta determinação mútua pode relacionar-se fortemente com o operante verbal autoclítico, no qual o comportamento do próprio falante adquire controle sobre outras partes de seu comportamento. Podemos inferir que o jogo de determinação mútua da língua não é senão as palavras como variáveis de controle. Por exemplo, a emissão do operante verbal “*manga*” frente à fruta como estímulo presente será reforçado e podemos inferir que o estímulo não verbal (fruta) era a variável de controle para tal resposta. Por outro lado, se a resposta “*manga*” for acompanhada por outras respostas, como “da camiseta” em uma situação na qual exista um estímulo não verbal (fruta) não poderíamos afirmar com tanta certeza se é o estímulo não verbal (fruta) que determina dada resposta atuando como variável externa de controle. Pelo contrário, poderíamos inferir que a resposta “manga da camisa” seja função de outra variável de controle, sendo um outro operante verbal.

Assim, enquanto Saussure diz, que o valor linguístico é produto da determinação mútua entre os signos, Skinner diz que essa determinação não se restringe à determinação mútua entre os termos, mas à determinação das variáveis de controle externas ao sujeito. Logo, a função autoclítica poderia representar a contraposição de Skinner ao conceito de valor linguístico proposto por Saussure.

A partir do que foi dito, podemos aproximar os autores no que tange ao aspecto da palavra permitindo uma flutuação da sua significação e valor. Saussure exemplificou sua explicação com a palavra “*carneiro*” do português ou do francês, *mouton*, que têm a mesma significação que do inglês “*sheep*”, entretanto não o mesmo valor, já que no inglês apresenta

uma articulação de termos coexistentes que não estão presentes nas outras duas línguas. Tal afirmação foi descrita aqui para destacar a assimetria entre as línguas, ou práticas das comunidades verbais.

Em sua obra pesquisada, Skinner também nos deu exemplos sobre o fenômeno, os quais se assemelham ao que foi dito por Saussure. Foi possível observar que aspectos muito essenciais para uma determinada comunidade verbal reforçar algumas respostas de tato, não são pré-requisitos a outra comunidade. No exemplo de Saussure para a palavra *carneiro* do inglês, língua que possui duas palavras para designar aspectos mais específicos do estímulo não verbal, nota-se que determinadas propriedades do estímulo *carneiro* têm controle sobre respostas verbais distintas: uma resposta é reforçada frente ao animal "vivo" enquanto a outra resposta, apenas diante sua carne. Isso não é verdadeiro no francês e, tampouco no português, pois as comunidades verbais reforçam uma resposta específica para as duas propriedades do estímulo.

De qualquer forma, as unidades de análise parecem não trazer muitas discussões para Skinner, posto que são de fato os operantes verbais. Em contrapartida, Saussure encontra dificuldade no início em delimitar suas unidades de análise, pelo fato da língua ter por natureza mecanismos de determinação mútuo dos termos coexistentes. Logo, o valor das unidades da linguística estática são as relações de co-determinação dos termos. O que se deve salientar aqui é que ambos autores não delimitam suas unidades de análise com base na forma ou substância da resposta ou do signo, mas nas relações que os dois encontram a partir de seus métodos distintos. Skinner descortina as relações funcionais, enquanto Saussure, como dito anteriormente, destaca as relações entre os termos que se co-determinam. Eis uma proximidade bastante interessante entre os autores, visto que se consideramos o operante verbal autoclítico e o valor linguístico vemos que ambos circulam uma explicação de que os próprios termos das cadeias faladas ou respostas do falante determinam-se mutuamente.

4. 3. 2 *Sistema da língua ou características dos operantes verbais?*

A presente pesquisa culmina nas descrições sobre um funcionamento sistêmico tanto descrito por Saussure quanto por Skinner, os quais estão baseadas em seus respectivos métodos e teorias. O campo é extremamente interessante e coloca dificuldades para ambos autores.

Assistimos Saussure afirmar que a linguística sincrônica ocupa-se das relações circunscritas em um sistema e que o valor linguístico é importante para o entendimento desse sistema e de seus mecanismos, pois para apreender a língua é necessário entender o sistema que a constitui. Nesse momento, Saussure aponta que está tratando de um determinado estado da língua, ou seja, esse método é adaptado ao eixo descrito das simultaneidades e não das sucessões. Logo, nessa parcela do método saussureano, tudo se constitui por relações.

As relações se dão em dois eixos novamente: 1) a relação dos termos mediante o *caráter linear da língua*. Dessa maneira, o termo só ganha seu valor quando colocado em um sintagma, isto é, seu valor é determinado pelas relações de oposição aos termos que o precedem, ou aos que o seguem, ou a ambos; por outro lado, existe outra ordem de valores que Saussure menciona, esta está fora do *caráter linear da língua* e não respeita uma *extensão*, está no cérebro do indivíduo, as relações associativas dizem respeito ao eixo no qual uma palavra suscita muitas outras pelas mais diversas relações que a memória do indivíduo pode fazer. Assim, funciona o sistema da língua para Saussure.

Vale dizer, que o recorte feito para destacar um funcionamento que sugere um sistema no comportamento verbal é artificial e pautado no objetivo de comparação em relação as descrições de Saussure. Desse modo, percebe-se que toda questão sistêmica em Skinner não é o cerne de seu trabalho. Foi notado que as explicações de um funcionamento que sugere um sistema no comportamento verbal apoiam-se quase que exclusivamente no operante verbal de segunda ordem autoclítico. Contudo, explanações sobre aquisição de repertórios verbais também aproximam-se de alguns mecanismos que Saussure descreve no momento que explica a língua como um sistema.

Como foi visto e muitas vezes postulado, o operante autoclítico constitui-se do comportamento verbal o qual também está sob controle de parte do comportamento do próprio falante. Saussure, quando está discorrendo sobre as relações sintagmáticas, afirma que neste mecanismo verifica-se um princípio geral segundo o qual o “todo vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude de seu lugar no todo, e eis por que a relação sintagmática da parte com o todo é tão importante quanto a das partes entre si”. Também foi apontado que “unidades mais vastas, compostas elas próprias de unidades mais restritas, umas e outras mantêm uma relação de solidariedade recíproca” (SAUSSURE, 1916, p. 149). Ora, é inegável a aproximação que podemos fazer das relações sintagmáticas de Saussure com os operantes

intraverbais e o autoclítico. O operante intraverbal, determina uma série de respostas, as quais uma segue a outra sem ter correspondência formal e nem ponto a ponto. Eis a afirmação de Skinner, de que podemos entender algumas formas gramaticais a partir da instalação desse operante, haja visto o exemplo dado sobre a ordem dos números ou letras do alfabeto que são modeladas e mantidas por contingências de reforçamento à maneira intraverbal. Por exemplo, dizemos “A menina” no lugar de “menina A”. A contribuição do autoclítico é mais considerável à comparação. As relações de solidariedade remontam ao controle que as respostas do próprio falante exercem sobre outras respostas.

Em relação a outra característica importante apontada por Saussure, isto é, as séries associativas, podemos alinhar com a questão dos repertórios de comportamento dos sujeitos de uma dada comunidade verbal. A afirmação de Saussure sobre as relações associativas se situarem no cérebro dos indivíduos remontam às descrições de Skinner sobre o condicionamento operante. Saussure afirma que diferente das relações sintagmáticas cuja a ordem e número são determinados, das séries associativas não se poderia dizer o mesmo. Mediante a perspectiva skinneriana, as séries associativas não têm ordem nem número¹⁹ definidos, pois tal definição depende do histórico de reforçamento de cada indivíduo. Assim, um paradigma (eixo associativo) poderá ser muito mais amplo em um sujeito que trabalha escrevendo poesias em comparação a uma criança. Se também consideramos a língua como um objeto social tal como Saussure a descreve, ainda percebemos explicação de tal indefinição, podendo condicionar novas palavras sem qualquer limite prescrito.

Ainda sobre o autoclítico, podemos relacioná-lo com o que Saussure destaca sobre o caráter eventual de relatividade da arbitrariedade do signo, isto é, às vezes o signo, é sim, motivado. O exemplo dado é simples: a palavra *Vinte* é imotivada ao passo que dezenove não, porque evoca os signos que o compõem e outros que lhe estão associados. Sufixos, infixos etc., geralmente nos dão dicas de se o signo é *relativamente motivado*. A função autoclítica poderia ser uma descrição próxima de Skinner em relação ao trabalho de Saussure, pois é novamente nas relações de controle desse operante que encontramos as questões deste tipo.

Na obra de Skinner foi visto que tem que ocorrer a contingência de reforçamento para modelar e manter os comportamentos, contudo em alguns casos parece que não. A questão

¹⁹ Lembrando que há exceções, como no caso do paradigma de flexão cuja ordem é arbitrariamente descrita pelo gramático, mas o número é naturalmente definido.

sobre a aquisição de determinados comportamentos de modo especial do falante individual, lembram alguns mecanismos pelos quais Saussure entende o funcionamento da língua. Foi testemunhado em nossa pesquisa que Skinner aponta para dois processos pelos quais se dá a aquisição de repertórios comportamentais: o primeiro, seria pelas contingências de reforçamento as quais reforçam diretamente a resposta verbal; no segundo processo, o operante emerge a despeito das contingências de reforçamento diretas. Esses são os casos dos operantes ampliados processo cuja natureza faz aproximar-se muito do que Saussure menciona sobre o corte paradigmático sobre os sintagmas.

Vale ressaltar que Saussure tem como objeto o produto das práticas sociais linguísticas (a língua/*langue*) e não trabalha com o individual (fala/*parole*). As séries associativas é que delimitam o tamanho dos sintagmas, conseqüentemente, o termo *desejoso*, o qual já foi usado aqui como exemplo, pode ser decomposto em duas subunidades (desej + oso), entretanto, o sufixo "oso" só tem *valor* pela sua ação recíproca numa unidade superior (nota-se que essa trata-se de uma das características do autoclítico!). Seu lugar na língua é garantido por uma série de termos usuais como *calor-oso*, *duvid-oso*, etc. Essa delimitação de Saussure poderia equiparar-se à questão dos operantes verbais ampliados, mas também, de maneira especial, ao autoclítico relacional, o qual, em alguns casos, trata-se de uma *frame*, ou “arcabouço” de comportamento verbal cujos espaços vazios são preenchidos por operantes verbais controlados por variáveis próprias de uma situação específica.

Desse modo, um processo de aquisição especial de comportamento verbal poderia ser equivalente ao corte sofrido nos sintagmas pelas séries associativas, a qual, segundo a análise do comportamento, é o controle independente de unidades mais diminutas sobre outras unidades de comportamento verbal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao propor relações de aproximações e distanciamentos entre a Linguística sincrônica descrita na teorias de Saussure com as concepções de Skinner transcritas na Análise do comportamento, foi percebido que algumas concepções acerca do funcionamento sincrônico na língua, estão espalhados na teoria sobre o comportamento verbal de Skinner e o contrário também acontece.

Assim, a partir do método empregado nessa pesquisa, foi visto que as categorias selecionadas para relacionar os autores são meramente didáticas e artificiais posto que os fenômenos estudados por Saussure e Skinner resultam em concepções sobre o material estudado que não respeitam as categorias fundamentais estabelecidas nessa pesquisa. Logo, as categorias epistemológicas selecionadas (objeto de estudo, método, unidades de análise, concepção de sistema) não delimitaram muito bem as teorias dos autores a ponto de conter os conteúdos que extrapolaram as barreiras e mostraram-se espelhados na obra do autor oposto, entretanto, levando em conta as particularidades dos autores selecionados, isso poderia ser esperado.

É lícito afirmar que para verificar distanciamentos entre os autores foi necessário nos apoiarmos em algum ponto de referência, nesse caso, os imprescindíveis conceitos fundamentais epistemológicos: objeto de estudo, método científico, unidades de análise e concepção de ciência, tornaram possível enxergar as distinções entre os autores por uma ótica muito interessante.

Acredito que a pesquisa cumpriu seu objetivo em promover um diálogo rico entre as concepções metodológicas e teóricas de ambos autores em um lugar efetivo para debater e conhecer.

Finalmente, sugerimos que a pesquisa seja continuada, pois levamos em conta exclusivamente o estudo da linguística sincrônica relacionado ao trabalho de Skinner, deixando em aberto as possíveis relações entre a Análise do Comportamento com a perspectiva diacrônica da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, E. (1963) - *Problemas de linguística geral*; trad. Eduardo Guimaraes... et al. Campinas, SP : Pontes, 1989.
- BRINO, A. L. F & SOUZA, C. B. – Comportamento verbal: uma análise da abordagem skinneriana e das extensões explicativas de Stemmer, Hayes e Sidman. *Interação em Psicologia*: p.251-260. 2005. Disponível em <http://www.comportamentohumano.net/hayes.pdf> visitada em 20 de Outubro 2013.
- CULLER, J. – A Teoria saussuriana da linguagem. *As idéias de Saussure*. São Paulo: Coltrix, 1979.
- FIORIN, J. L. – *A Teoria dos Signos* in FIORIN, J. L. (org.) Introdução à **linguística**. Objetos teóricos. 5 ed. São Paulo: Contexto,2007.
- MATOS, M. A. – As categorias formais de comportamento verbal em Skinner. In: *Anais da XXI reunião anual da sociedade de psicologia de Ribeirão Preto*: p. 333-341. São Paulo, 1991. Disponível em http://www.itercampinas.com.br/pdf/outros/as_categorias_formais_de_comportamento_verbal.PDF visitada em 23 de Março de 2014.
- MIRANDA, R. & CIRINO, S. – Língua e Comportamento Verbal: diálogos entre a linguística e a análise do comportamento. (Resenha do Livro *Bloomfield e Skinner: língua e comportamento verbal*. Maria de Lourdes Passos, 2004. Rio de Janeiro: NAU. 320p). Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v9n2/v9n2a17.pdf> visitada em 18 de Maio de 2014.
- PASSOS, M. – *Bloomfield e Skinner: língua e comportamento verbal*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.
- PEREIRA, M. – *O estudo da linguagem pela psicologia: uma aproximação entre Skinner e Bakhtin*. São Paulo: EDUC, 2000.
- PETTER, M. – Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN. José Luis (org.) *Introdução à Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2004. Vol I.

PIETROFORTE, A. – *A língua como objeto da Linguística*. in FIORIN, J. L. (org.) Introdução à linguística. Objetos teóricos. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007

SAUSSURE, F. (1916) – *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Ed Cultrix, 1999.

SKINNER, B. F. (1953) – *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, B. F. (1957) – *Comportamento verbal*. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1978.

SKINNER, B. F. (1957) – *Verbal behavior*. Acton, Massachusetts: Copley Publishing Group, 1992.

SKINNER, B. F. (1974) – *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.